

ALÉM DA GEOMETRIA: O ESPAÇO DO APRENDIZADO NO LÚDICO

MARINA BONESSO SABADINI

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S113a	Sabadini, Marina Além da Geometria: o Espaço do Aprendizado no Lúdico / Marina Sabadini. -- São Carlos, 2021. 134 p.
	Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.
	1. espaço lúdico. 2. espaços pedagógicos . 3. arquitetura escolar. 4. contraturno. 5. cidade de São Carlos. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



ALÉM DA GEOMETRIA: O ESPAÇO DO APRENDIZADO NO LÚDICO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARINA BONESSO SABADINI

SÃO CARLOS, 2022

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)
AMANDA SABA RUGGIERO
FÁBIO LOPES DE SOUZA SANTOS

Coordenador do Grupo Temático (GT)
FÁBIO LOPES DE SOUZA SANTOS



Além da Geometria: O Espaço do Aprendizado no Lúdico

Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao Instituto de
Arquitetura e Urbanismo da USP – Campus de São Carlos.

Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA:

Amanda Saba Ruggiero
IAU | USP

Fabio Lopes de Souza Santos
IAU | USP

Adriana Freyberger
UNICEP

RESUMO

Ao pensarmos em um projeto arquitetônico, não nos referimos apenas ao espaço físico ali disposto, mas nas relações que aquela cria com a cidade, com a comunidade e com as emoções agregadas pelas pessoas que ali convivem. A arquitetura é sentida, e, assim como colocado por Pallaasmaa, “transcende” a geometria. Projetar para crianças e jovens é pensar em uma arquitetura que unida à imaginação, pode se transformar constantemente, sem perder sua forma inicial e seu ideal de oferecer a eles a possibilidade de desfrutar de seu espaço-tempo de maneira única e completa. O presente projeto de TGI buscou trazer reflexões sobre a importância da integração de espaços escolares na comunidade e de espaços lúdicos no aprendizado. A proposta arquitetônica, na cidade de São Carlos, investiga um espaço que tenha plasticidade para incorporar a imaginação e criatividade da criança e jovem e compreender o quanto o ambiente os influencia. Sendo assim, o projeto se materializou em um contraturno parque, onde há uma grande cobertura com diferentes usos destinados a crianças e jovens e mobiliários que instiguem a apropriação. Ao seu redor, áreas de lazer abertas ao público, criando uma relação com a comunidade e com outros equipamentos.

palavras chaves: espaço lúdico. espaços pedagógicos. arquitetura escolar. contraturno. cidade de São Carlos.

ÍNDICE

REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES

CONTRATURNO PARQUE:
UMA PERSPECTIVA SOBRE ESPAÇOS PEDAGÓGICOS

UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO

ENTRE IDEIAS E PRÁTICA

O PROGRAMA E A CIDADE

MATERIALIZAÇÃO

O OLHAR PARA DENTRO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIA



“quando uma criança redescobre a cidade,
a cidade nos redescobre”
(Aldo van Eyck, 1962)



“A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo. (...) O espaço arquitetônico é um espaço vivenciado, e não um mero espaço físico, e espaços vivenciados sempre transcendem a geometria e a mensurabilidade”
(PALLASMAA, 2009)

REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES

Espaços possuem a intrigante capacidade de transmitir sensações, emoções e memórias, extrapolando o mundo físico, criando uma realidade além daquela apenas perceptível pela visão. A criação desses estímulos não se deve só à arquitetura e seu idealizador, mas também àqueles que vivem o ambiente e criam significados em sua convivência. É uma ação compartilhada: ao mesmo tempo que o ambiente influencia o comportamento do indivíduo, esse interage e contribui para o espaço vivido.

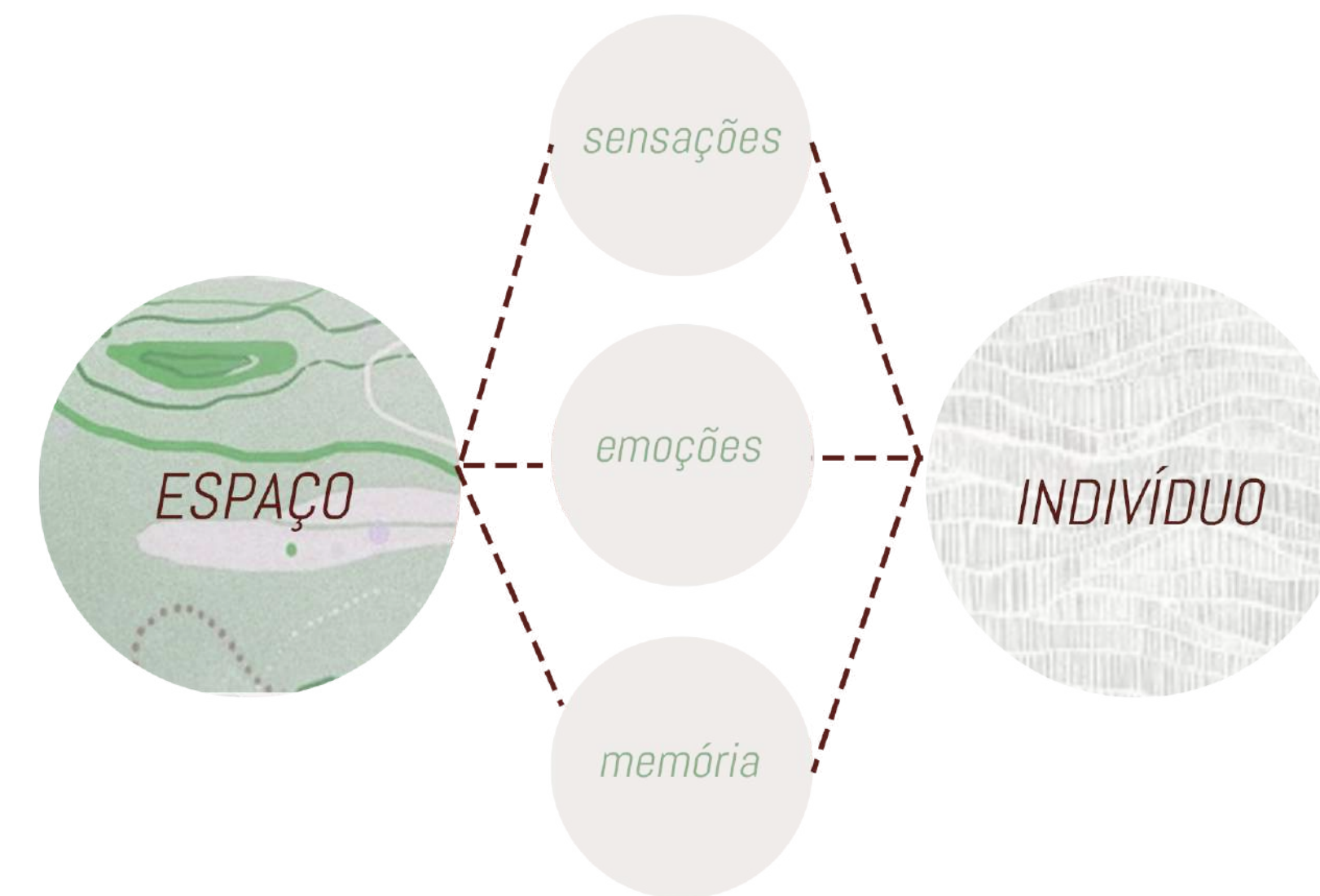
Nesse contexto se insere a Psicologia Ambiental que envolve as relações entre pessoa e ambiente, compreendendo o modo como os espaços influenciam o comportamento dos indivíduos, os significados atribuídos a eles e os processos psicossociais subjacentes a cada situação. (CAVALCANTE & ELALI, 2018).

Esse projeto de TGI busca compreender esse conceito, para assim, criar uma proposta de arquitetura que, como colocado por Pallasmaa (2009), intensifique a vida, relacionando, mediando e projetando significados.

Por vezes, o modo de criação do arquiteto se assemelha a ação de uma criança, que em sua brincadeira, busca concretizar o seu imaginário no mundo real, criando dentro desse, um mundo à parte, dando formas a impulsos criativos. Dessa relação, nasce o desejo de unir espaços materiais com existências humanas, a partir da investigação de uma arquitetura para indivíduos cuja a imaginação e criatividade ainda não foram inibidas por um mundo funcional.

O mundo e a arquitetura se tornam um objeto de exploração e apropriação para as crianças, que criam um novo e múltiplo universo, repleto de possibilidades para a realização de suas aventuras, e ao brincarem, investigam, aprendem, se desenvolvem e recriam o espaço. Aldo van Eyck, arquiteto holandês, foi um dos primeiros a consolidar espaços destinados a criança na malha urbana. Eyck acreditava que a arquitetura nunca se encerrava em sua dimensão estética e na sua forma física, mas que ela só se realizava com as pessoas. Ao projetar para as crianças, o arquiteto concebe seus projetos para o olhar delas, buscando uma arquitetura que desse um poder de atuação à criança dentro da cidade, uma vez que “quando uma criança redescobre a cidade, a cidade nos redescobre” (Aldo van Eyck,1962).

Segundo a arquiteta Mayumi Souza Lima, o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça do adulto, para conse-



guir medi-lo e vende-lo. Já para a criança os elementos objetivos e subjetivos dos espaços são percebidos e compreendidos de maneira integrada. A criança funde a percepção física do ambiente com suas cores, calores e sentimentos relacionados ao lugar: "para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços da liberdade ou da opressão" (LIMA, 1989). Isso se deve ao fato de a criança ainda estar descondicionada do mundo funcional, e é nesse sentido que se insere o conceito de "cultura da infância".

A infância é um período único e fundamental na formação do indivíduo, um momento de descobertas e de início da relação do corpo com o espaço. A partir da brincadeira a criança reúne fragmentos do mundo real com elementos do seu imaginário, criando um universo próprio e recriando o mundo físico, ao atribuir um valor subjetivo a ele. Entende-se por cultura da infância, a capacidade das crianças em construir, de forma sistematizada, modos de significação do mundo e de ação intencional, distinta dos modos adultos de significação. (SARMENTO, 2003)

Foi a partir do século XX que esse conceito passou a ser estudado e consolidado através da Psicologia Infantil. A infância não constitui uma categoria universal, não existe uma única cultura da infância, mas diferentes vivências deste período da vida. Esse conceito é muito plural, está diretamente relacionado e condicionado às culturas sociais, relações de classe, gênero e etnia. Ou seja, a visão que temos hoje de criança e de infância é consequência de uma longa construção histórica, que, no Brasil, está muito associada a questões sociorraciais e de gênero.

Mesmo existindo inúmeras infâncias, na cultura contemporânea, foi elaborado um modelo único que se

refere à criança urbana de classe média/alta. Nesse sentido, constrói-se um imaginário sobre a criança, que é calçado na vivência concreta das classes superiores da nossa sociedade (CARVALHO & SALLES & GUIMARÃES, 2002). A realidade do nosso país é que grande parte das crianças vivenciam a infância de maneira restrita e com privações.

Essa situação se agrava em arranjos familiares monoparentais, pois na maior parte dos casos, envolvem uma mãe (sem cônjuge), com crianças pequenas e fora do mercado de trabalho. Muitas dessas chefes de família não têm com quem deixar os filhos durante todo o dia e acabam se inserindo em empregos precários, com salários inferiores. Nos últimos anos houve um grande salto do número de mulheres chefes de família. Muitas reforçam o fenômeno da feminização da pobreza, onde a chefia é caracterizada como uma forma de sobrevivência e, não a um empoderamento feminino. (CAVENAGHI & ALVES, 2018)

Nesse contexto, o presente projeto de TGI, tem como objetivo refletir sobre essa situação, oferecendo uma proposta arquitetônica de um espaço que permita que as crianças explorem e agreguem de forma lúdica, suas sensações, emoções e memórias. Objetiva-se oferecer um espaço que tenha plasticidade, para estar integrado a infinita imaginação das crianças, permitindo assim, compreender como o espaço interfere no comportamento das crianças, e quanto elas o influenciam.

Espera-se que do ponto de vista social, o acolhimento das crianças no espaço proposto, poderá evitar que elas se envolvam com a violência e atividades laborais precoce, oferecendo para suas mães oportunidades únicas.



CONTRATURNO PARQUE: UMA PERSPECTIVA SOBRE ESPAÇOS PEDAGÓGICOS

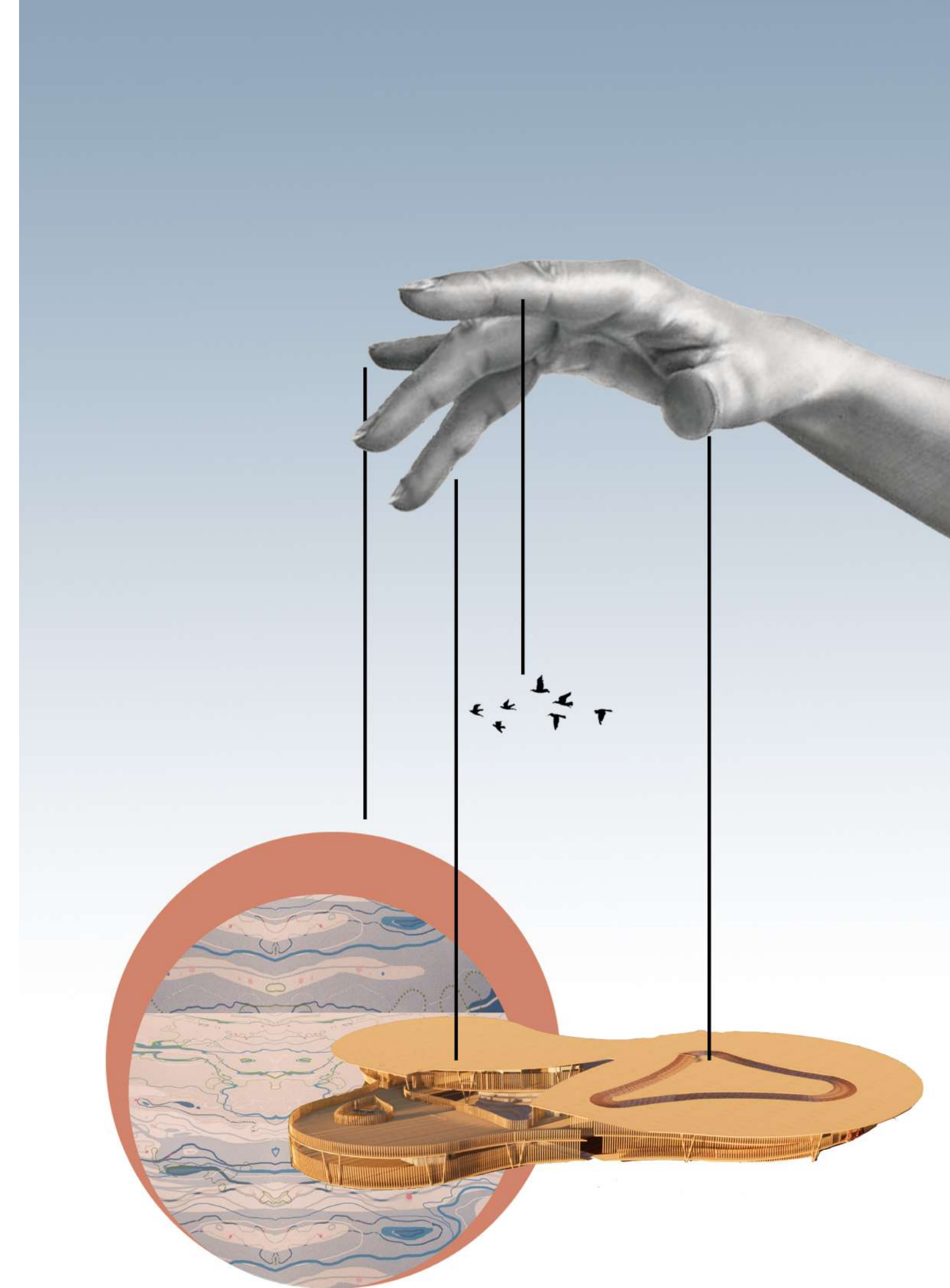
“A educação se dá em tempo integral, na escola, na família, na rua, em todos os turnos, de manhã, de tarde, de noite, no cotidiano de todas as nossas experiências e vivências. O tempo de aprender é aqui e agora. Sempre.
(GADOTTI, 2009)



O presente projeto de TGI tem como objetivo a experimentação projetual e espacial de um espaço de Contraturno Escolar na cidade de São Carlos. O projeto traz reflexões sobre uma arquitetura que dá espaço à criatividade da criança e do jovem, fazendo com que esses tenham acesso a meios que permitam seu desenvolvimento cognitivo completo, potencializando suas percepções de espaço e corpo, afluindo seu senso crítico. Espera-se que a apropriação da arquitetura oferecida, permita que seus usuários desfrutem de seu auto desenvolvimento.

A proposta do projeto é criar um espaço de empoderamento e pertencimento, mostrando alternativas e oferecendo perspectivas aos jovens, além de ser um ambiente de apoio a famílias e mães. Esse espaço busca estar associado a comunidade, criando responsabilidades coletivas, conectado a cidade e seus outros equipamentos, tornando evidente a presença da criança e do jovem no cotidiano da vida, enfim, os tornando agentes sociais.

O projeto se estrutura como um "CONTRATURNO PARQUE", que acolherá crianças e jovens nos horários em que não estão em aula. Possuirá uma edificação central, onde se desenvolverá a maioria das atividades e, um espaço ao redor que funciona como praça e parque, com áreas de lazer, que pode atender a comunidade local, criando com ela, uma relação de pertencimento e preservação. O projeto está inserido na região de nascente de um córrego (hoje deteriorado), que estará ambientalmente integrado.





“O importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora”
(MIA COUTO)

UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO



A cidade de São Carlos é reconhecidamente um centro de desenvolvimento e tecnologia, o que está diretamente associado à presença de grandes universidades. Todo ano, centenas de estudantes de diferentes regiões do Brasil ingressam nessas universidades, porém, infelizmente, apenas uma pequena parcela desses fizeram parte do sistema de ensino público da região.

Durante o ano de 2018, tive a oportunidade de conhecer escolas públicas de São Carlos e vivenciar sua realidade. Particpei do projeto Pontinha, grupo que busca oferecer às crianças de São Carlos oportunidades de desenvolvimento por meio de atividades escolares. Além de oferecer aulas às crianças de escolas públicas, o projeto também funcionava como uma ponte entre essas crianças e as universidades públicas, que muitas vezes eram vistas como algo inatingível. Em conversa com coordenadoras e diretoras das escolas, era solicitado inúmeras vezes que nós apresentássemos essa possibilidade aos alunos, e frequentemente, eles não tinham conhecimento das universidades ou consideravam algo fora de sua realidade.

Esse contato motivou o presente projeto de TGI, cujo objetivo é trazer mais oportunidades a crianças de classes sociais inferiores, oferecendo acesso a estruturas pré-existentes e futuras e fornecendo a elas poder de atuação na cidade de São Carlos. E com isso, trazer algum retorno à cidade que tanto me ofereceu durante os anos de graduação.



Emeb Antônio Steila Moruzzi



Escola Estadual Professor Aduar Kemell Dibo

fotos autorais

SÃO CARLOS^{SP}

POPULAÇÃO (2020)

254.484 hab

DENSIDADE DEMOGRÁFICA

195,15 hab/km²

ÁREA/ÁREA URBANA

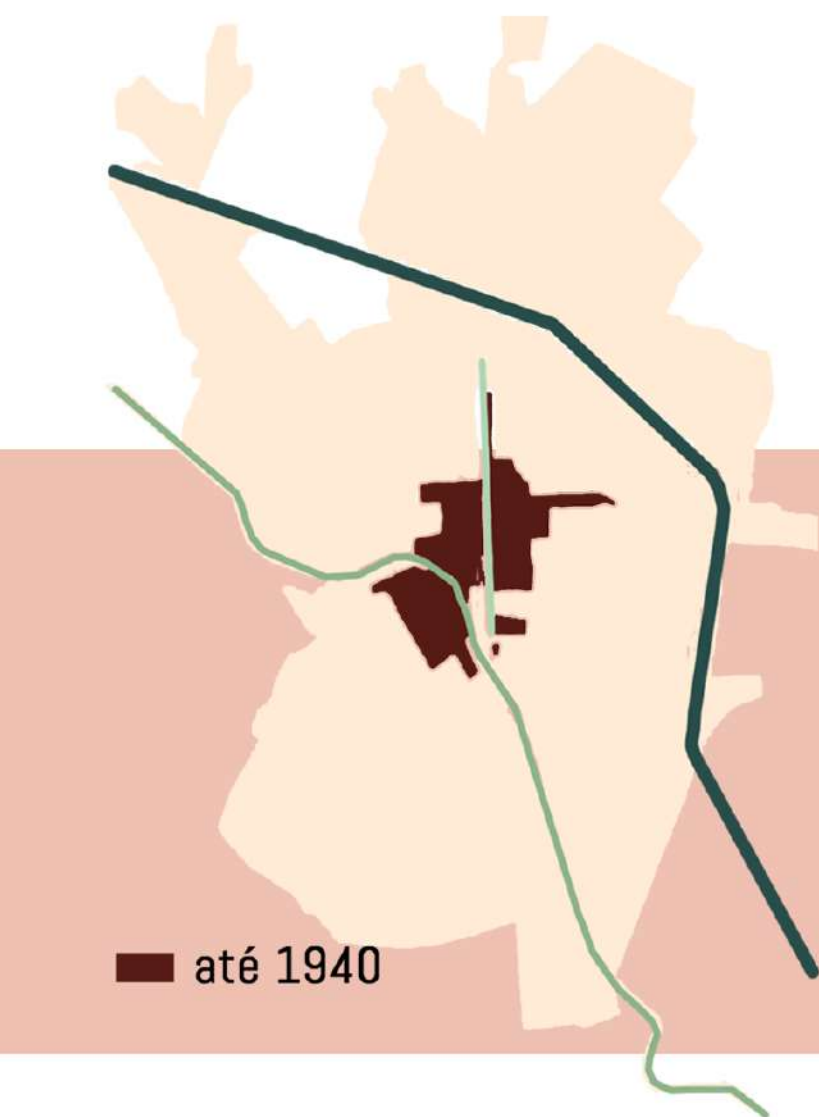
1.137km² / 67,65km²

TAXA DE ESCOLARIZAÇÃO

97,9% (de 6 a 14 anos)

ENSINO FUNDAMENTAL/MÉDIO

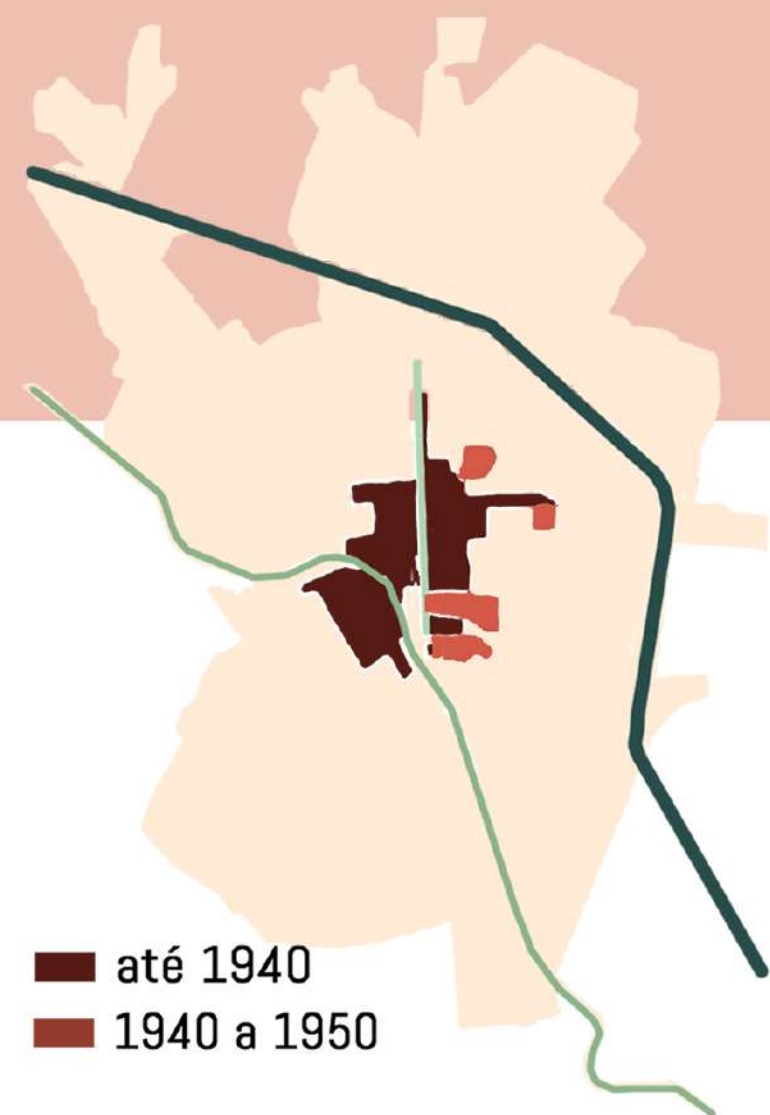
71/39 escolas



até 1940

PRIMEIRO PERÍODO
1857 (FUNDAÇÃO DA CIDADE) - 1929

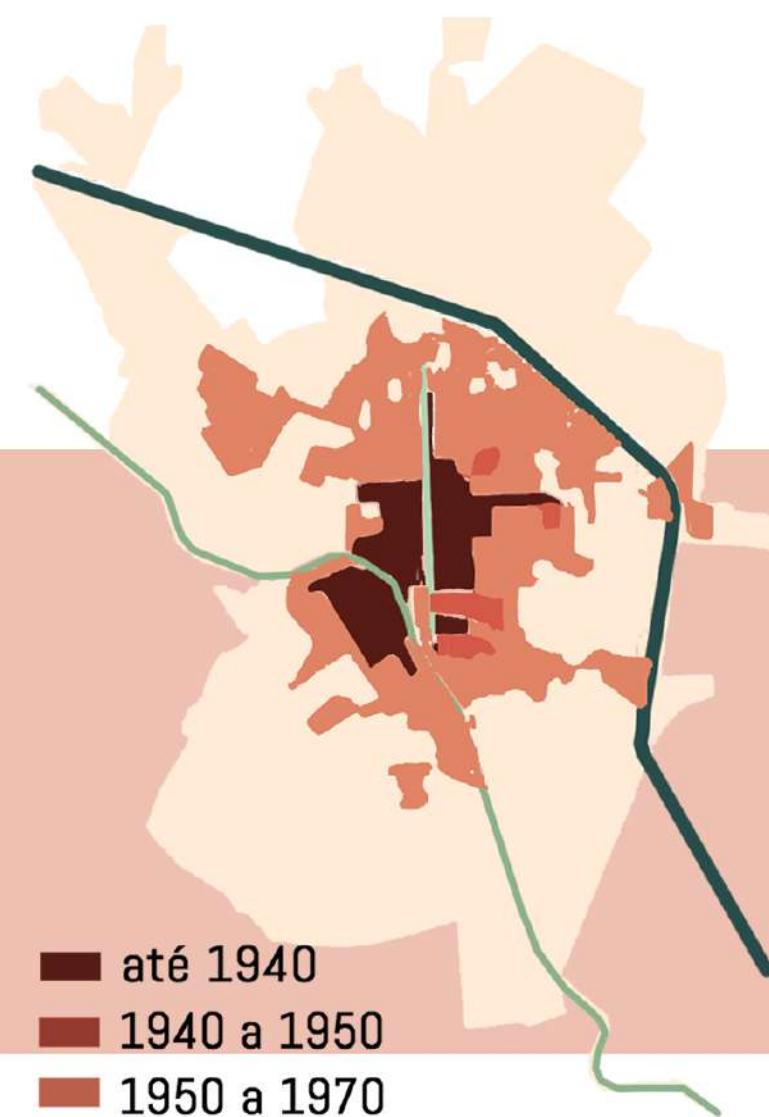
primeiro traçado da cidade.
o aparecimento da ferrovia, decorrente do crescimento da produção de café, atrai a expansão e o prolongamento das ruas



até 1940
1940 a 1950

SEGUNDO PERÍODO
1930 - 1959

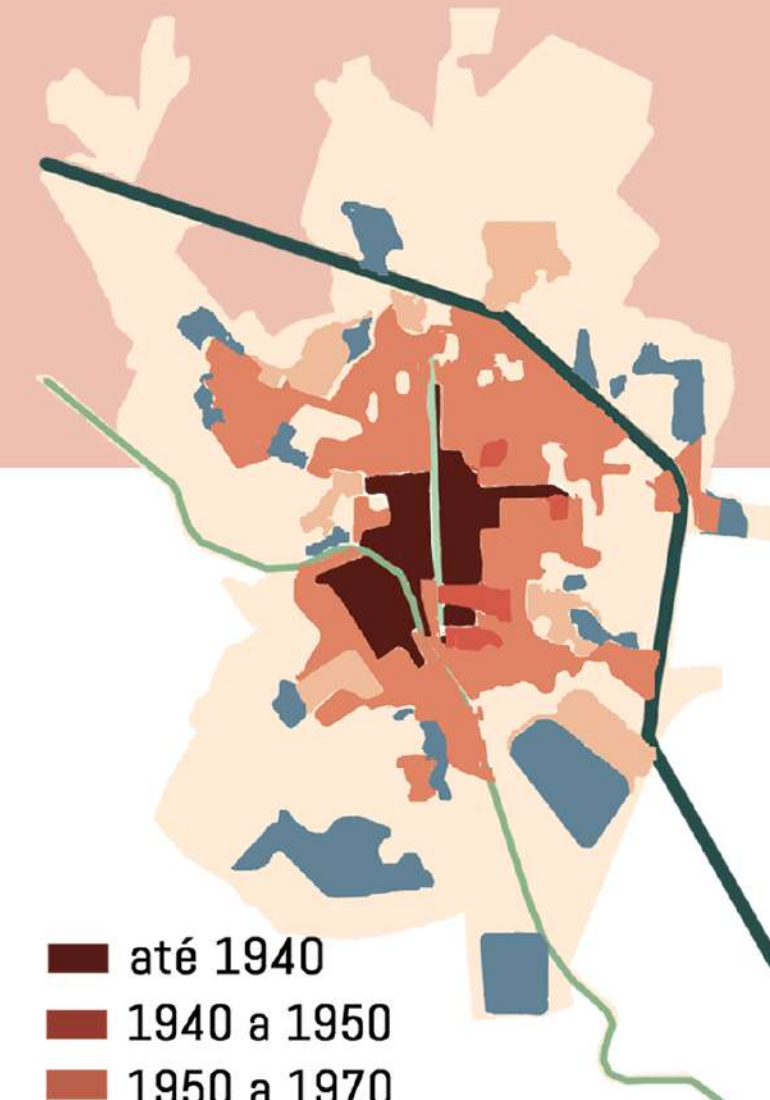
aceleração da expansão da cidade devido a consolidação da economia industrial. loteamentos baratos para a população de baixa renda, revertidos em grandes lucros aos proprietários



até 1940
1940 a 1950
1950 a 1970

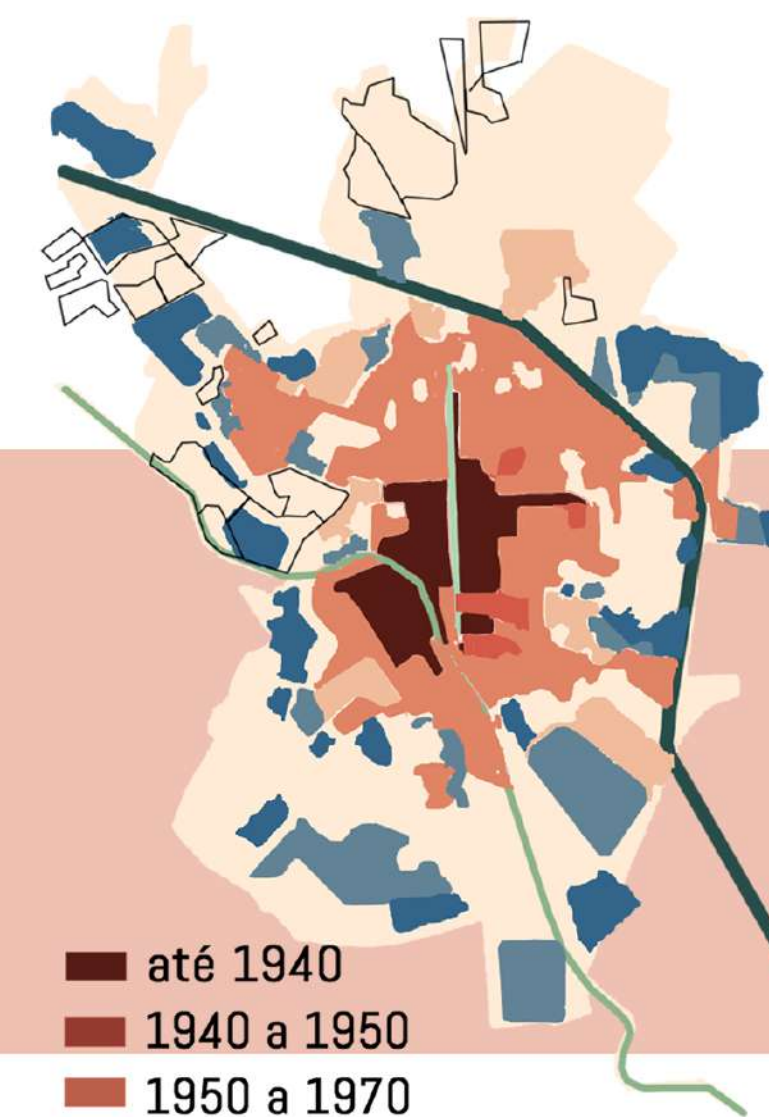
TERCEIRO PERÍODO
1960 - 1977

expansão descontrolada da cidade no sentido da periferia a qual teve ações empreendedoras altamente guiadas pela especulação imobiliária.



até 1940
1940 a 1950
1950 a 1970
1970 a 1980
1980 a 1990

loteamentos esparsos
aumento da mancha urbana
QUARTO PERÍODO
a partir de 1980



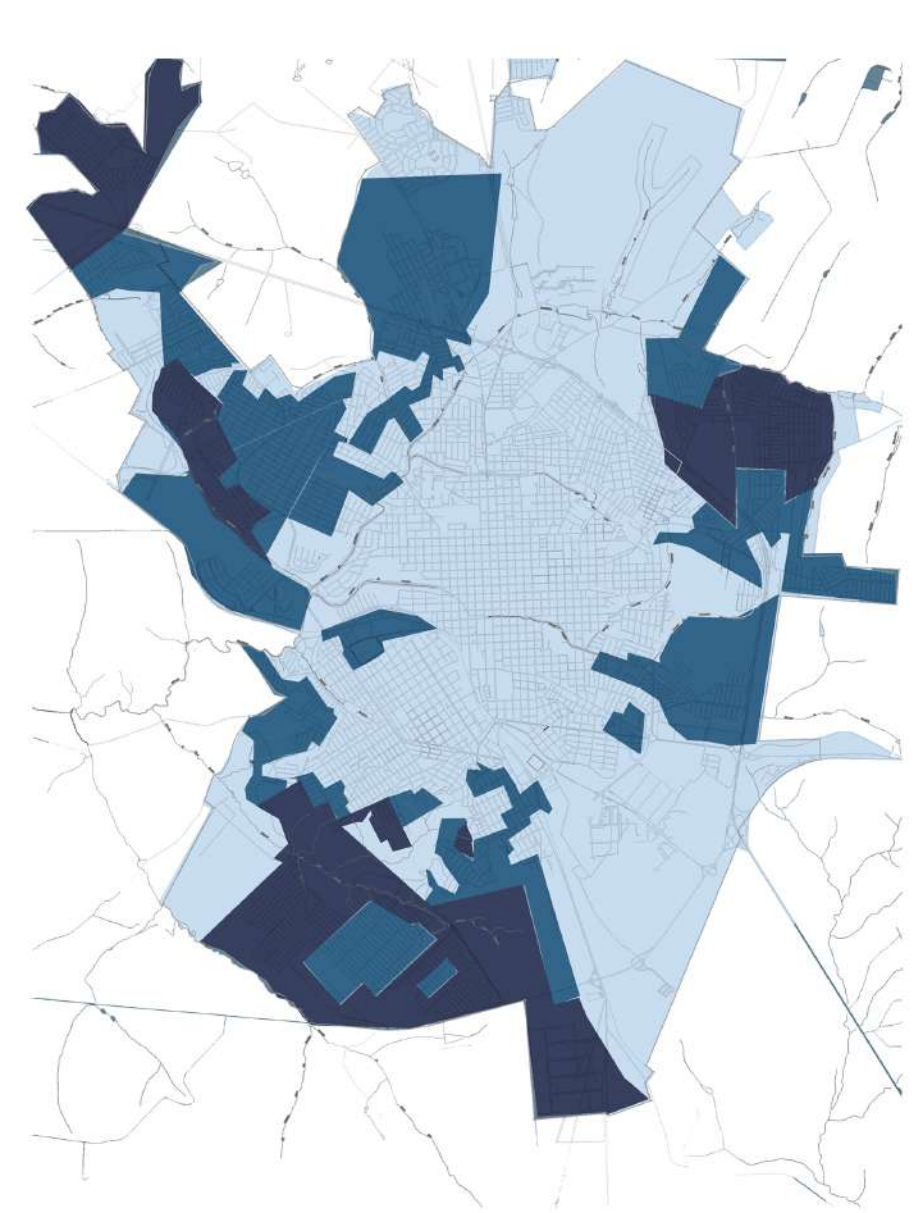
até 1940
1940 a 1950
1950 a 1970
1970 a 1980
1980 a 1990
1990 a 2002

condomínios fechados

ANÁLISE DA POSSÍVEL ÁREA DE INTERVENÇÃO

MAPA E DADOS QUE FORAM ANALISADOS PARA A DEFINIÇÃO DO TERRITÓRIO

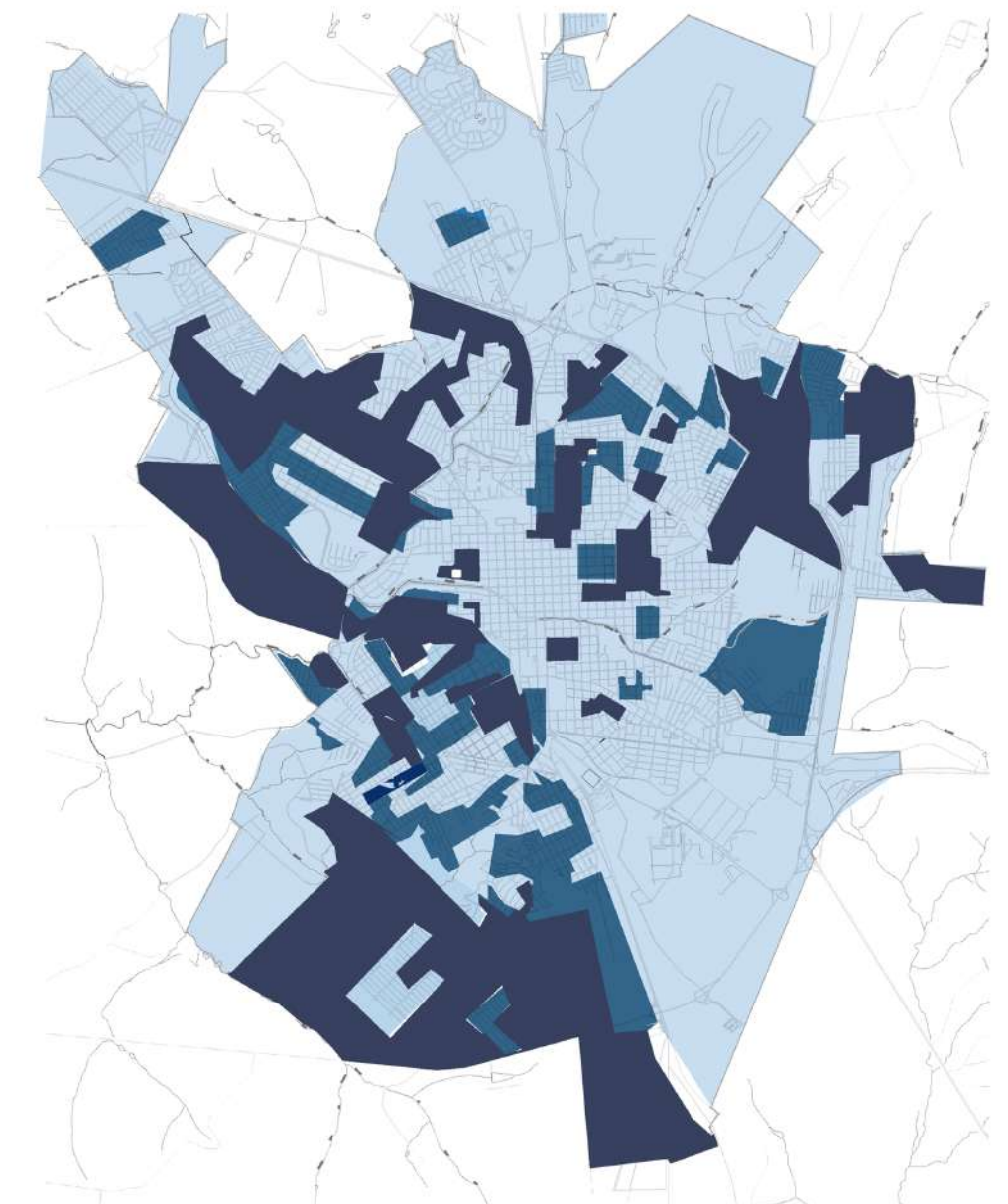
Para encontrar um território ideal e adequado para o desenvolvimento do projeto, considerou-se necessário analisar os dados mapeados referentes a "pessoas de 0 a 15 anos", "renda inferior ou igual a R\$1.500,00", "mulheres responsáveis por domicílio" e "localização dos estabelecimentos de ensino". Esses dados foram mapeados a partir do QGIS com base nas tabelas oferecidas pelo IBGE. Além disso, também foi analisado os meios de transporte/conexões da cidade e o mapeamento geotécnico.



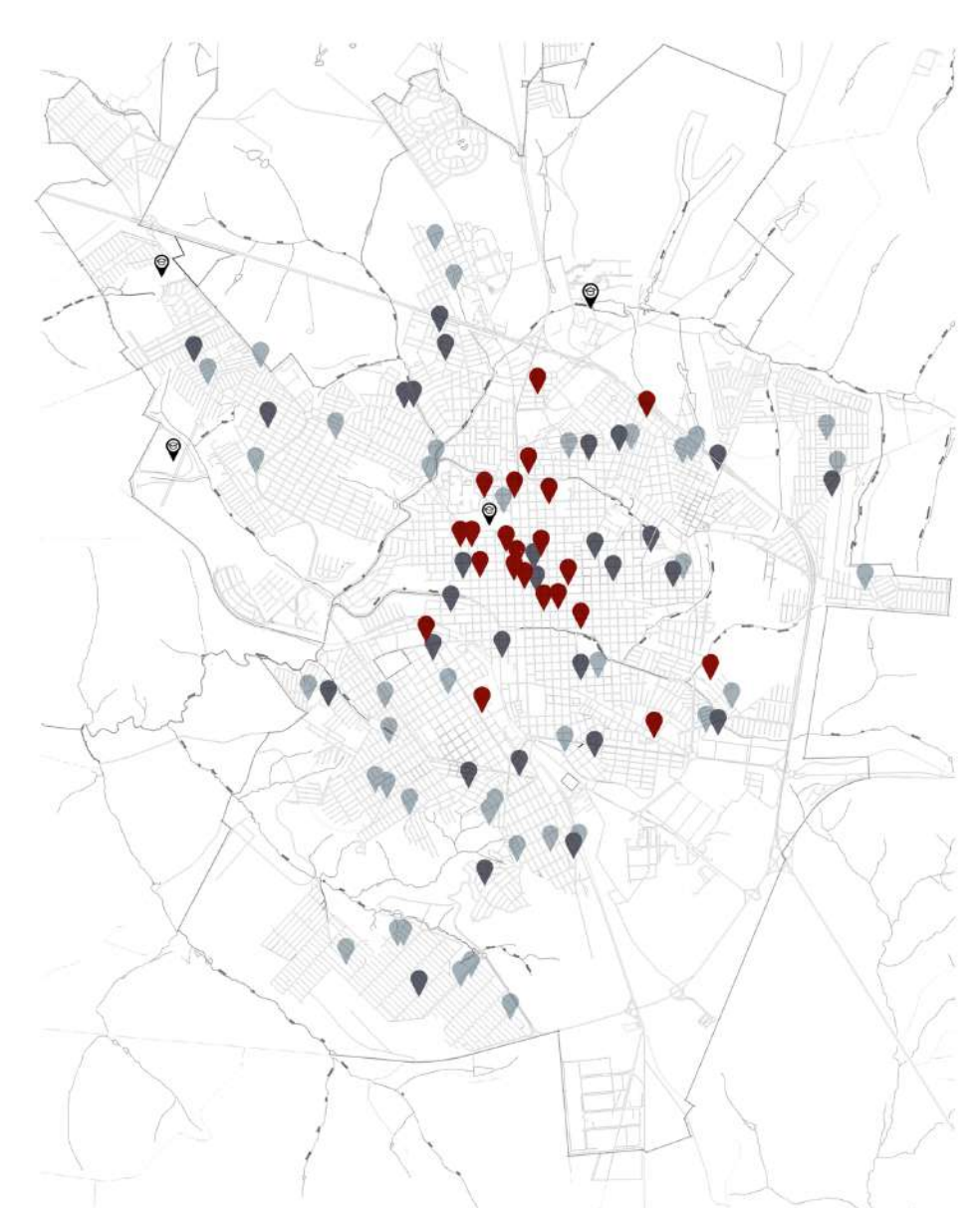
PESSOAS DE 0 A 15 ANOS (pessoa13_uf.xls / v022 - v049)
 00 - 79
 80 - 141
 141 - 439
 fonte: IBGE 2010.



Rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes até R\$1.500,00
 fonte: IBGE 2010. (básico_UF.xls / v005)



MULHERES RESPONSÁVEIS PELO DOMICÍLIO (responsável01_UF.xls / v001)
 00 - 83
 83 - 100
 100 - 327
 fonte: IBGE 2010.



ESTABELECIMENTOS DE ENSINO
 escolas municipais
 escolas estaduais
 escolas particulares
 universidades



Alocação de viagens realizadas de ônibus.
 fonte: SILVA, A. Nelson. Padrões de deslocamento na cidade de São Carlos - SP em 2007/2008 Pesquisa Origem - Destino. São Carlos, SP, 2010.

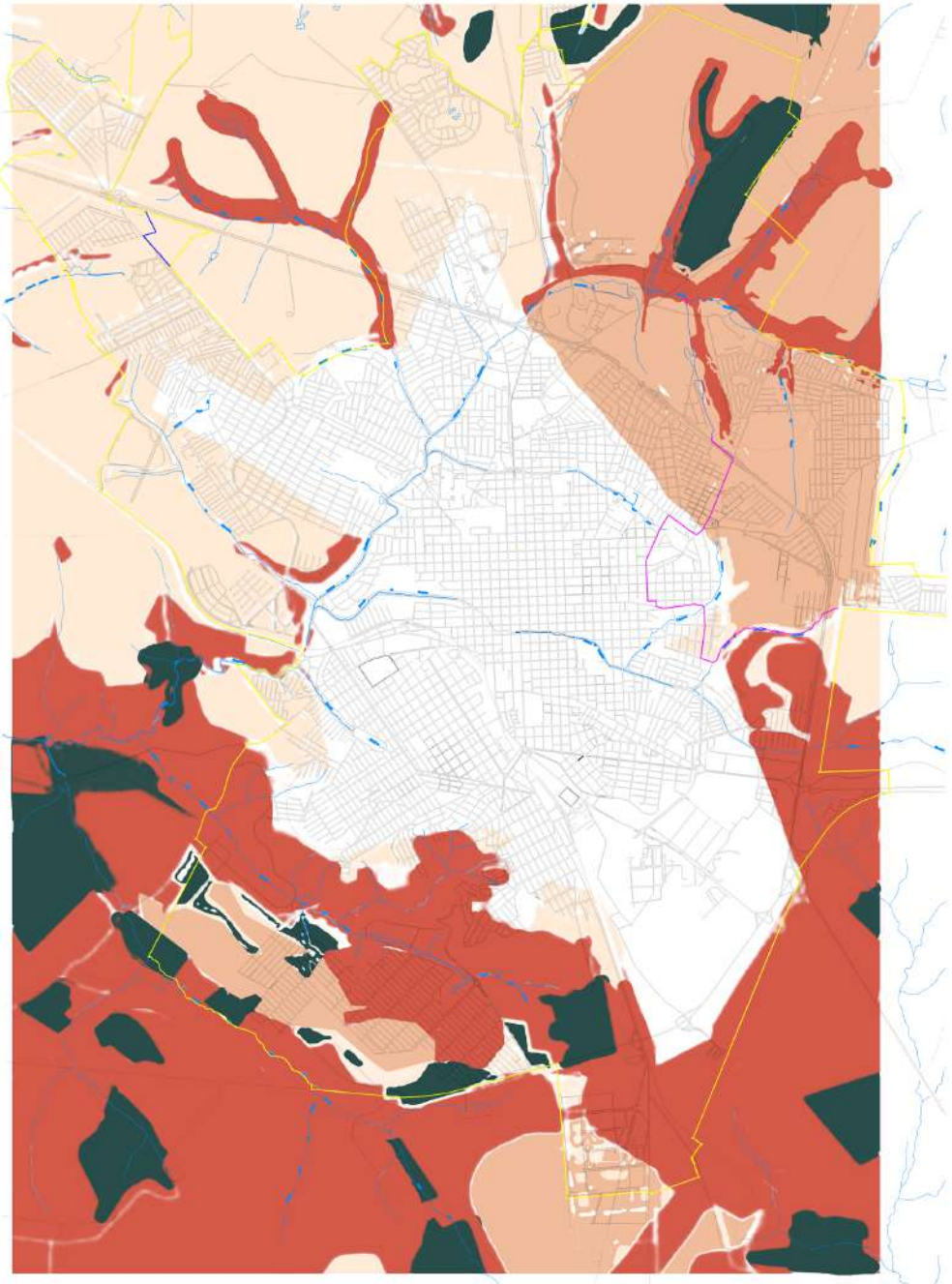


Alocação de viagens realizadas de automóvel.
 fonte: SILVA, A. Nelson. Padrões de deslocamento na cidade de São Carlos - SP em 2007/2008 Pesquisa Origem - Destino. São Carlos, SP, 2010.

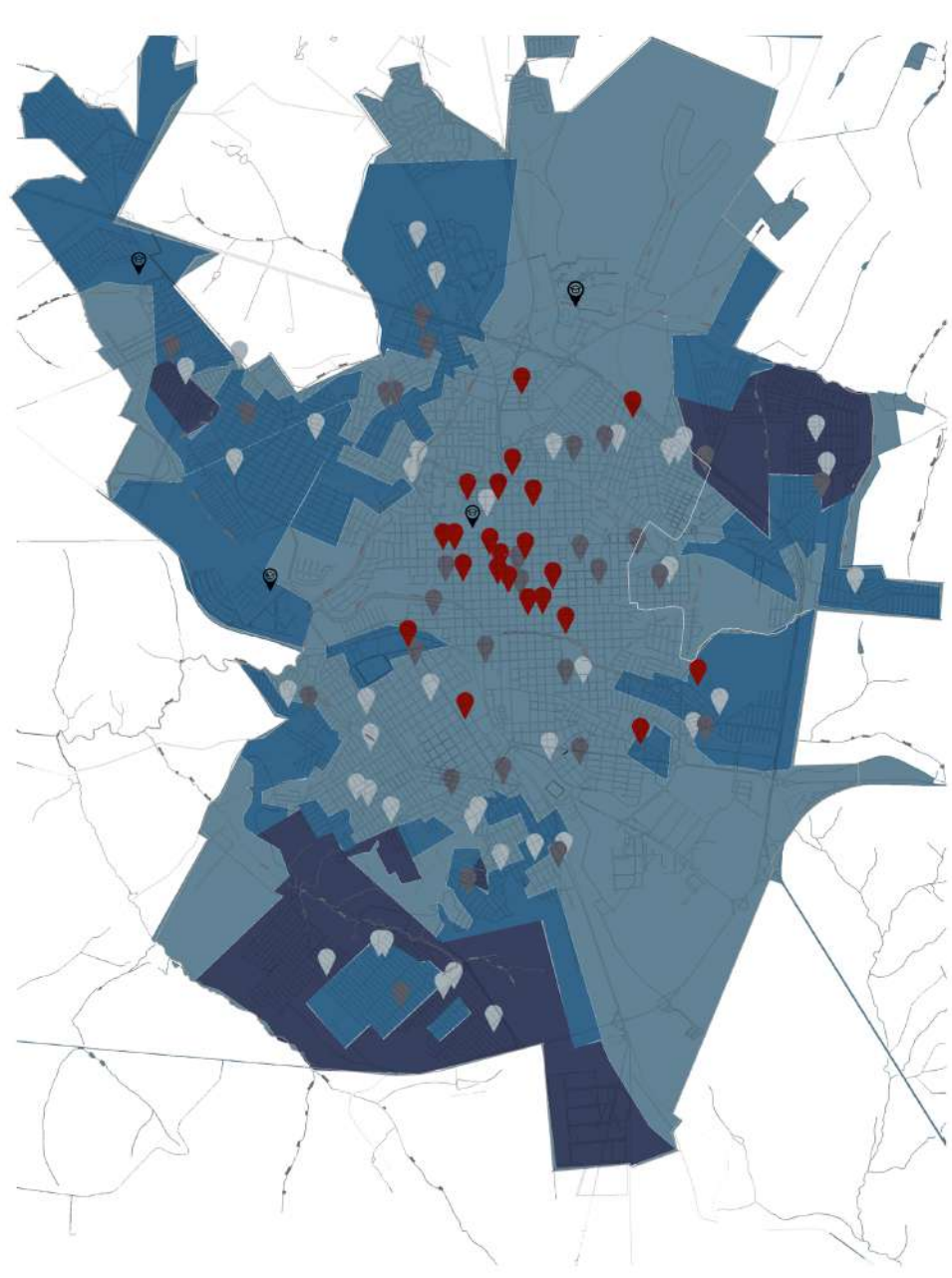
ANÁLISE DA POSSÍVEL ÁREA DE INTERVENÇÃO

Para realizar esse estudo, foi criado uma série de mapas complexos que uniam os dados selecionados, acendendo territórios em potencial, que foram analisados mais profundamente, para a seleção final da área de intervenção.

MAPA E DADOS QUE FORAM ANALISADOS PARA A DEFINIÇÃO DO TERRITÓRIO



MAPEAMENTO GEOTÉCNICO
 adequado para o assentamento urbano
 razoável para o assentamento urbano
 inadequado para o assentamento urbano
 áreas de proteção
 fonte: Aguiar, Rene Levy, "Mapeamento Geotécnico de Áreas de Expansão de São Carlos - SP", 1989



MAPA COMPLEXO:
 LOCALIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE ENSINO x PESSOA DE 0 A 15 ANOS



MAPA COMPLEXO:
 PESSOAS DE 0 A 15 ANOS x MULHERES RESPONSÁVEIS POR RESIDÊNCIA

interseção das áreas com maior concentração de mulheres responsáveis pela residência e de pessoas de 0 a 15 anos.



MAPA COMPLEXO:
 PESSOAS DE 0 A 15 ANOS x RENDA

interseção das áreas com renda até R\$1500,00 e maior concentração de pessoas de 0 a 15 anos.



MAPA COMPLEXO:
 MULHERES RESPONSÁVEIS PELA RESIDÊNCIA x RENDA

interseção das áreas com renda até R\$1500,00 e maior concentração de mulheres responsáveis pela residência.



MAPA COMPLEXO:
 MULHERES RESPONSÁVEIS PELA RESIDÊNCIA x RENDA x PESSOA DE 0 A 15 ANOS

interseção das áreas com renda até R\$1500,00 e maior concentração de mulheres responsáveis pela residência.

ANÁLISE DAS POSSÍVEIS ÁREAS DE INTERVENÇÃO

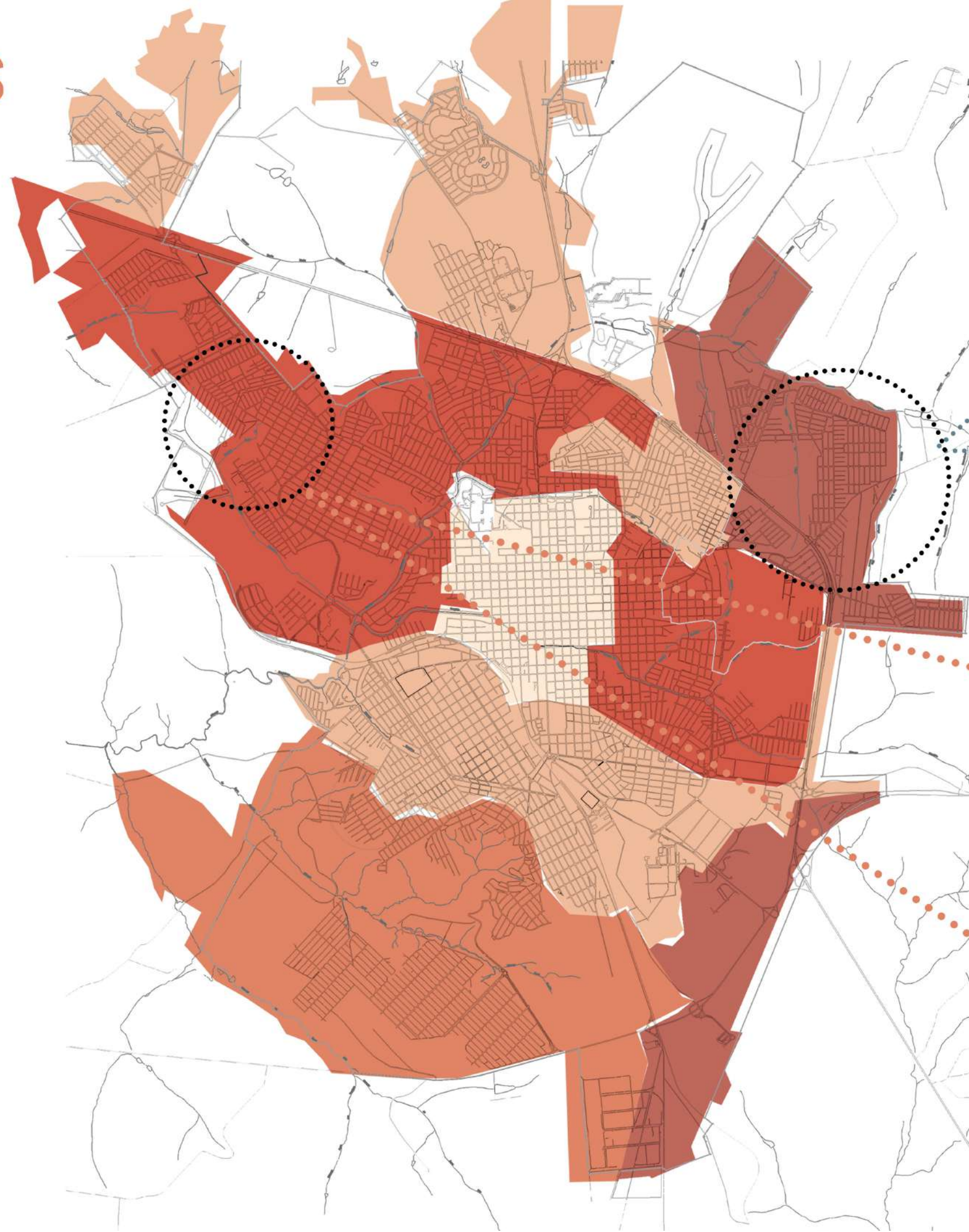


LEGENDA MAPA SÃO CARLOS

- ZONA 1 - OCUPAÇÃO CONSOLIDADA
- ZONA 2 - OCUPAÇÃO INDUZIDA
- ZONA 3 - OCUPAÇÃO CONDICIONADA
- ZONA 4 - QUALIFICAÇÃO E OCUPAÇÃO CONTROLADA
- ZONA 5 - PROTEÇÃO E OCUPAÇÃO CONTROLADA

LEGENDA MAPA DAS ÁREAS

- equipamentos educacionais
- uso institucional
- vazios
- campus universitário
- sistema de recreação
- área de proteção ambiental
- área em potencial para intervenção
- linha de ônibus
- pontos de ônibus
- pontos nodais
- ongs que atuam com jovens
- raio caminhável - 500m



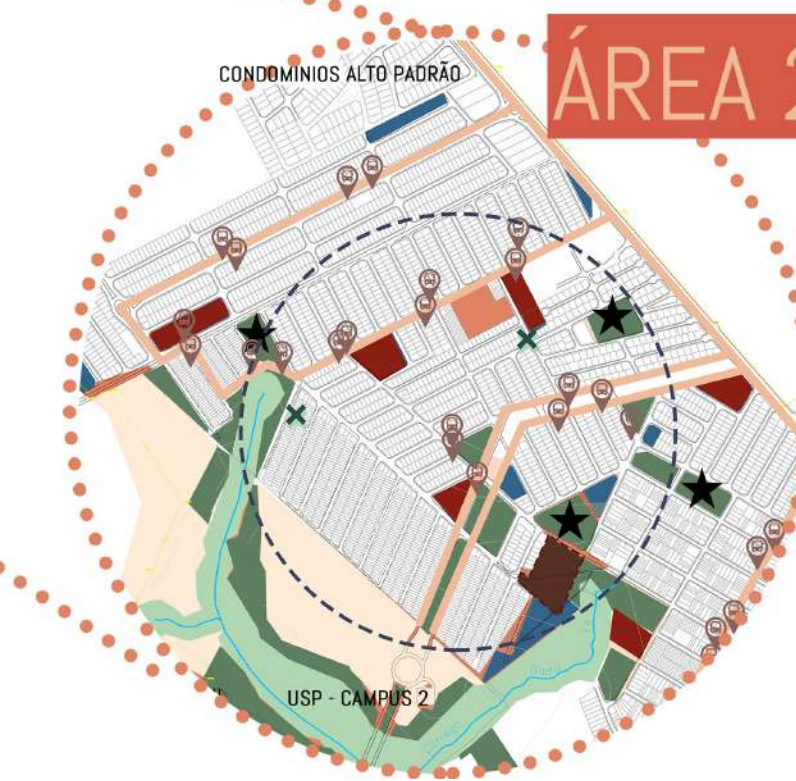
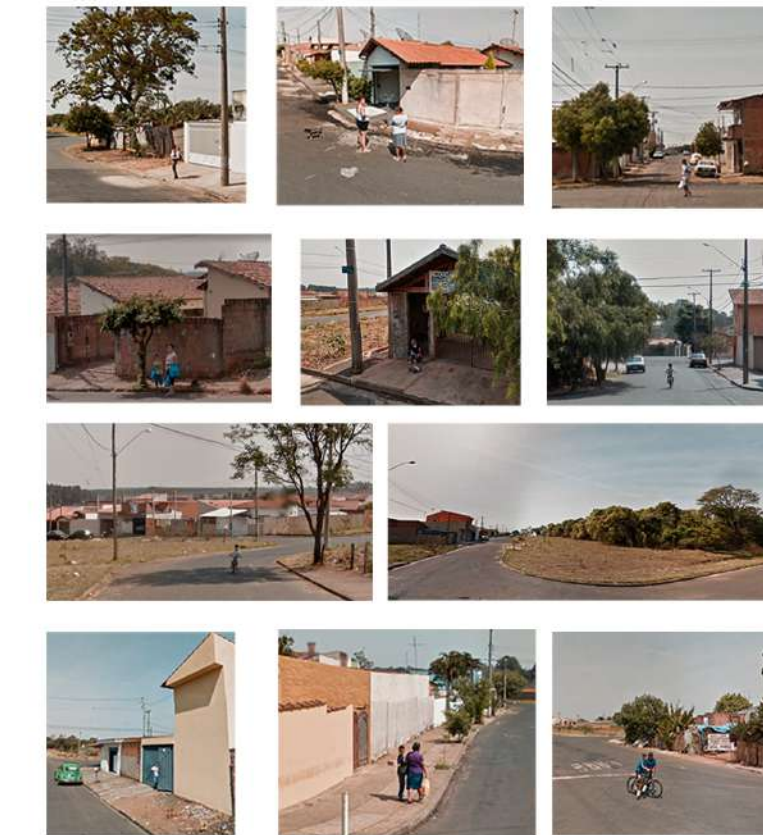
possui equipamentos de educação:
EE Professor Aduar Kemell Dibo
CEMEI Antonio de Lourdes Rondon
CEMEI Profa. Marli de Fátima Alves
CEMEI Professor Antônio Cotrim

barreiras:
Rodovia, Córrego Ponte de Tábua

pouca conexão com o centro da cidade, gerando um isolamento da área com restante da cidade

não possui nenhuma ong ou outra instituição/equipamento que atue no auxílio de jovens da região

Zona de Proteção e Ocupação Controlada – Zona 5A está localizada na área do manancial de do córrego do Monjolinho, sendo **restrita a ocupação como eixo de expansão urbana** (São Carlos, 2005). Verificase que a Zona 5A conta com uma área de 6,3 km2 (0,7% do total). **Deste, 84,1% já são urbanizadas**, 4,8% de áreas impróprias e 11,1% ou 0,7 km2 de áreas disponíveis para uso urbano. Como característica, essa zona agrega afluentes do rio do Monjolinho, os quais a mancha urbana está envolvendo gradativamente, evidenciando descumprimento do Código Florestal (Brasil, 1965), do próprio Plano Diretor (São Carlos, 2005) e da Lei Estadual de Proteção aos Mananciais (São Paulo, 1997), provocando sérios danos para a qualidade da água desse manancial. Além de infringir as leis existentes e prejudicar o abastecimento urbano futuro, a **bacia hidrográfica já é quase que integralmente desmatada e utilizada para pastagem, avicultura e expansão urbana**. Este cenário, em curto espaço de tempo, poderá condenar o manancial com despejos das águas pluviais urbanas, esgotos domésticos e industriais. Destaca-se que para manutenção do manancial será necessário adoção de **política de não expansão urbana** para dentro do manancial e monitoramento ambiental da bacia hidrográfica.



possui equipamentos de educação:
EE Professor Bento da Silva Cesar
CEMEI Homero Frei
CEMEI deputado Vicente Bott
CEMEI prof. Vicente de Paulo Rocha Keppe

barreiras:
Córrego do Mineirinho e Santa Fé Perímetro Urbano

infraestrutura bem definida, boa conexão com a cidade

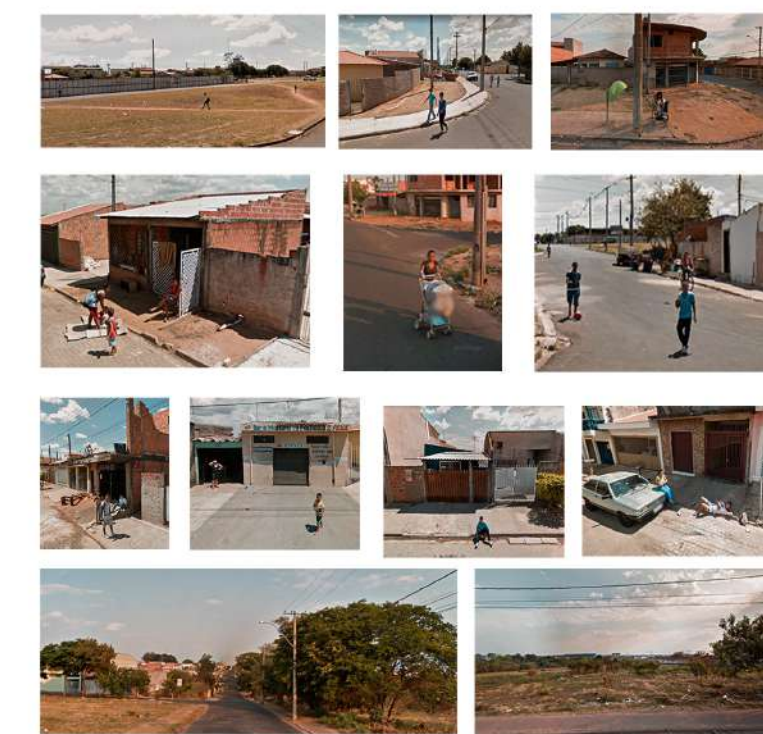
proximidade da USP - campus 2 e de condomínios de alto padrão

possui ongs atuando no auxílio de jovens da região

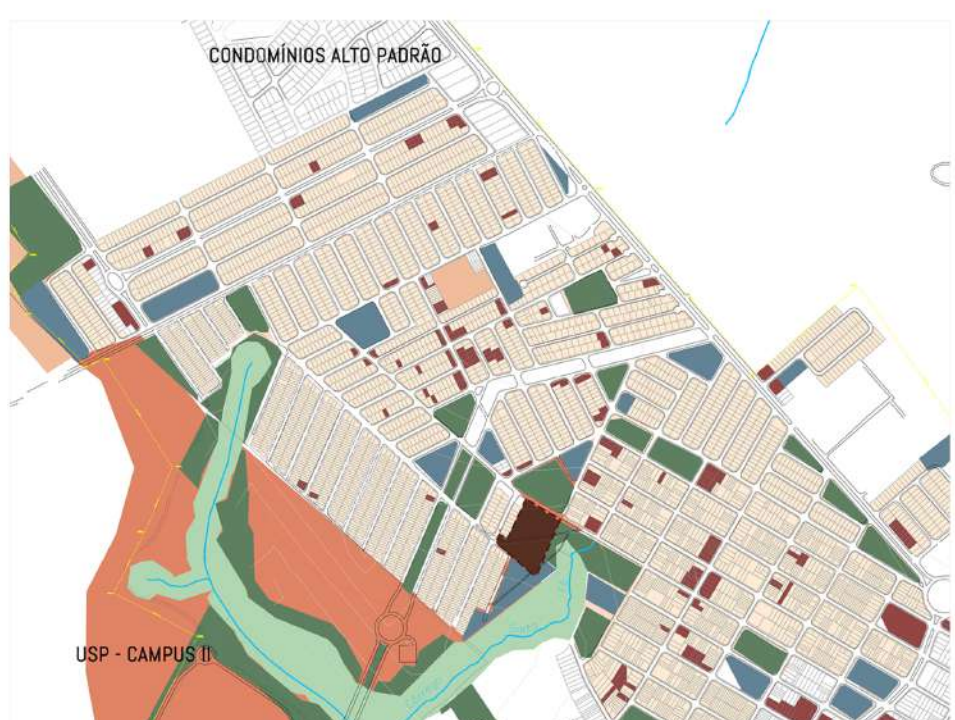
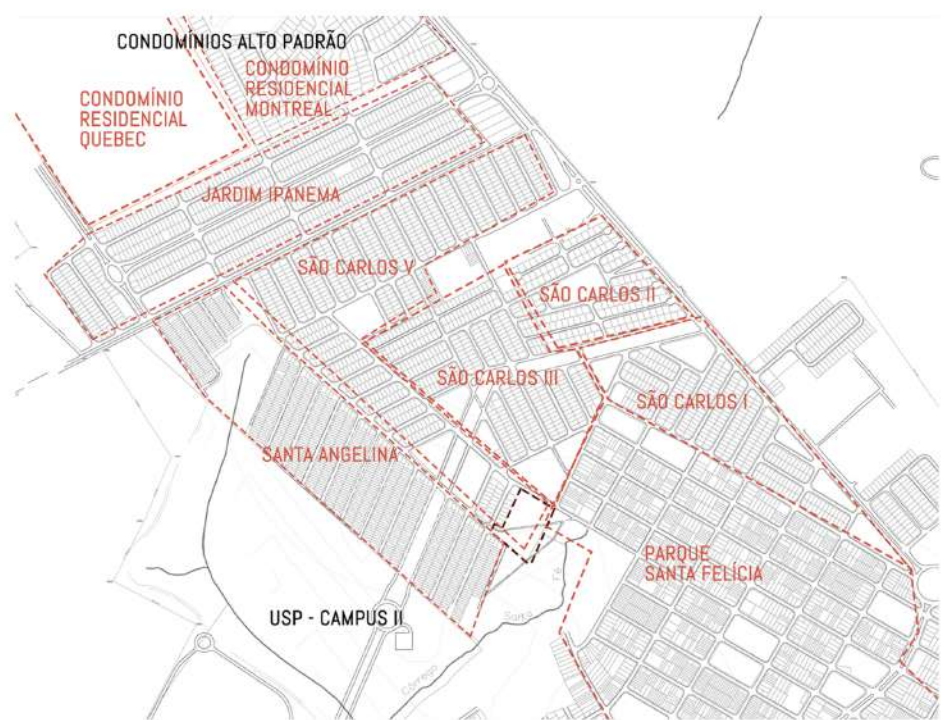
ONG Formiga Verde

ONG Projetando o Futuro

A **Zona de Ocupação Condiçionada – Zona 2** é composta por áreas com predominância de uso misto do território, com **grande diversidade de padrão ocupacional**. Tem como principais diretrizes **prover áreas infraestruturadas** para uso de habitação popular e assegurar as condições urbanísticas e ambientais adequadas para o “Distrito Industrial Miguel Abdelnur” (São Carlos, 2005). Verifica-se que a Zona 2 conta com uma área de 32,9 km2 (26,2% do total). Deste, **72,6% já são urbanizadas**, 6,1% de áreas impróprias e ainda 21,3% ou 7 km2 de áreas disponíveis para uso urbano.

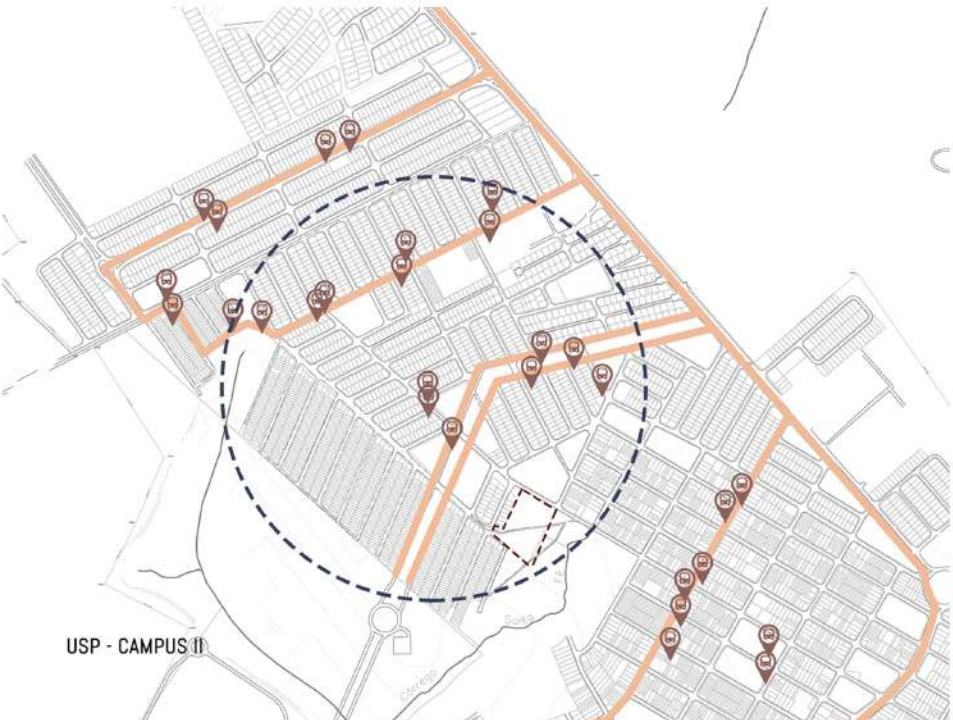


ANÁLISE DA ÁREA DE INTERVENÇÃO



USO E OCUPAÇÃO
 residencial
 comércio/serviço
 institucional
 sistema de áreas livres
 área de proteção
 vazios
 campus universitário
 área em potencial

área majoritariamente residencial
 presença de inúmeras áreas institucionais,
 grande parte educacional
 proximidade dos condomínios de alto padrão,
 que estão avançando sobre dominando a região



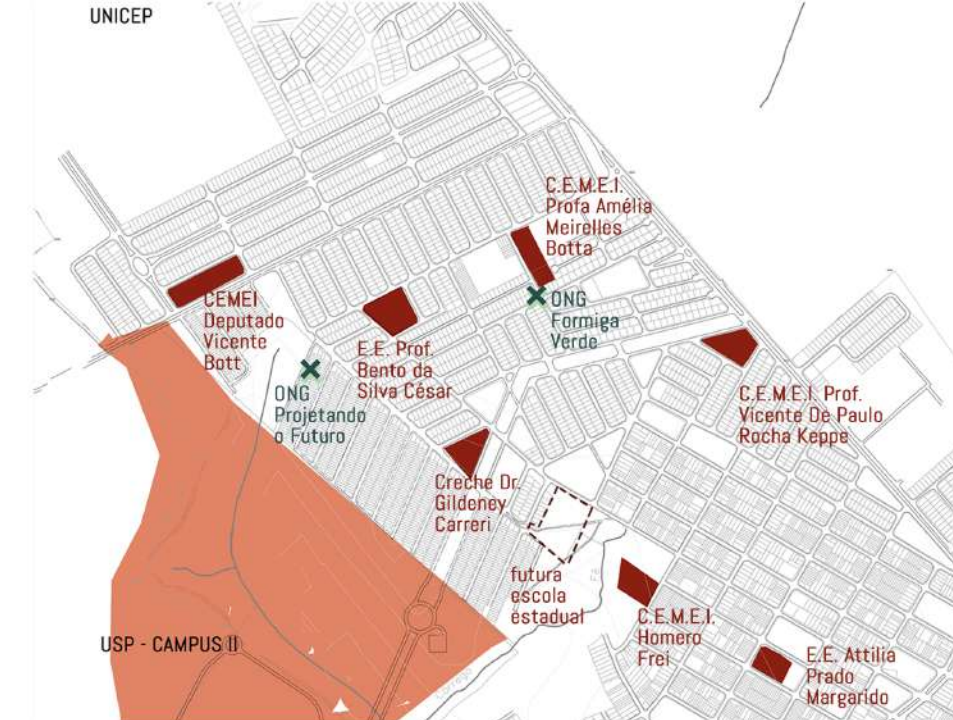
MOBILIDADE
 linhas de ônibus
 pontos de ônibus
 raio caminhável (500m)
 área em potencial

boa conexão com o centro da cidade
 e com equipamentos públicos



ÁREAS VERDES
 áreas de proteção ambiental
 sistema de áreas livres
 área em potencial

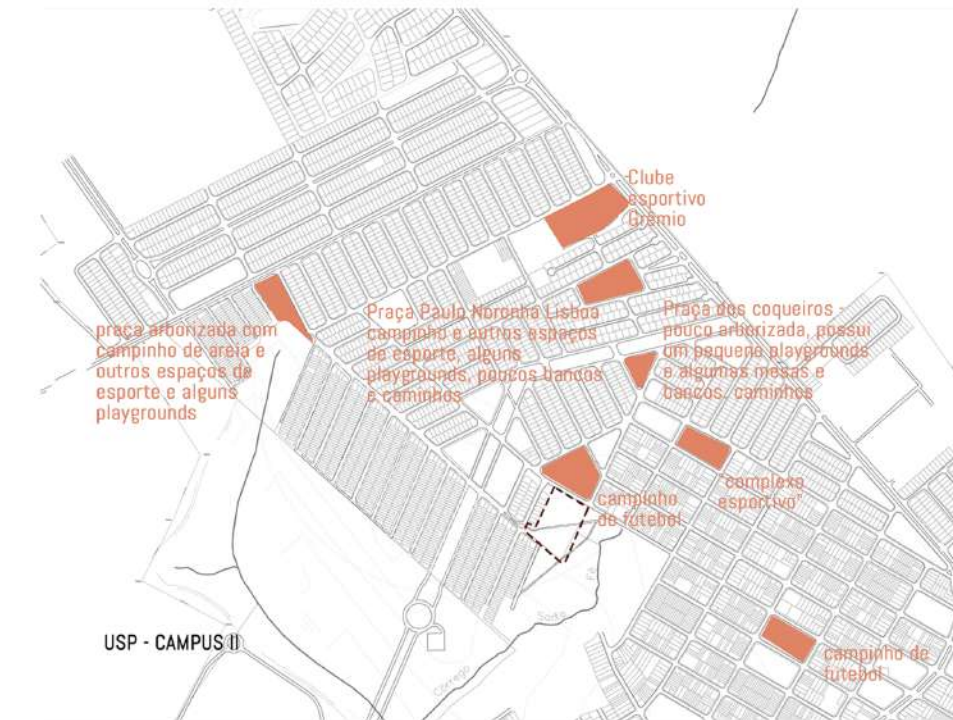
sistema de áreas livres bem estabelecido,
 porém pouco qualificado
 córrego do Mineirinho e nascente do
 córrego Santa Fé
 descaso com o local, descarte irregular de
 lixo e erosão na nascente



EQUIPAMENTOS DE EDUCAÇÃO
 edifícios de ensino
 campus universitário
 ongs que atuam com jovens da região
 área em potencial

CEMEIs (Centros Municipais de Educação Infantil) - 0 a 5 anos
 E.E. Prof Bento da Silva Cesar - E. Fundamental I e II
 E.E. Atília Prado Margarido - E. Fundamental II e E. Médio
 Projeto Recreação - de 7 a 12 anos

ONG Formiga Verde - atrair os jovens a partir do esporte, numa tentativa deles conquistarem o empoderamento, oferecendo perspectiva de vida e uma apropriação da cidade.



ÁREAS DE ESPORTE E LAZER
 praças com mobiliário de esporte/lazer
 área em potencial

praças com pequenos parquinhos e campos,
 porém estão deteriorados e sem muita qualidade

ANÁLISE DO TERRITÓRIO

O terreno selecionado para o desenvolvimento do projeto se localiza no bairro São Carlos V, entre os Bairros Santa Angelina e Santa Felícia, ele é cercado por duas principais vias: rua Luiz Carlos Barion, cujo acesso já está edificado com uso residencial e rua Francisco Possa, via mais movimentada, sendo suas outras laterais cercadas pela área de Proteção Ambiental.

A sua lateral, voltada para a rua Francisco Possa, onde ocorre o acesso principal ao terreno, é de aproximadamente 160 metros, sua outra lateral, que tem divisa com o fundo de lote das edificações, é de aproximadamente 125 metros. Sendo assim, a área total do terreno, descontando as construções já existentes, é de aproximadamente 17.000m². O terreno possui um desnível de 10 metros, em declive no sentido do córrego Santa Fé, porém pela sua extensão, a inclinação do terreno é de aproximadamente 5%.

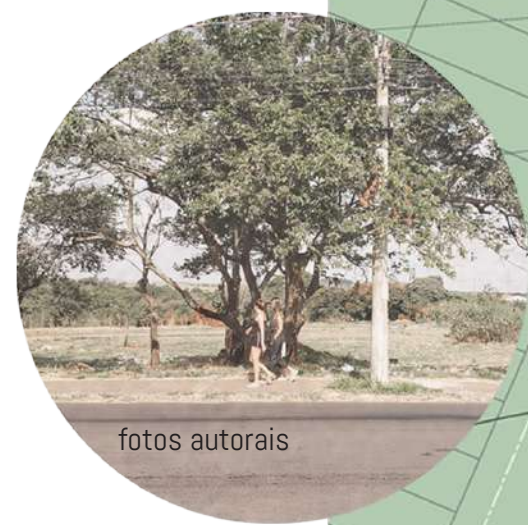
O terreno faz parte do sistema de áreas livres de São Carlos, entretanto, o local atualmente, como pode ser visto nas fotos, se caracteriza como uma grande área gramada sem uso, onde ocorre descarte de lixo e entulho.



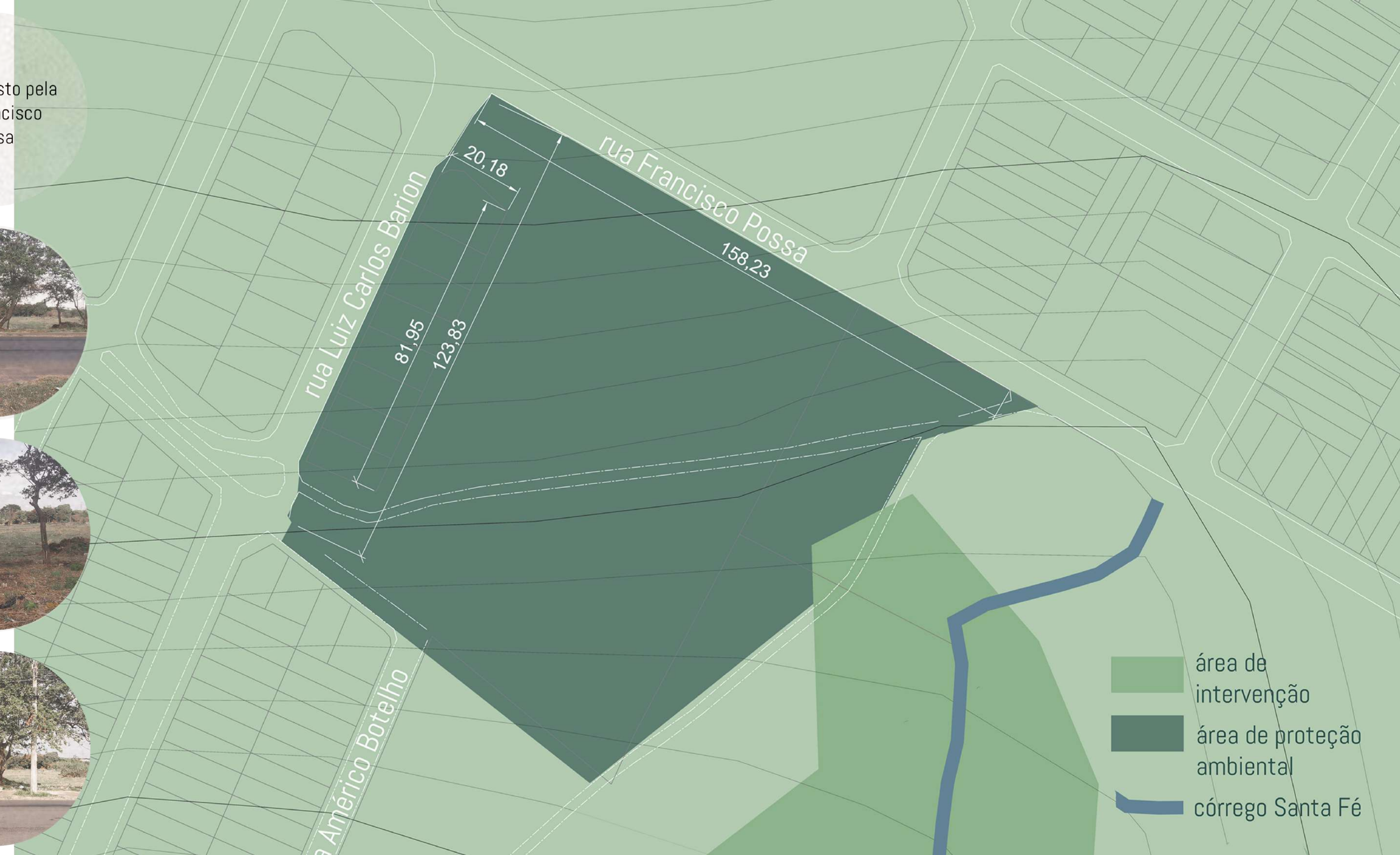
terreno visto pela rua Francisco Possa



lotes da rua Luiz Carlos Barion que fazem fronteira com o terreno



fotos autorais



- área de intervenção
- área de proteção ambiental
- córrego Santa Fé





“Para fazer frente à mudança, as formas construídas devem ser feitas de tal modo que permitam múltiplas interpretações, que possam ao mesmo tempo absorver e exsudar múltiplos significados, sem, contudo, perder sua identidade neste processo” . (HERTZBERGER, 1996)

ENTRE IDEIAS E PRÁTICAS

Para o desenvolvimento do projeto, buscou-se refletir sobre os seguintes conceitos: a integração, a apropriação, materialização do lúdico e criação de um espaço em potencial. Com o objetivo de investigar esses conceitos e seus respectivos partidos, foi imprescindível o estudo da Psicologia Ambiental. Segundo Moser (1998), a Psicologia Ambiental “estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações entre pessoa e o meio ambiente físico e social”.

A percepção do espaço está sempre associada a dimensões sociais e culturais: cada pessoa avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social. Ao mesmo tempo que o espaço influencia o comportamento do indivíduo, existe uma reciprocidade, em que o indivíduo também influencia o ambiente, já que são componentes daquilo que está ocorrendo, envolvidos num sistema social.

Lugares, são espaços agregados de significados, lembranças, objetos, pessoas,... Na condição humana, todos os espaços se configuram com essas características, já que a percepção, a memória e a imaginação estão com ele integrados. Por esta razão, o espaço presente se funde com memórias e fantasias, despertando sentimentos e emoções:

É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. (TUAN, 1983, p.203).

Segundo o arquiteto Juhani Pallasmaa (2009), ao experimentar uma obra de arte, ocorre uma troca, em que a obra projeta sua aura, e o indivíduo projeta seus produtos mentais da percepção sobre ela. Para Pallasmaa, a função atemporal da arquitetura é a de projetar significados, criando metáforas para o corpo e para a vida, concretizando e estruturando a nossa existência no mundo. Por isso, o estudo da psicologia ambiental e a presença dos elementos que criam essa projeção do indivíduo no espaço é tão importante para a arquitetura.

A partir dos conceitos do projeto, se discute uma série de partidos que afloram a presença desses no espaço. A diversidade de usos relacionados a pré-existências, que proporcionam a INTEGRAÇÃO das crianças e jovens com a comunidade e a flexibilização e liberdade espacial, garantem a APROPRIAÇÃO do espaço. Para a materialização do lúdico e criação do espaço em potencial, foi estudado uma série de pesquisadores e teorias, com o objetivo de compreender a linguagem desses conceitos, para assim, trazer a discussão sobre como materializá-los.

A palavra “lúdico” se origina do termo “ludus”, do latim, que significa jogo, definir esse conceito é algo complexo, já que seu sentido foi

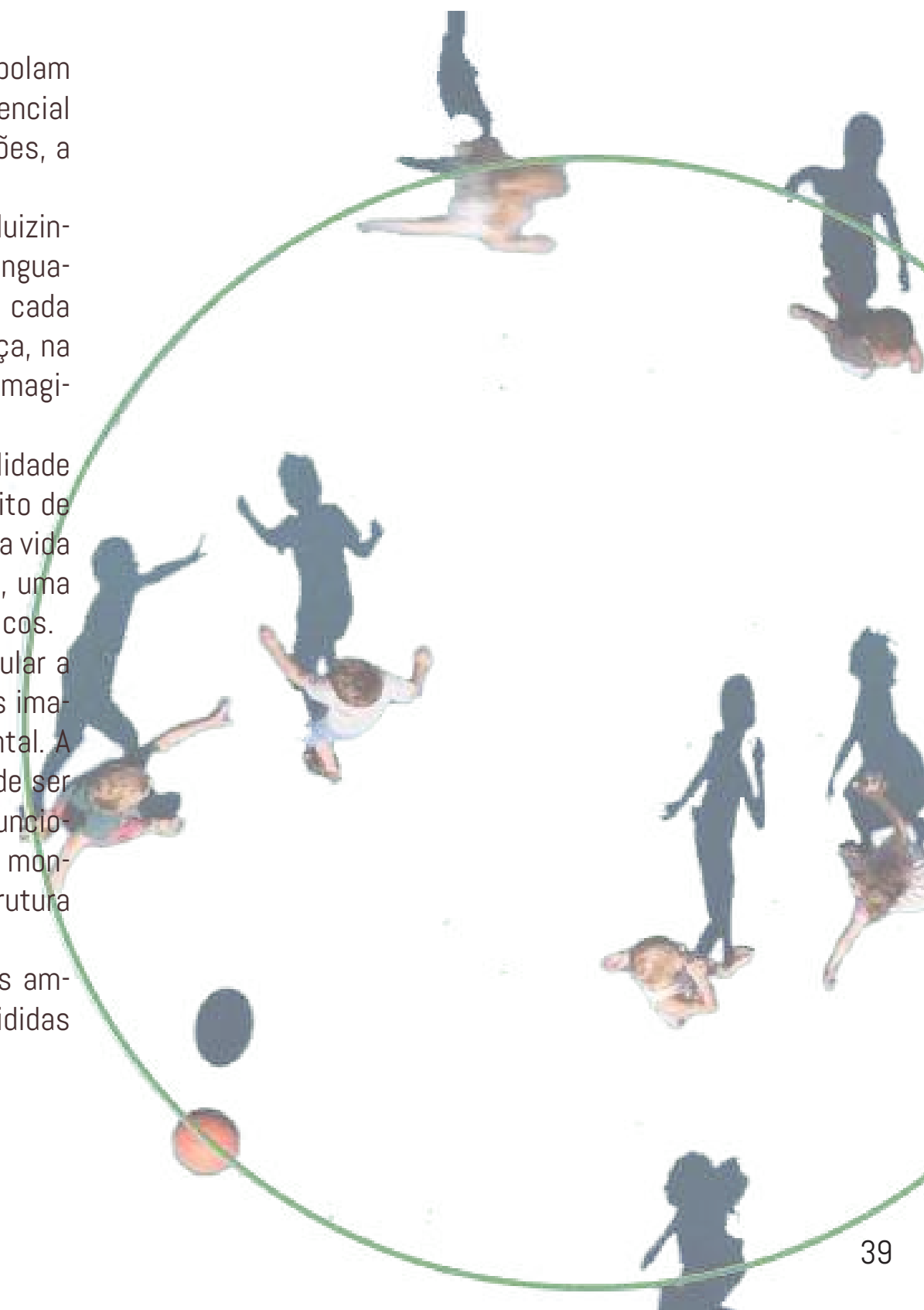
expandido para além das suas origens, se tornando um termo muito abrangente. Suas implicações extrapolam os limites do livre brincar, passando a ser vistas como uma necessidade básica. A atividade lúdica é essencial na infância, uma vez que estimula a linguagem, o pensamento, a socialização, a exploração, as invenções, a criatividade e as suas percepções de corpo e espaço.

Por mais que o universo do lúdico esteja muito associado à criança, segundo o historiador Johan Huizinga, diferentes atividades das sociedades humanas sofrem influência ou se originam do lúdico, como a linguagem, as artes plásticas, a poesia, o teatro e a música. Para ele, o lúdico é a criação nova do espírito a cada vez que é colocado em prática. Nesse sentido, a arquitetura se aproxima do jeito de conhecer da criança, na medida que ambos se utilizam do lúdico para materializar algo novo, construindo aquilo que estava no imaginário, ao recriar o mundo, o indivíduo que projeta, recria também a si mesmo. (ELZA, 2011)

Apesar do sociólogo Baudrillard (1992, apud PIMENTEL & PIMENTEL, 2009) acreditar na impossibilidade de materializar o lúdico, a arquiteta e Designer Elvira de Almeida, desenvolvia, em suas obras, o conceito de “espaço lúdico”, criando ambientes em que as crianças se manifestam e se relacionam, experimentando a vida coletiva. A partir do conceito de lúdico, especula-se a existência de uma cultura visual lúdica, ou seja, uma linguagem visual, sensorial, afetiva que devem ser considerados no processo de criação de espaços lúdicos.

Clice Mazzilli (2003), arquiteta e pesquisadora, buscou compreender espaços capazes de estimular a criatividade da criança, sua relação com o meio e com outras crianças, capazes de favorecer situações imaginárias e sensoriais. A partir disso, Mazzilli propõe algumas categorias de análise da questão ambiental. A primeira categoria é a Afetiva/emocional, que é desenvolvida no primeiro contato com o ambiente e pode ser traduzido por adjetivos e qualidades, como surpresa, medo, alegria e mistério. A segunda categoria é a Funcional, relacionadas às atividades e ações do brincar (motoras, de faz-de-conta, de construção (empilhar, montar); jogos com regras, por exemplo). A terceira é a linguagem visual, que inclui informações sobre a estrutura espacial, materiais, elementos de sintaxe visual.

Analisadas essas categorias, Mazzilli (2003) buscou associações visuais que identificassem os ambientes e suas partes por similaridades e contrastes, chegando em características visuais lúdicas, divididas em Estrutura ambiental e Elementos da linguagem:



(MAZZILLI, 2003)

ESTRUTURA AMBIENTAL

- integração x contraponto com a natureza
- mudança de ponto de vista/deslocamentos/relações de espaço e tempo
- elementos do espaço

- formas orgânicas/movimento x formas geométricas ou retilíneas
- cores e texturas do próprio material, contrastes pouco acentuados, tons de saturação média
- materiais opacos, rugosos, transparentes x materiais com brilho

- mirantes, cavernas
- caminhos abertos e fechados
- interior e exterior
- tempo de percurso e movimento

- pisos trabalhados com texturas visuais, delimitando áreas
- superfícies verticais e horizontais, aberturas e vãos
- mobiliário
- sinalização

ELEMENTOS DE LINGUAGEM

- temas
- forma
- cor
- texturas
- escala/proporção

- figurativos (aproximação do real ou simbólicas)
- abstratos

- a forma como resultado da integração dos elementos visuais - movimentos orgânicos e ritmos
- contraste orgânico e geométrico - movimento, dinamismo inusitado

- harmonia nas composições
- contrastes de matizes: alegria e divertimento
- contrastes de complementares: tensão e dinamismo
- contrastes claro-escuro: surpresa

- grafismos
- texturas ritmadas formadas por contraste de luz e sombra

- gigantismo/ miniaturização
- deformação de figuras



A partir dessa compreensão do que é o lúdico e tendo como base a análise e identificação de Mazzili sobre como essa característica se materializa nos espaços, buscou-se aplicar esses elementos da linguagem visual no projeto. A forma da edificação como resultado da integração dos elementos visuais, utilizando-se de FORMAS ORGÂNICAS para passar a noção de MOVIMENTO, ao mesmo tempo que faz uso de FORMAS RETILÍNEAS, transmitindo segurança e estabilidade e o contraste entre os dois para criar dinamismo e surpresa.

Também pretende-se utilizar a cor e textura dos próprios materiais, além de contrastes de cores claras e escuras, criando o elemento de surpresa e o contraste de cores quentes e frias. Além disso, o projeto cria CAMINHOS FECHADOS E ABERTOS, brincando com a noção de INTERIOR e EXTERIOR, surgindo um jogo de LUZ e SOMBRA, e, criando MUDANÇAS DE PERSPECTIVAS. A presença desses elementos no projeto, marca o universo do lúdico transformado em território e espaço.

A materialização do lúdico, unido a percepção através dos sentidos e de indicadores como sensações visuais de COR, FORMA, MOVIMENTO, LUZ, CINESTESIA, SENTIDO DE GRAVIDADE, ajudam na estruturação e identificação do ambiente. Tais fatores permitem aos indivíduos ter sentimentos intensos pelo espaço. Essas características foram trazidas ao projeto no intuito de investigar um espaço em potencial, uma arquitetura que provoque associações, que, interpretada individualmente, possa gerar vários significados.

Segundo o psicanalista e pediatra Winnicott, existem três realidades do viver. O "EU": inerente a cada indivíduo, revela desejos, vontades e motivações internas. O "MUNDO REAL": que nada mais é que o mundo físico e material ao nosso redor e os outros indivíduos, ou seja, a realidade externa. E o "ESPAÇO POTENCIAL", que não pertence nem ao mundo material, nem ao sujeito. Esse "Espaço Potencial" está muito presente na infância, em que a criança, em sua brincadeira, reúne fragmentos do mundo real a sua imaginação, criando o seu próprio mundo e recriando o mundo real, atribuindo um valor subjetivo a ele. Por isso, ao projetar a esse público, é essencial trazer uma conversa com esses elementos descritos acima.

Os conceitos e partidos estão presentes em todas as decisões projetuais, desde de sua forma, até a sua setorização, implantação e mobiliário.

INTEGRAÇÃO

RELAÇÃO AMBIENTE INTERNO/ EXTERNO (elementos vazados, conexão entre espaços, aberturas)

USOS DIVERSOS E DINÂMICOS voltados às crianças e jovens e também à comunidade, marcando a presença de crianças e jovens em um meio comum

APROPRIAÇÃO

FLEXIBILIZAÇÃO

LIBERDADE ESPACIAL

PERTENCIMENTO

MATERIALIZAÇÃO DO LÚDICO

CONCRETIZAÇÃO DOS CONCEITOS DE MAZZILI

formas orgânicas (movimento) e formas ortogonais (estabilidade e segurança)

cor e textura dos próprios materiais

luz e sombra

caminhos fechados e abertos

ESPAÇO EM POTENCIAL

jogo e composição de cor

presença de luz e sombra

cinestesia

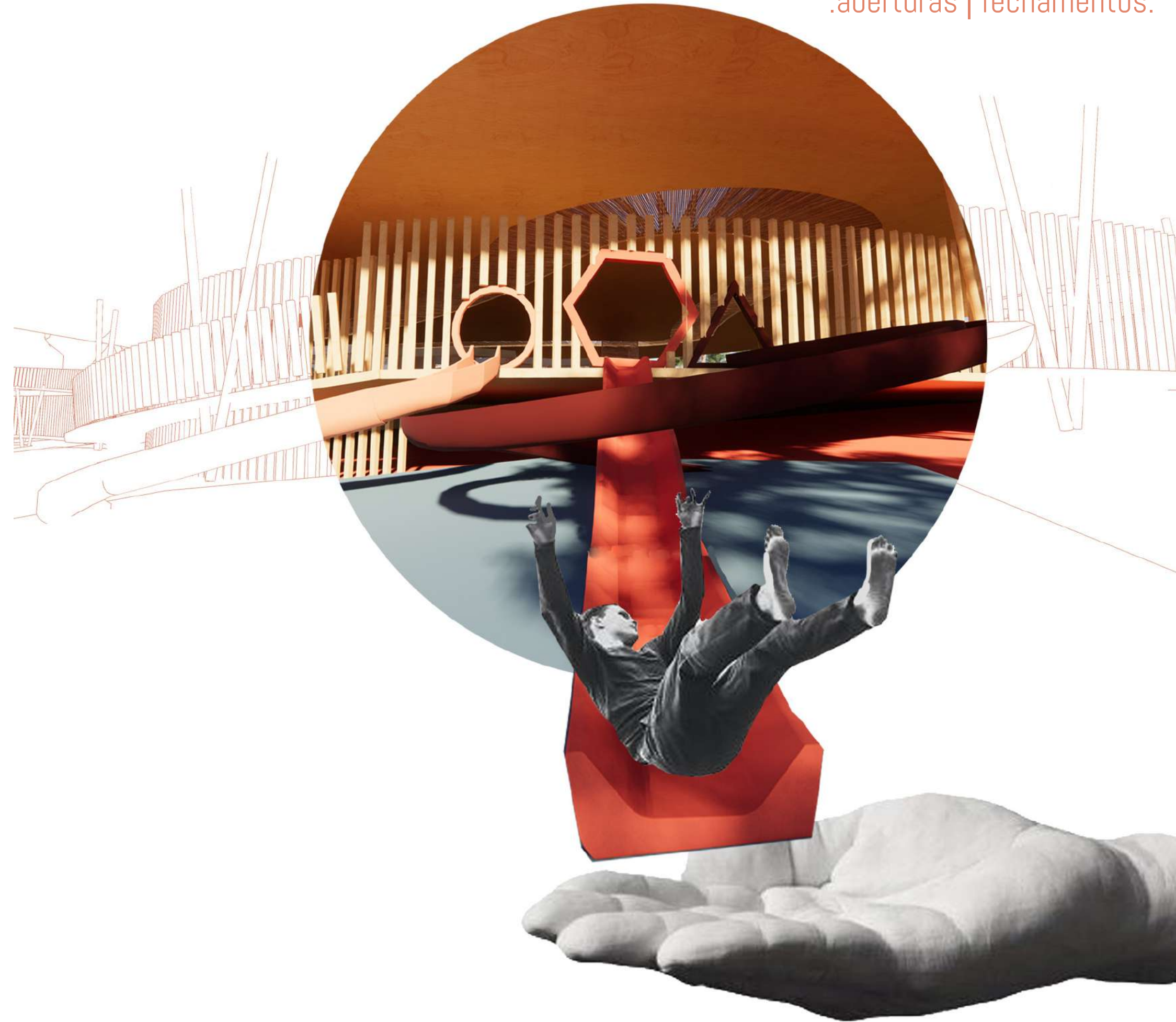
movimento

percepção de gravidade

relação espaço interno e externo

Lúdico

.aberturas | fechamentos.



integração

.feira | comunidade.





Lúdico

.forma | movimento.



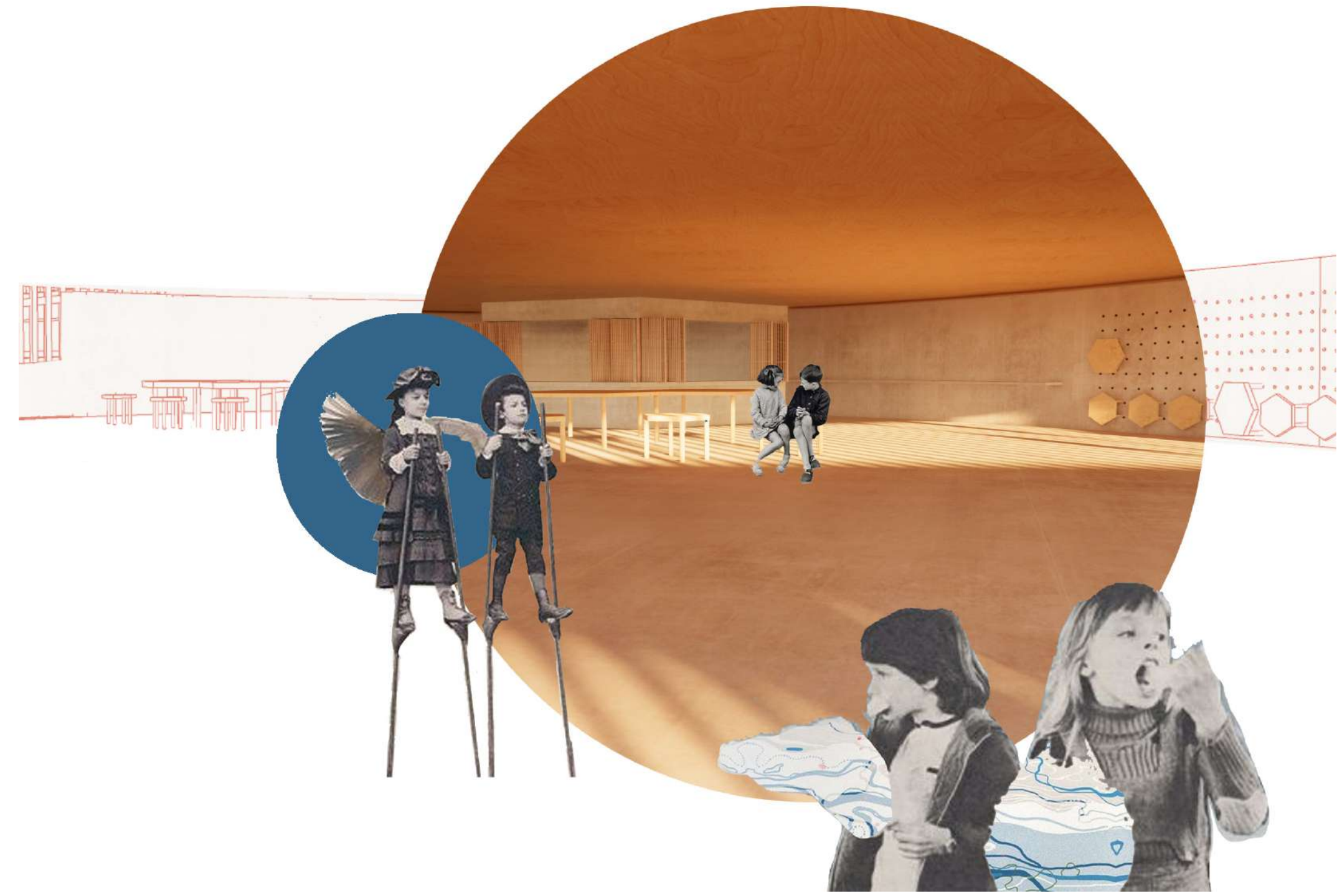
espaço potencial

.relação interno | externo.



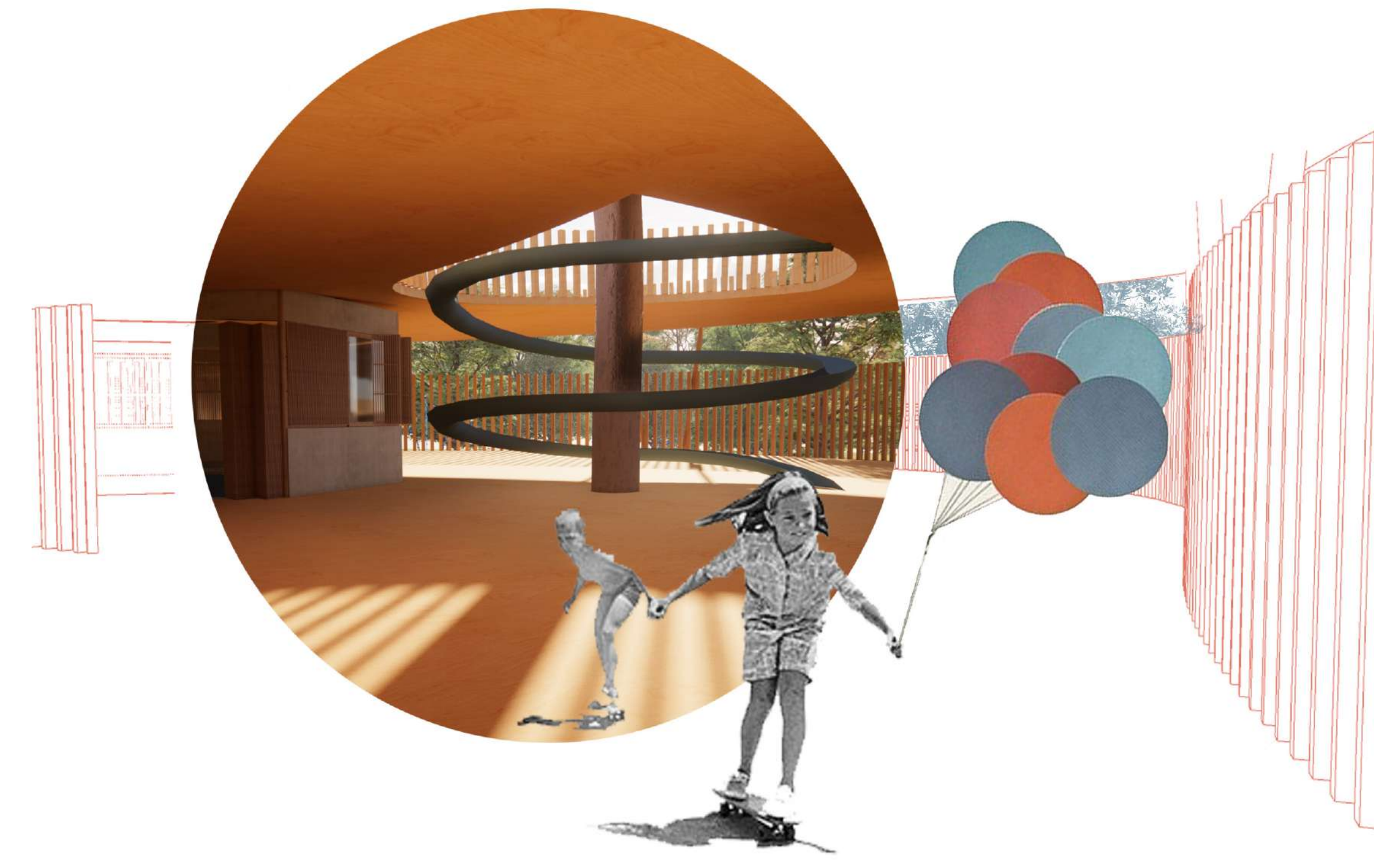
apropriação

.flexibilidade dos espaços.



apropriação

.sensação de pertencimento.





“os playground moldados pela cidade, moltavam a cidade”
(LIANA LEFAIVRE)

PROGRAMA E A CIDADE

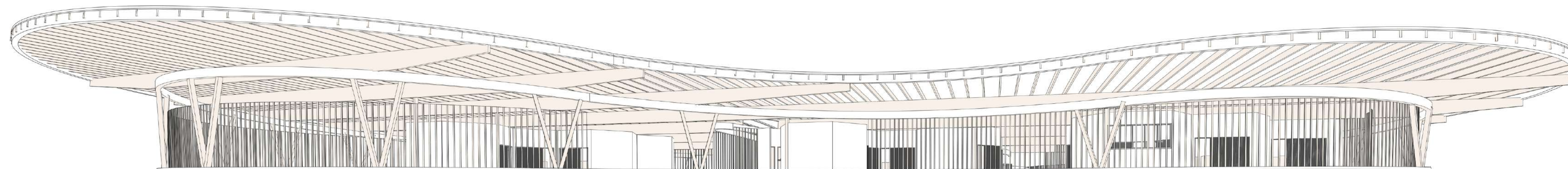
Um projeto de contraturno atende a demanda que tem sido feita pelas diferentes esferas governamentais de melhoria na qualidade da educação, já que a ampliação da jornada escolar tem sido uma característica marcante desses projetos.

Essas atividades complementares reforçam o senso de responsabilização coletiva pela educação das crianças e jovens. O Contraturno compreende a educação no seu sentido mais amplo, não ocorrendo somente de forma institucionalizada, mas abrangendo os múltiplos espaços e tempos na vida do indivíduo. Segundo Gadotti, a educação integral não se deve somente a questão do aumento da jornada e do tempo, mas o fator essencial é “a integração entre os aspectos biológicos-corporais, cognitivos, afetivos e morais associados ao espaço-tempo de aprendizagem de cada indivíduo”. (GADOTTI, 2009)

A educação integral se caracteriza como “uma educação com responsabilidades ampliadas, com forte atuação nas áreas da cultura, dos esportes, das artes, ultrapassando a atuação restrita à típica instrução escolar”. No Brasil, é possível identificar dois formatos de desenvolvimento da educação integral: um mais centrado na instituição escolar, se configurando no interior dos espaços da unidade escolar, e outro “que se lança para fora da escola, buscado apoios e parcerias com agentes externos a ela”. (BASEI, BENDRATH, & MENEGALDO, 2017)

A Secretaria de Estado da Educação junto a Superintendência da Educação e a Coordenação da Educação Integral do Paraná criou um “Manual de Orientações do Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno”. O manual entende que “Atividades Complementares Curriculares em Contraturno são educativas, integradas ao Currículo Escolar, com a ampliação de tempos, espaços e oportunidades de aprendizagem que visam à formação do aluno”. Essas atividades tem como objetivo “promover a melhoria da qualidade do ensino por meio da ampliação de tempos, espaços e oportunidades educativas realizadas em contraturno, na escola ou no território em que está situada, a fim de atender às necessidades socioeducacionais dos alunos; ofertar atividades complementares ao currículo escolar vinculadas ao Projeto Político-Pedagógico da Escola, respondendo às demandas educacionais e aos anseios da comunidade; possibilitar maior integração entre alunos, escola e comunidade, democratizando o acesso ao conhecimento e aos bens culturais”. (PARANÁ, 2011).

Segundo Gadotti, os projetos de contraturno “retomam a relação entre escola e vida, tratando o povo com respeito, dialogando com ele, para, juntos, com administração pública, melhorar a vida de todos”. Para o educador, a educação integral não é mais uma opção pela qualidade da educação, mas é um dever do Estado e um direito do cidadão. (GADOTTI, 2009)



CONTRATURNO

ONGS - FORMIGA VERDE

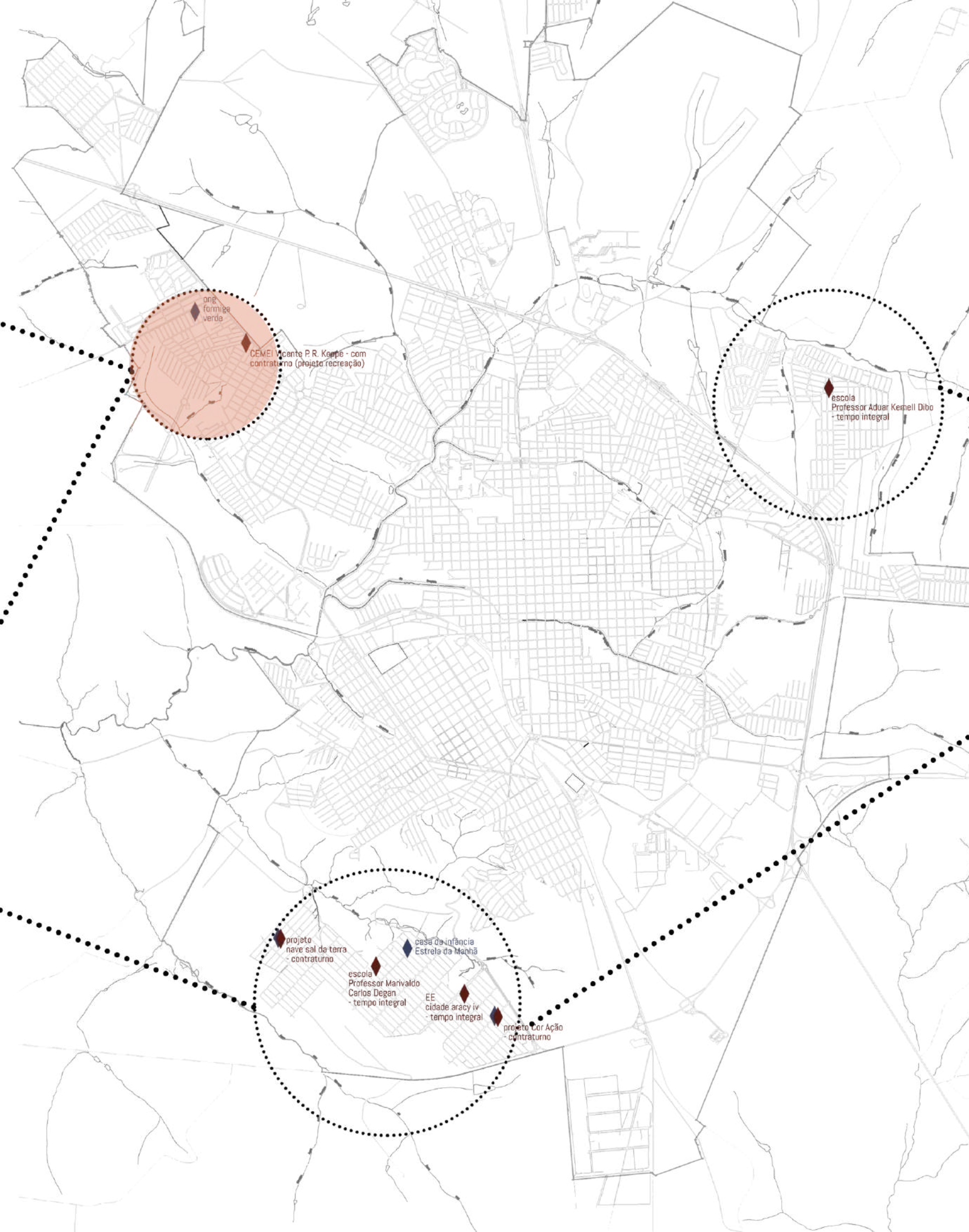
A entidade busca oferecer formação integral às crianças e adolescentes do bairro Santa Felícia tornando-os indivíduos autônomos e reflexivos. A ONG surge para oferecer atividades a jovens com mais de 12 anos (idade que o Projeto Recreação para de atuar), que possuíam poucas opções para ocupar o tempo livre e por isso ficavam mais perto de problemas sociais. A partir do esporte, a ONG começa a atrair os jovens da região, oferecendo outras possibilidades e perspectivas de vida, buscando assim oferecer a conquista do empoderamento desses jovens. Em conversa com Rodeney de Santi, educador social e diretor da ONG, foi possível uma aproximação da realidade das crianças e jovens da região, compreendendo melhor suas necessidades e condições atuais.

PROJETO RECREAÇÃO

“A secretaria de Esportes e Lazer (SMEL), em conjunto com a secretaria de Educação (SME), desenvolve o Projeto Recreação. A iniciativa tem como objetivo principal promover atividades físicas, esportivas, educacionais, artísticas e de lazer no contra turno escolar, para crianças de 6 a 12 anos, matriculadas regularmente no Ensino Fundamental. As atividades são desenvolvidas pelos próprios professores nas escolas ou em outros espaços públicos Prefeitura de São Carlos. (25/11/2013)

PEI

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo propõe como Missão, para as Escolas de Ensino Integral “ser um núcleo formador de jovens primando pela excelência na formação acadêmica; no apoio integral aos seus projetos de vida; seu aprimoramento como pessoa humana; formação ética; o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. A cidade de São Carlos Possui 4 escolas que aderiram ao PEI: a Cidade Aracy IV, Professor Aduar Kemell Dibo, Professor Jose Juliano Neto e Professor Marivaldo Carlos Degan. (Diretrizes do Programa de Ensino Integral, SÃO PAULO)



A proposta pedagógica está vinculada a Referência Curricular Nacional para a educação Infantil, contemplando os objetivos gerais da educação infantil, e buscando que as crianças desenvolvam as capacidades presentes na Referência Curricular:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de formas cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para a sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

(BRASIL, 1998b, v.1, p. 63)



PROGRAMA

Para a definição do programa do projeto foram analisado diversos documentos, muitos deles dizem a respeito somente à edificação escolar, sem considerar as particularidades do contraturno. Entretanto muitas informações puderam ser utilizadas por se referirem à educação de crianças e jovens.

Os documentos utilizados foram:

“Padrões básicos de Infraestrutura para instituições de Educação Infantil” (BRASIL, 2006a)

“Parâmetros Nacionais de Qualidade para a educação infantil” (BRASIL, 2006)

“Referencial curricular para a educação infantil” (BRASIL, 1998b)

“Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” Parecer do Conselho Nacional de Educação no 28/1998”

“Diretrizes do Programa de Ensino Integral”

“Norma Técnica que dispõe sobre a Elaboração de Projetos de Edificação de Escolas - Resolução SS-493, de 8/9/94”

“Manual de Orientações do Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno” (PARANÁ, 2011)

Dividiu-se o programa em espaços abertos a todo o público, espaços administrativos, espaços de convívio coletivo entre crianças e jovens, espaços para turmas divididas por grupo de idade e salas divididas de 3 em 3 anos.



ABERTO PARA TODOS

- espaços de estar e lazer
- trilhas na área verde
- percursos para caminhada/trilhas de bicicleta
- espaços que possam ser utilizados como feira em finais de semana
- arquibancada para eventos pequenos
- criação de diferentes percursos no terreno
- ampliação do lúdico para todo o público



DE CONVÍVIO COLETIVO

- espaços multiusos (espaço movimentar, espaço conectar e espaço sentir)
- refeitório (para ser utilizado em horários distintos e com mobiliários de acordo com cada faixa etária)
- sala de informática
- sala de apoio
- arquibancada
- horta
- SALAS DE 3 EM 3 ANOS



DE ADMINISTRAÇÃO

- sala da administração e organização
- sala para professores
- ambulatório
- oficina para público externo (apoio às mães)
- cozinha
- sanitários



ESPAÇO MOVIMENTAR



ESPAÇO CONECTAR



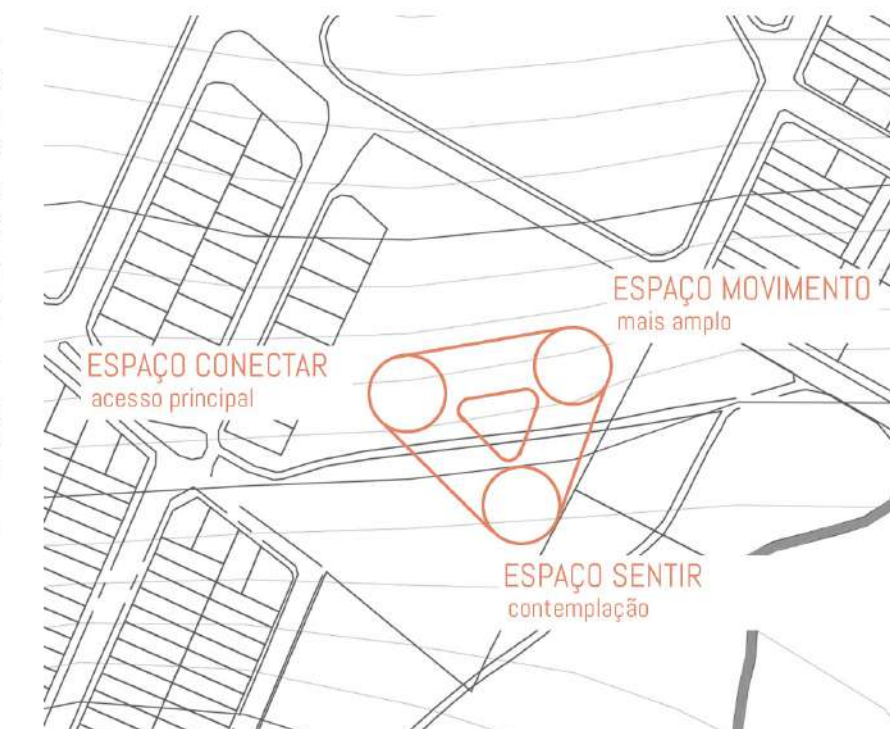
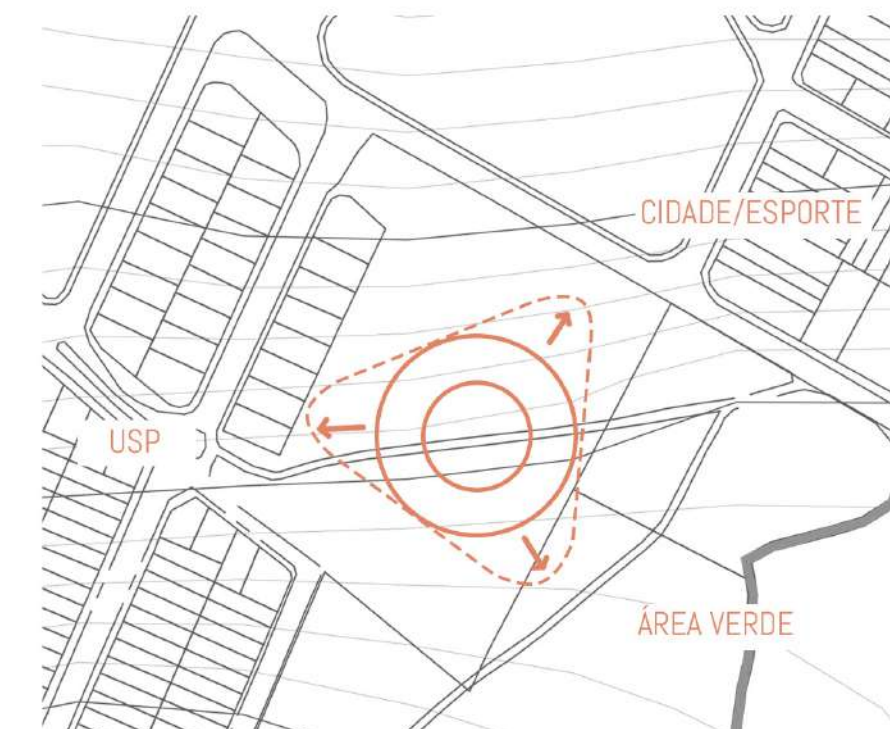
ESPAÇO SENTIR

ANÁLISE DO TERRITÓRIO

A setorização desse programa no espaço se dá a partir das pré existências e das relações que se buscava criar com o bairro. Esse programa se divide em três principais setores: ESPAÇO CONECTAR, ESPAÇO SENTIR e ESPAÇO MOVIMENTAR.



LOCALIZAÇÃO E CONDIÇÕES NATURAIS



O ESPAÇO CONECTAR se relaciona com a comunidade do bairro e também com a USP. São atividades voltadas ao sentido da visão, olfato e paladar, com consciência mental/racional. Nesse espaço se localiza a horta, associada aos alunos da ambiental da USP e ao refeitório e cozinha (também presente nesse espaço); a administração, por ser mais próximo do acesso principal e criar essa conexão com a comunidade; as salas dos professores, ambulatório, sala de informática e salas que podem ser utilizadas para aulas de reforço ministrada pelos alunos da USP e também como oficinas para as mães. Esse espaço também está próximo a marquise de entrada, onde ocorrerá as feiras, podendo estar associada às oficinas das mães, à horta e também a outras atividades da comunidade.

O ESPAÇO SENTIR se relaciona com a área verde presente no terreno, ressignificando a área de proteção ambiental. As atividades desenvolvidas nesse espaço serão voltadas ao sentido do tato e com uma consciência emocional, será um espaço para atividades de artes, teatro, biblioteca, leituras, exposições e oficinas.

O ESPAÇO MOVIMENTAR se relaciona com a cidade e com os espaços esportivos já existentes, se caracterizando como um espaço aberto para o movimento livre: para o descobrir, o correr, o fazer barulho. As atividades desenvolvidas serão voltadas a consciência do corpo e associado ao sentido do som: dança, esporte, música,...

Esses espaços, suas respectivas relações com as pré-existências e as atividades que ali se desenvolverão deram origem a forma do projeto, que se conecta com o território e comunidade, ao mesmo tempo que cria um espaço mais íntimo das atividades internas ao contraturno.

O projeto se caracteriza por uma grande estrutura independente que permite o desenvolvimento de atividades distintas e flexíveis no espaço. E, a partir dessa estrutura, buscou-se materializar alguns conceitos trabalhados por Mazzilli, como a presença de diferentes aberturas e fechamentos, que criam um jogo de luz e sombra e uma relação de espaço interno e externo, e a cobertura inclinada que garante alturas diversas de pé direito.

A territorialização do programa se deu a partir de algumas pré-existências unidas a diretrizes projetuais. O caminho já marcado na área, cria um percurso único que atravessa o terreno em uma única cota, sem a necessidade de subir ou descer o relevo, a implantação do edifício foi definida a partir desse caminho, com a intenção de preservá-lo e valorizá-lo. Essa implantação também dialoga com o terreno, se alinhando às curvas de nível, e tirando a necessidade de qualquer movimentação de terra, já que o edifício se adapta a inclinação existente.

Para a distribuição dos diversos usos e as diferentes idades no território seguiu-se uma lógica entre espaços mais abertos e mais íntimos. Voltado a rua mais movimentada: Francisco Possa, se localiza a entrada principal e “fachada” do edifício. Nesse espaço, com maior relação à rua, mais fácil acesso externo e proximidade dos equipamentos esportivos já existentes, definiu-se o uso para o ESPAÇO MOVIMENTAR, o ESPAÇO CONECTAR e para idades mais avançadas. Já a parte posterior do edifício, voltado a ruas menos movimentadas, com acessos e espaços mais íntimos e proximidade da área de proteção ambiental, estabeleceu-se o uso dos ambientes para o ESPAÇO SENTIR e para as crianças menores.

Essa proposta de implantação no terreno se deve a um entendimento de usos distintos que ocorre no espaço, o programa de “Contraturno Parque” se divide em usos cotidianos, em que crianças e jovens vão usufruir do espaço em seu dia a dia, e usos esporádicos, em que todos poderão desfrutar desse espaço para usos diversos, porém com uma frequência distinta.

O uso cotidiano acontece principalmente no interior da edificação, com salas para as diferentes idades, espaços flexíveis para as distintas funções e ambientes que auxiliam a organização das crianças e jovens. A forma da edificação permite a percepção e entendimento do todo do projeto, transmitindo uma noção de segurança e conforto às crianças. Além disso, essa visão do todo, garante aos adultos uma noção das atividades que estão acontecendo ao redor, fazendo com que a intervenção do adulto seja reduzida e permitindo que crianças e jovens tenham mais liberdade sem que comprometa a segurança.

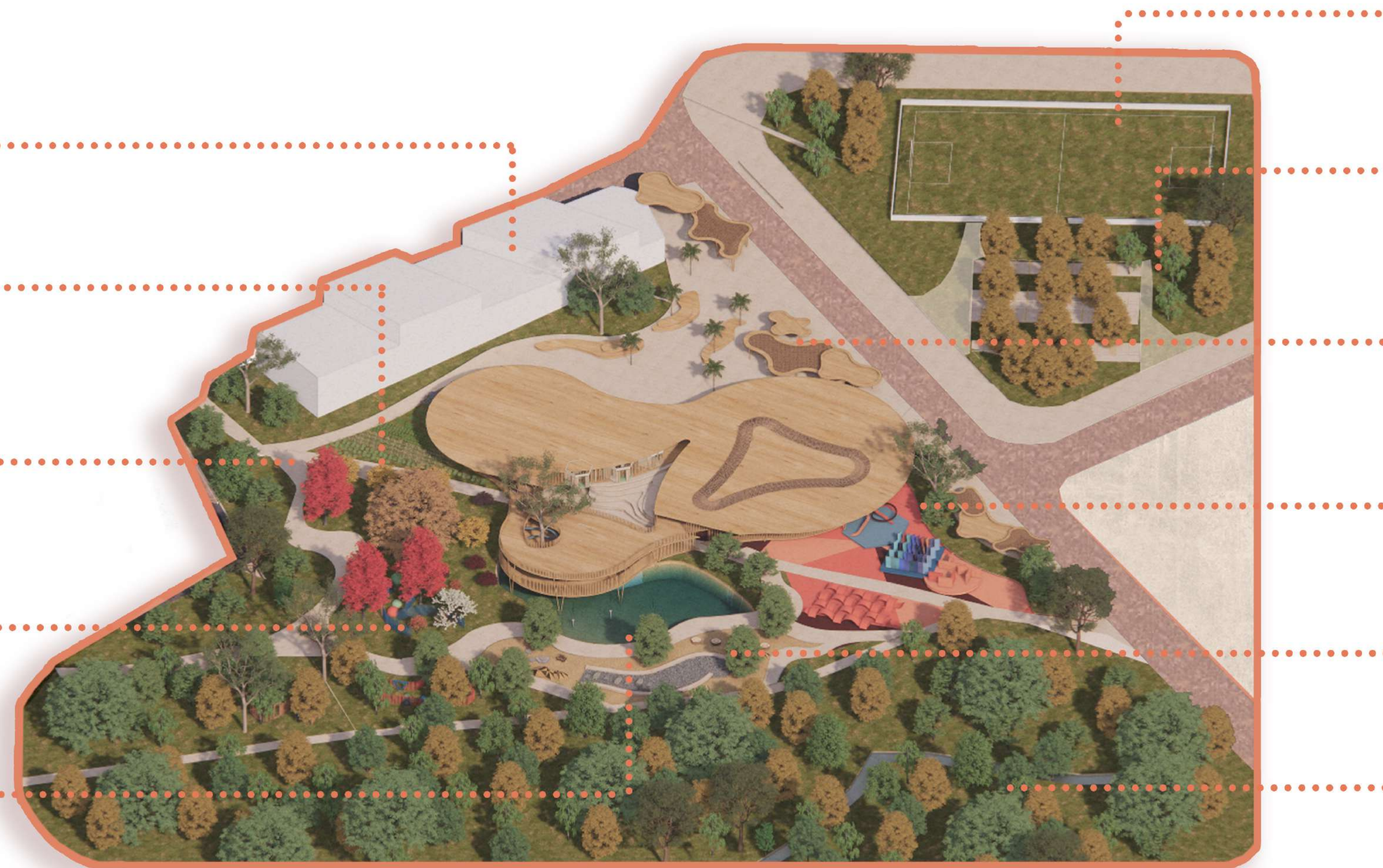
A grande cobertura possui espaços internos flexíveis, capazes de abrigar atividades cotidianas, como descritas anteriormente e também sendo possível sua abertura para o público, para pequenos eventos, exposições, entre outros. A marquise que dá acesso a edificação também pode ser utilizada como abrigo para as feiras, se localizando na proximidade da rua de maior movimento, atraindo mais pessoas, e próximo ao estacionamento, que serve de apoio aos feirantes.

O espaço externo abriga atividades mais esporádica, possui diferentes percursos a serem caminhados, utilizados e descobertos. O percurso principal é o já existente, que se transforma no palco da arquibancada, dando o protagonismo a esse espaço. Os caminhos criam uma relação com as outras quadras, facilitam as circulações e incentivam a entrada das pessoas no terreno.

A presença da água, ao mesmo tempo que cria espaços de estar e lúdicos de brincadeira, também ressignifica a relação das pessoas e da comunidade com a mesma, que percebe a sua importância, tornando a proteção algo natural e intrínseco. Já o parquinho, que possui formas e cores que instigam o livre brincar e a descoberta, marca a presença das crianças que se dissolve no território. Buscou-se criar uma ligação entre esses espaços com o interior do edifício, criando um jogo entre o que é ambiente externo e o que é interno.



- PRÉ-EXISTÊNCIAS
- HORTA/POMAR
_relação com alunos da engenharia ambiental da USP
_abastecimento da cozinha e feira
_re-significar a relação com os alimentos
- CAMINHO EXISTENTE
_atravessa o terreno em uma única cota
_será mantido e valorizado
_ganha protagonismo ao virar palco da arquibancada
- MOBILIÁRIO INFANTIL DISTRIBUÍDO NO TERRITÓRIO
_marcando a presença das crianças no território
- PRESENÇA DE ÁGUA
_re-significar a relação



ESPAÇO ESPORTIVO EXISTENTE

ESTACIONAMENTO

_apoio para o contraturno e para feirantes

ESPAÇO PARA FEIRAS

_marquise que pode ser utilizada por feirantes da região e venda das hortaliças e produtos das oficina das mães (integração com a comunidade)

PLAYGROUND

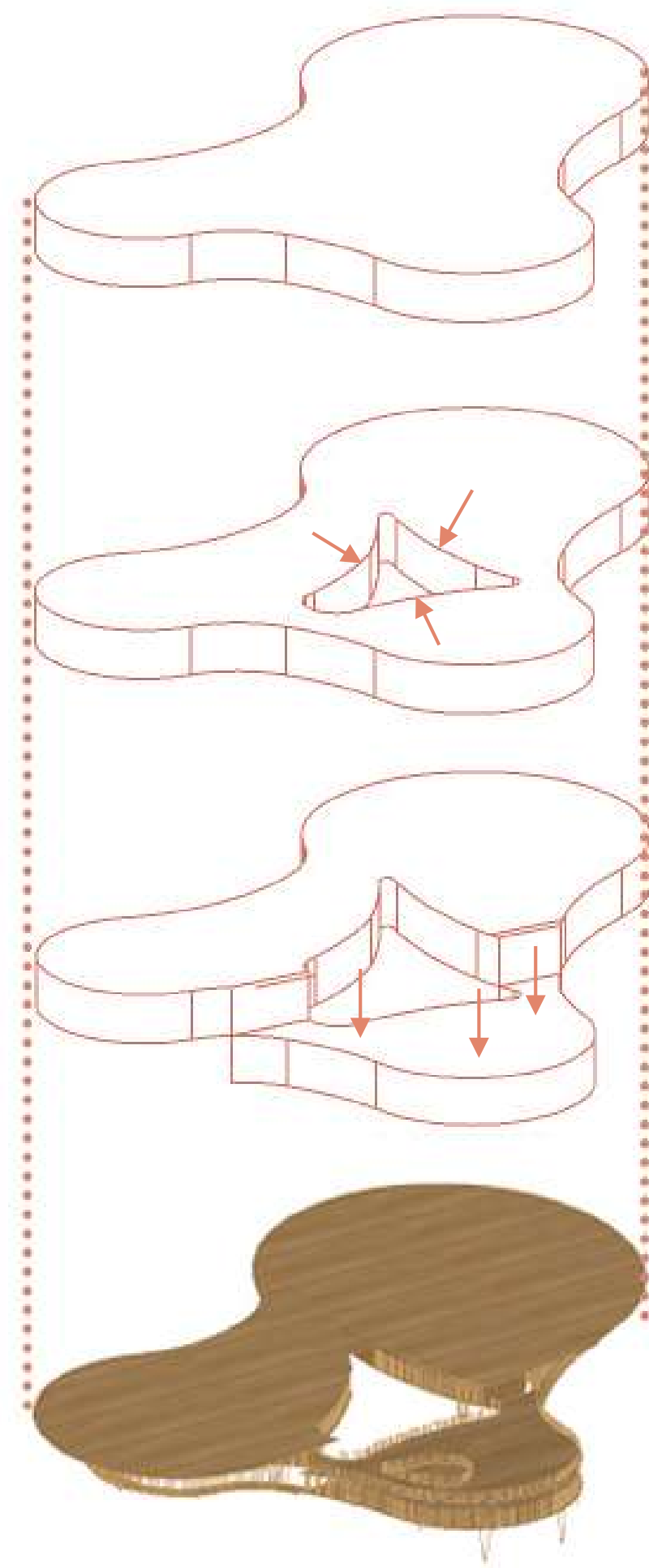
_espaço com cores e formas lúdicas para o livre brincar

ESPAÇO SENSORIAL

_diferentes texturas dos próprios materiais, intigando o toque e a descoberta das crianças

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

_ampliação da APP, rompendo o limite rígido da área
_intervenções de baixo impacto, criando trilhas e mirantes
_melhorar a relação da comunidade com a área verde



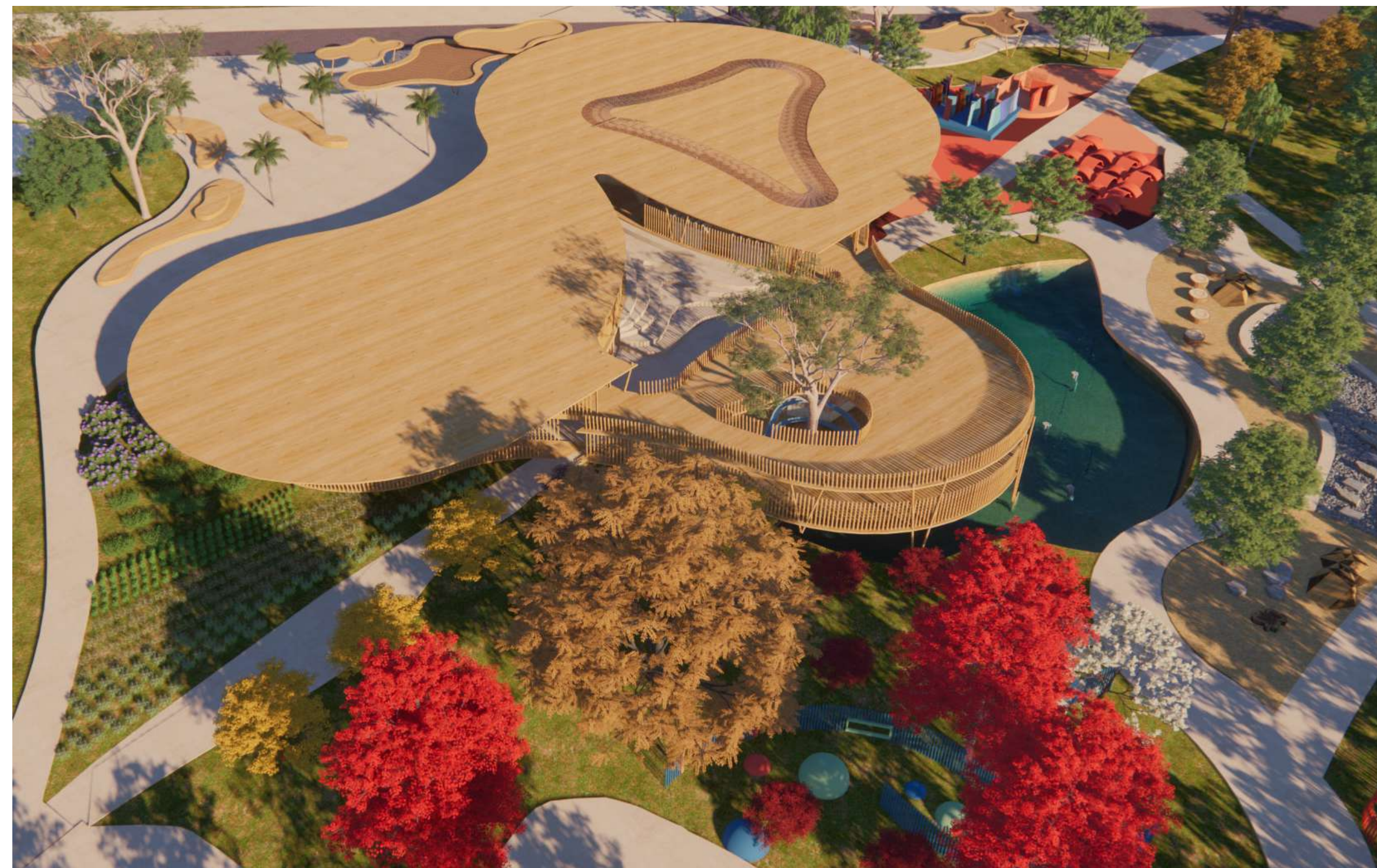
PARTIU-SE DA FORMA QUE ACENDEU NA ANÁLISE DAS DIRETRIZES

RETIROU-SE UMA FORMA INTERNA (OFFSET DA FIGURA EXTERNA), PARA CRIAR UM CENTRO ÍNTIMO DE ENCONTROS

A PARTIR DA LINHA DO CAMINHO JÁ EXISTENTE, DIVIDIU-SE EM DOIS, E POR CONTA DO DESNÍVEL DO TERRENO, DESLOCOU-SE UM DOS CIRCULOS, PARA SE ADAPTAR AO RELEVO, CRIANDO, COM ISSO, UM TETO CAMINHÁVEL

BUSCOU-SE CRIAR ELEMENTOS QUE INCENTIVASSE O USO DESSE TETO, QUE ALÉM DE SE CONFIGURAR COMO UM ESPAÇO DE CONTEMPLAÇÃO E OBSERVAÇÃO DA ÁREA VERDE, AO RECEBER A INCLINAÇÃO, UMA ABERTURA LIGADA A UMA ÁRVORE E UM ESCORREGADOR, SE TORNA UM ESPAÇO DE EXPLORAÇÃO E ESCALADA.

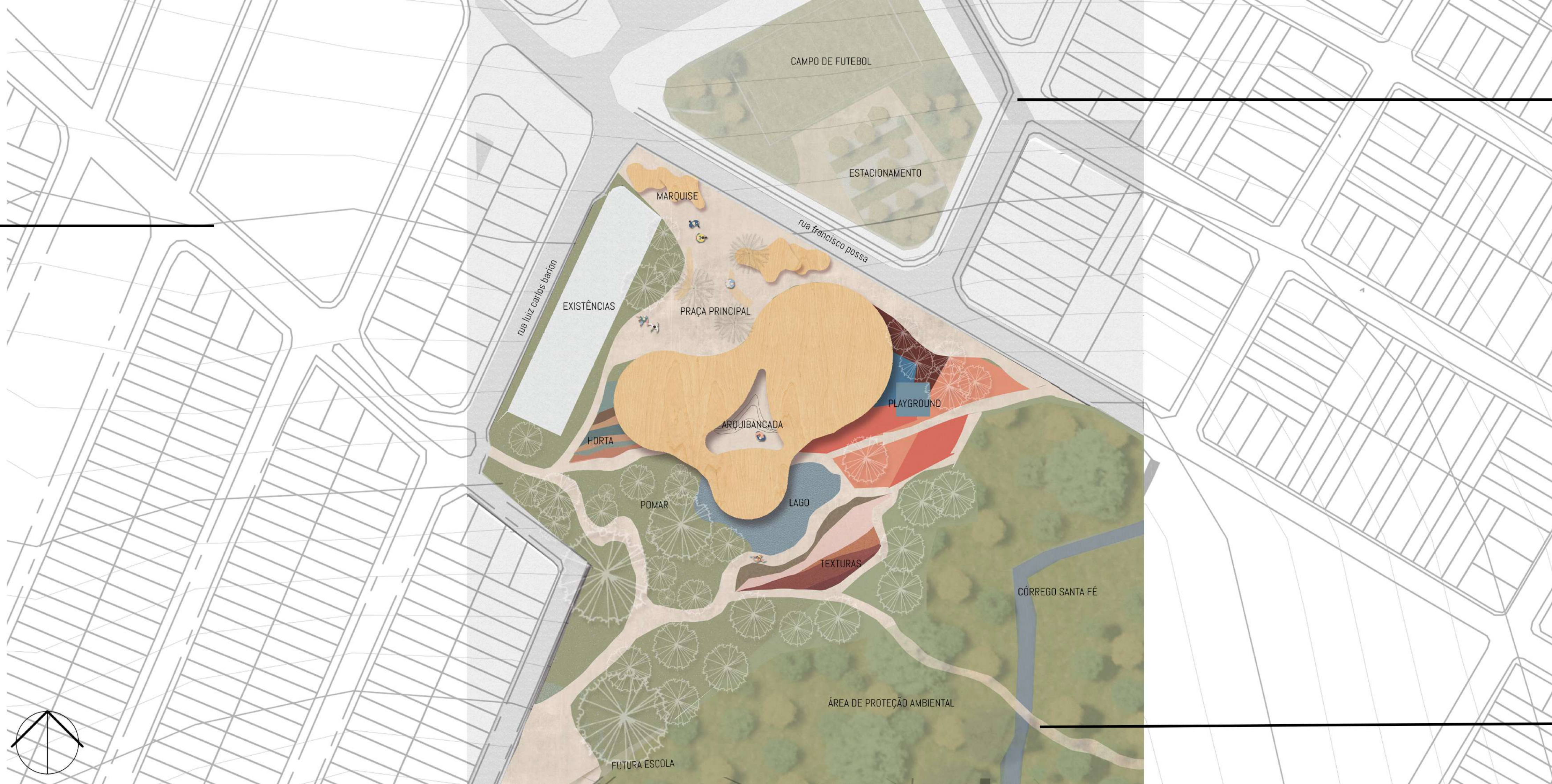
E ASSIM, CHEGA-SE NA FORMA DA ESTRUTURA INDEPENDENTE



CONEXÃO CEMEI PROF. VICENTE DE PAULO ROCHA KEPPE

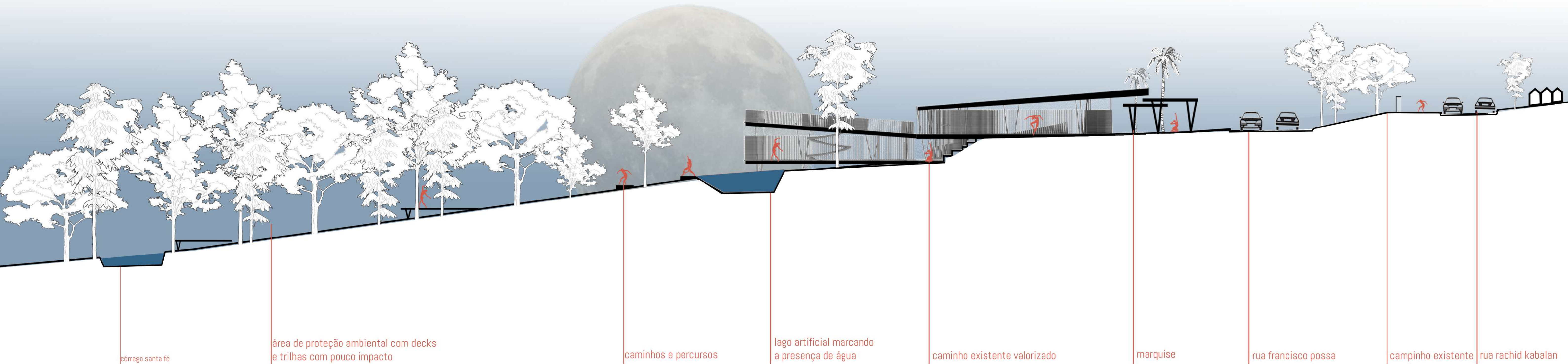
CONEXÃO USP - CAMPUS II
CRECHE DR. GILDENEY CARRERI,
E.E. PROF BENTO DA SILVA CÉSAR,
USF SANTA ANGELINA

CONEXÃO CEMEI HOMERO FREI



IMPLANTAÇÃO
0 10 20 100





córrego santa fé

área de proteção ambiental com decks e trilhas com pouco impacto

caminhos e percursos

lago artificial marcando a presença de água

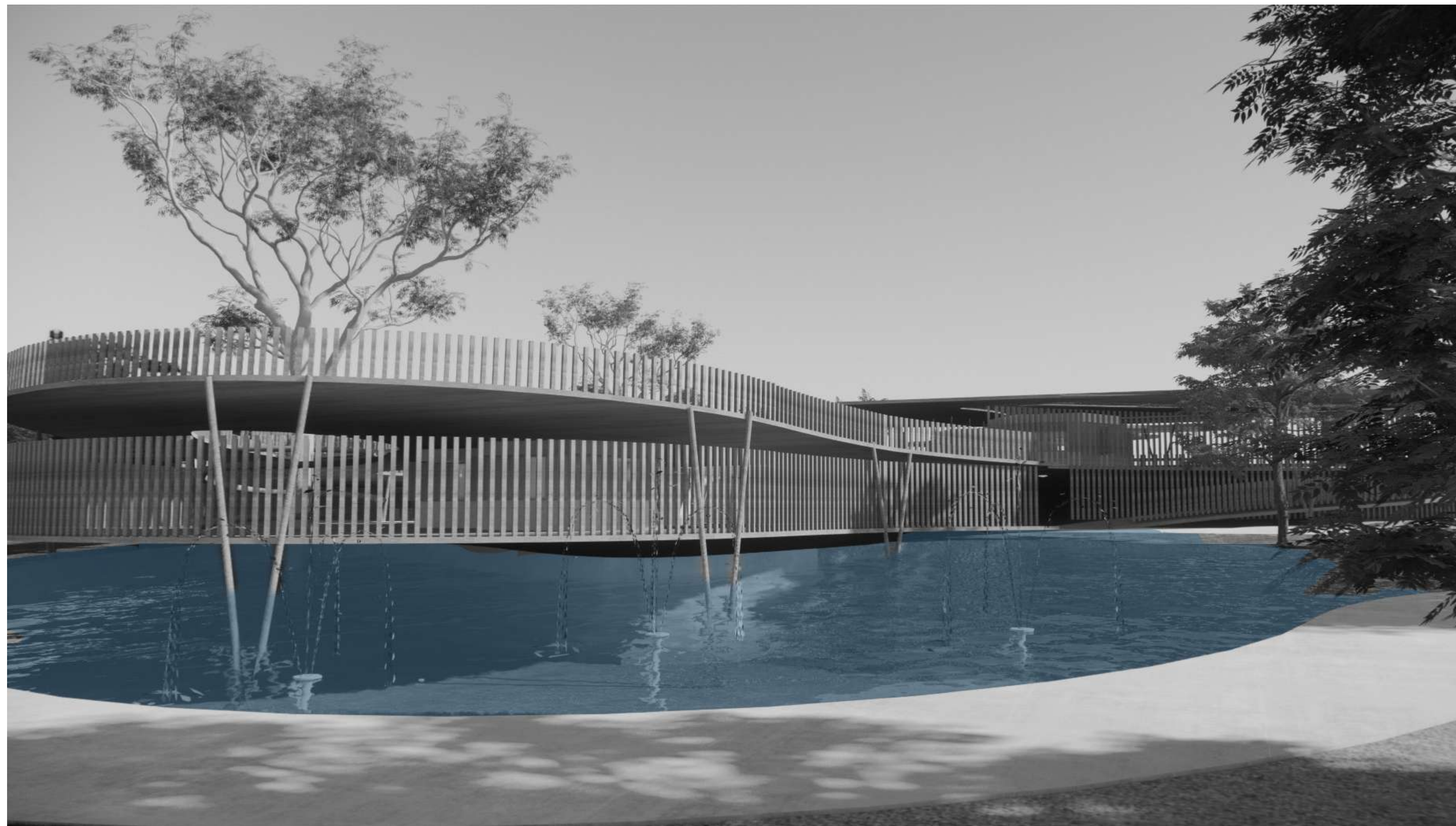
caminho existente valorizado

marquise

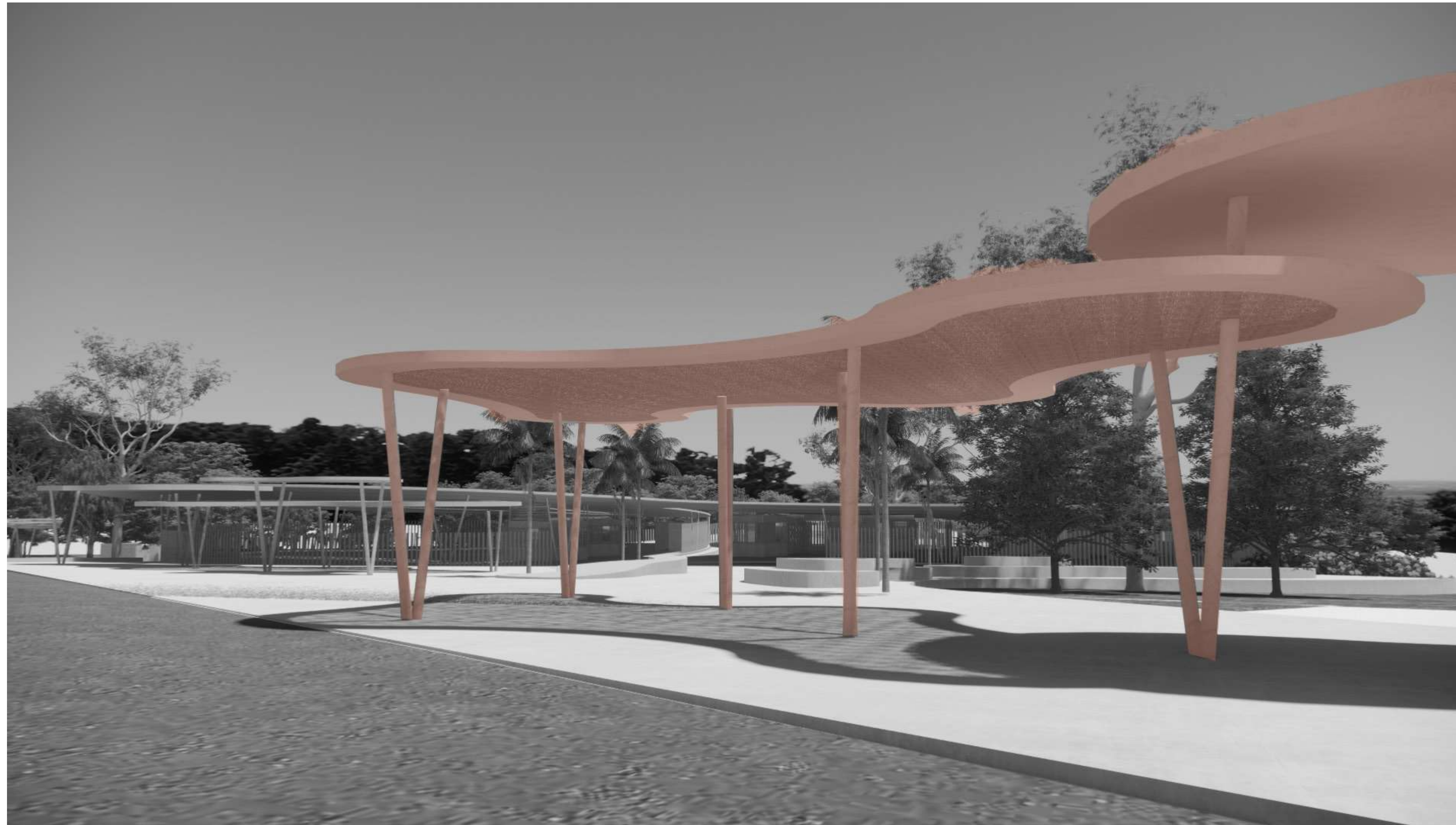
rua francisco possa

campinho existente

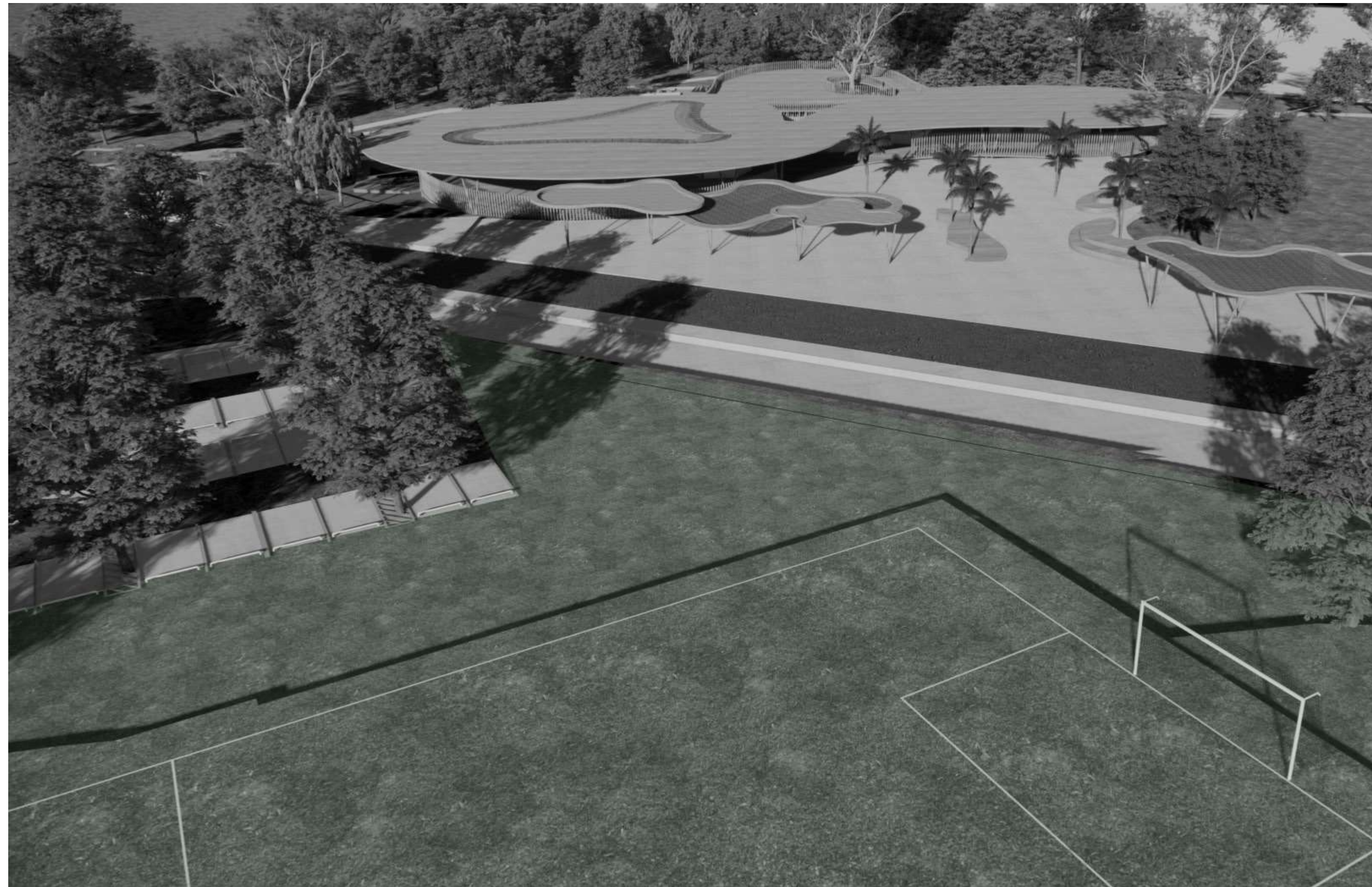
rua rachid kabalan



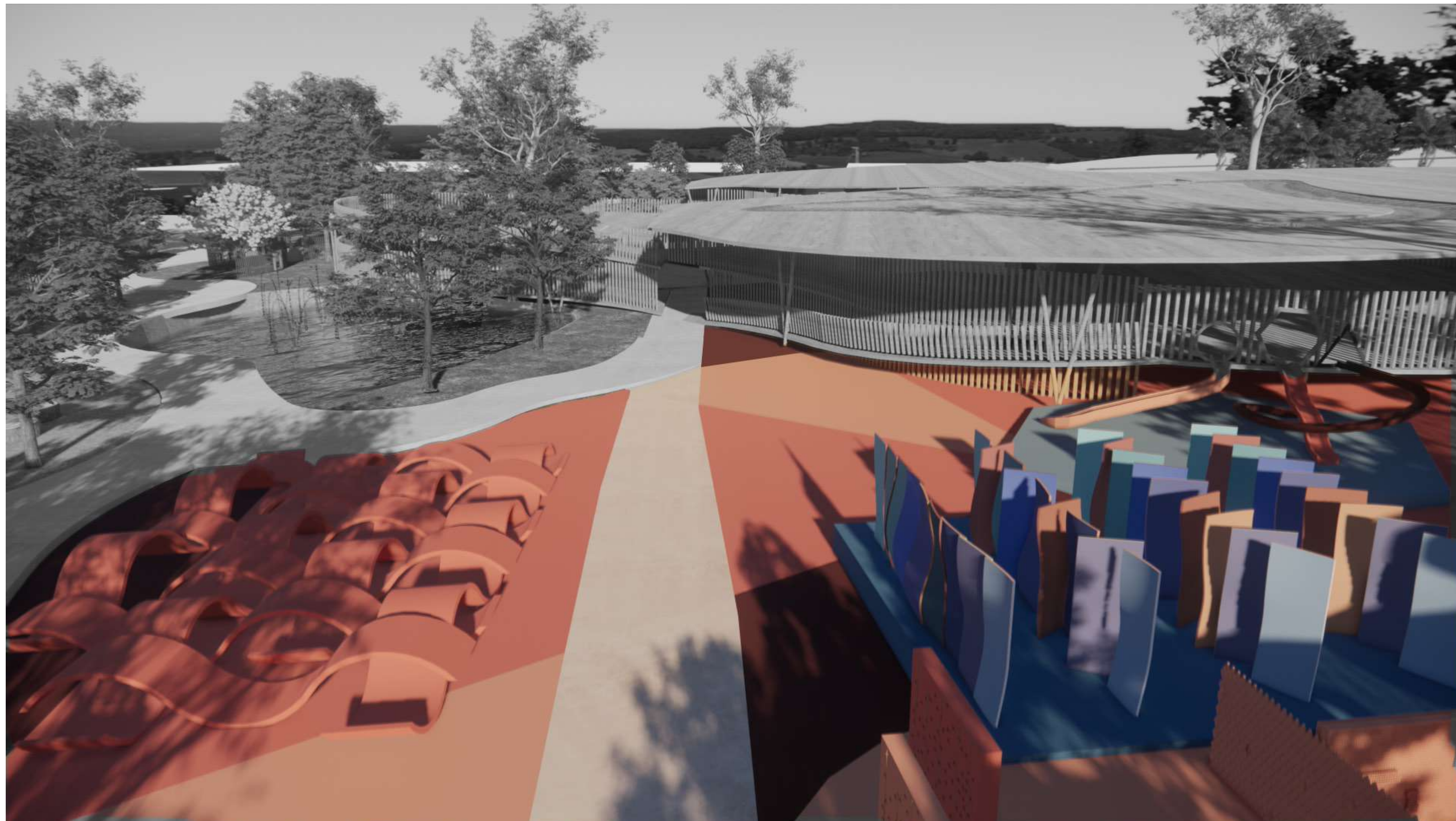
presença da água ressignificando a relação da comunidade com a nascente do córrego Santa Fé



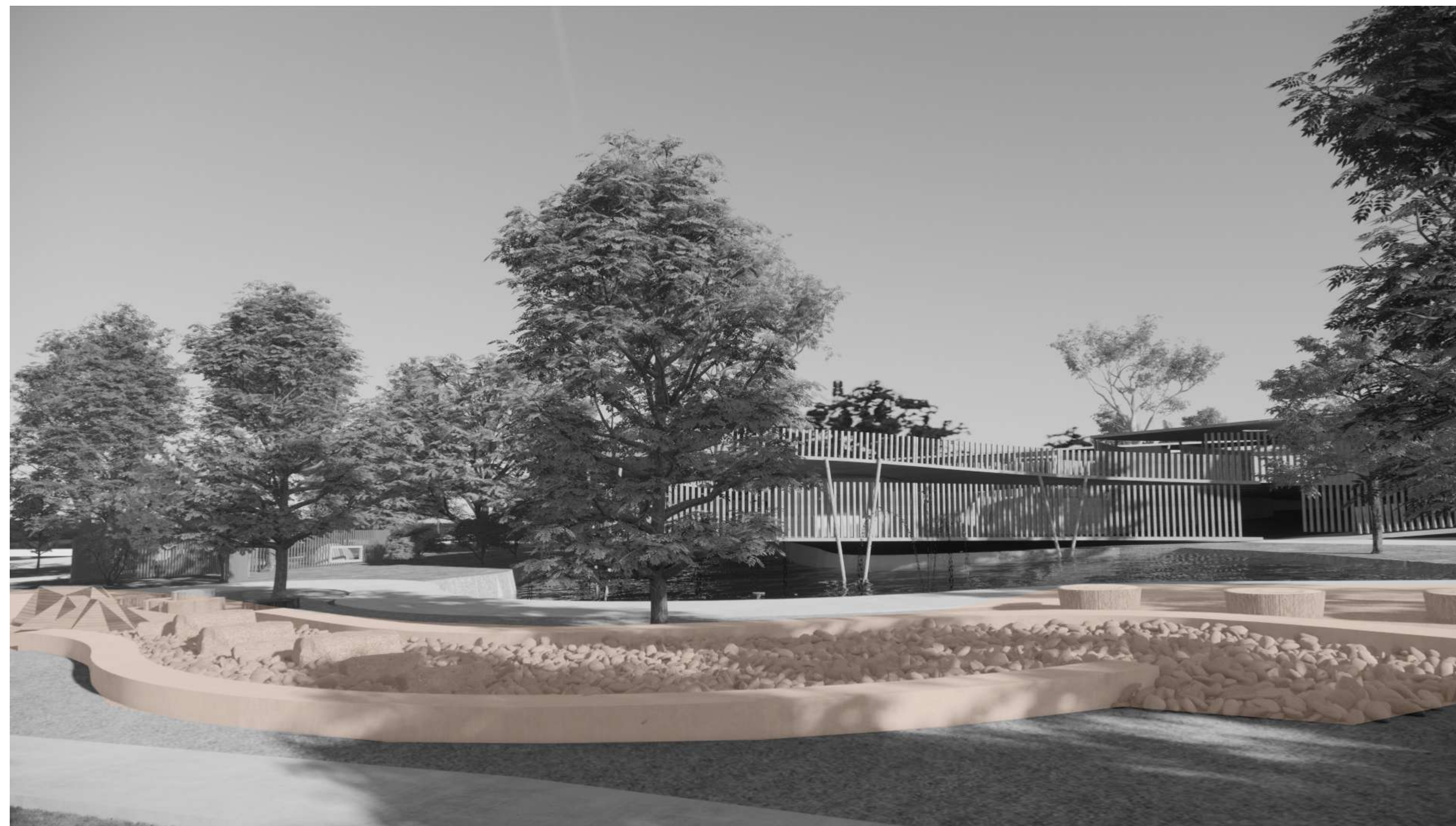
marquises de acesso ao edifício que podem ser utilizadas como apoio e cobertura às feiras



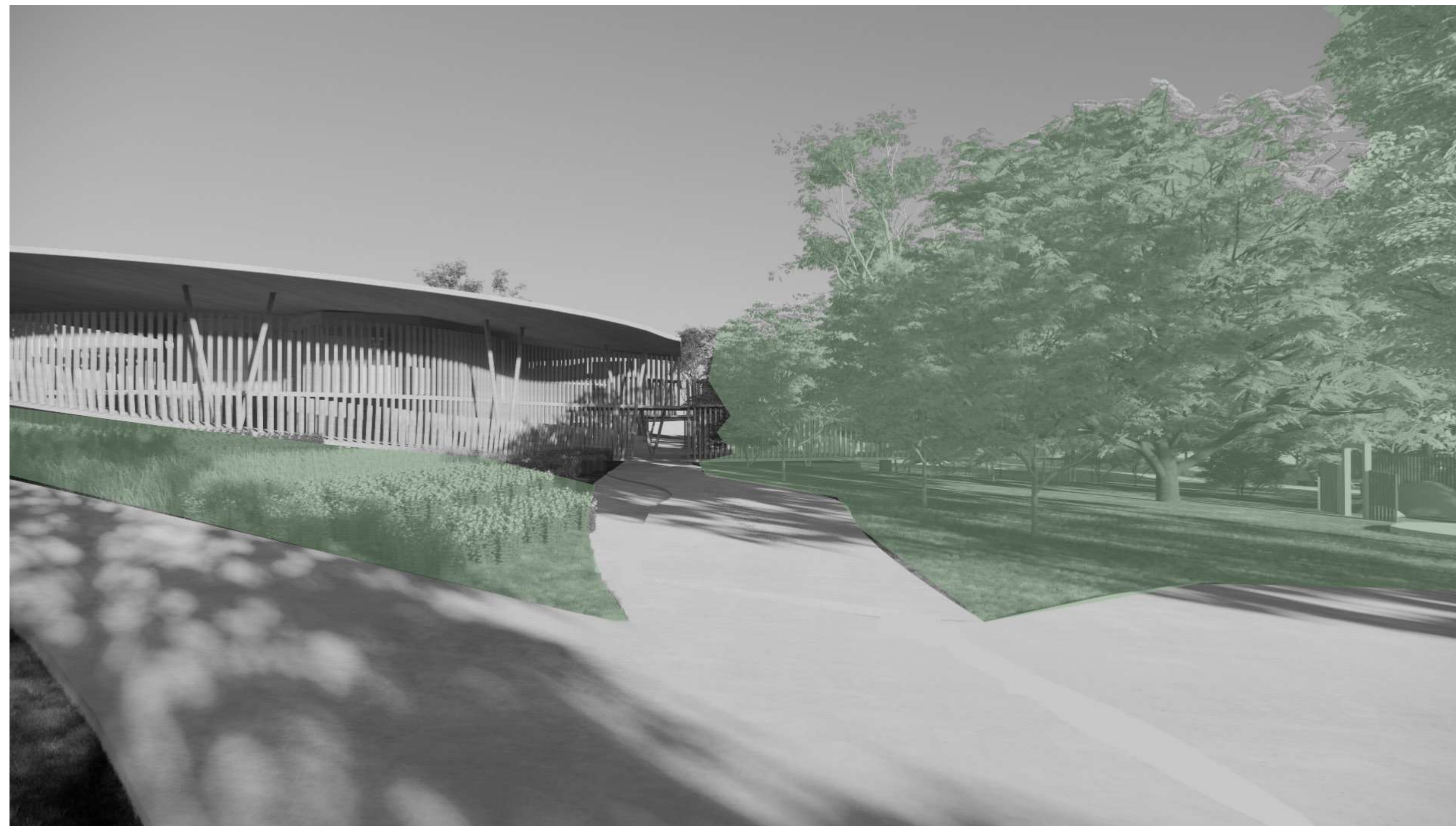
relação com equipamentos esportivos existente



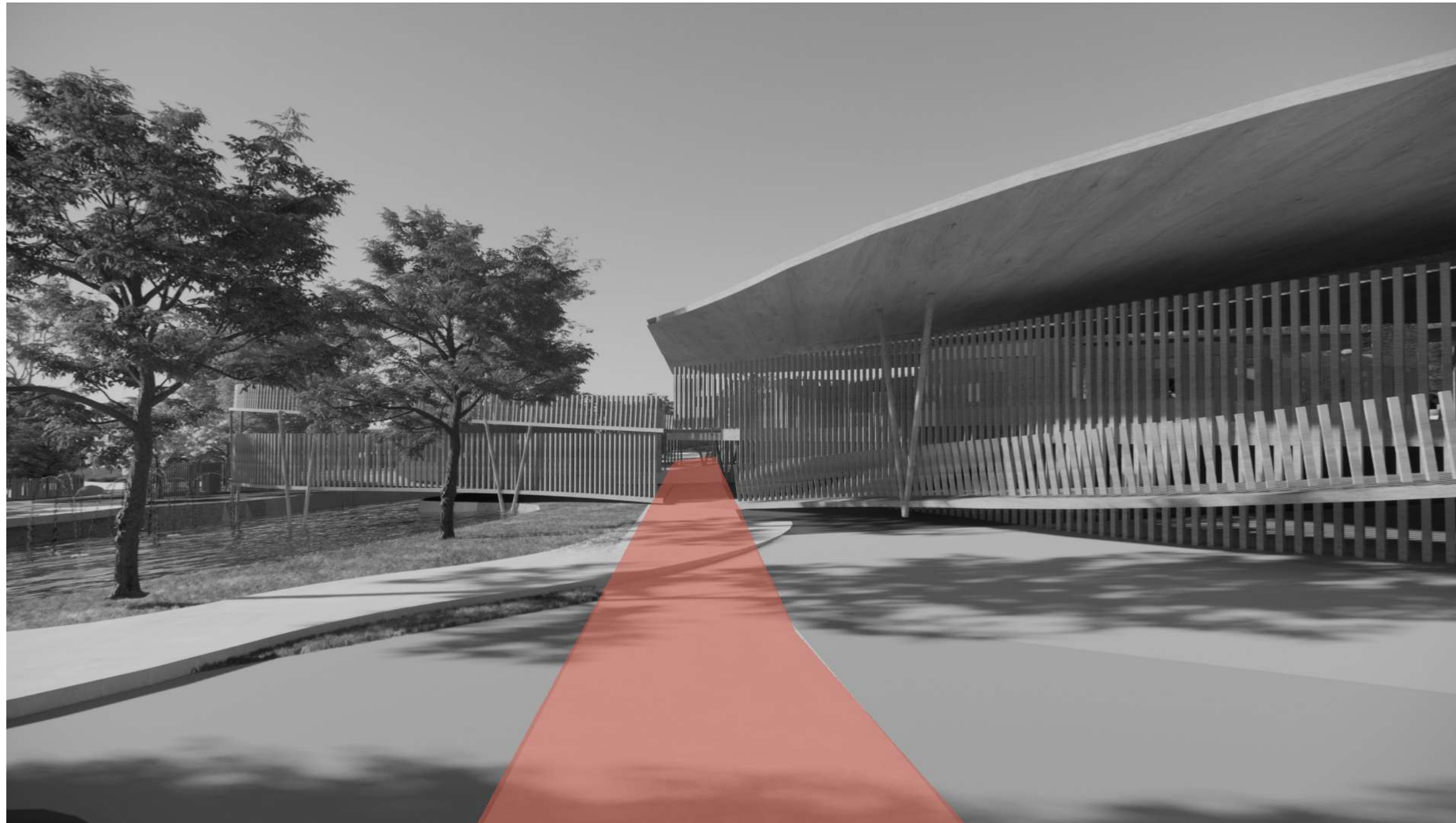
playground que instigam a liberdade e criatividade da criança



educação sensorial a partir do contato com a textura naturais dos objetos



educação alimentar e ambiental a partir do cultivo da horta e pomar



caminho existente: elemento central do projeto



Nosso principal educador é o mundo, a realidade. O município educa, a cidade educa, a escola educa, **o prédio escolar educa.** (GADOTTI, 2009)

MATERIALIZAÇÃO



PLANTA

0 10 20 40

Para chegar nas dimensões da edificação e dos seus espaços internos foi levado em consideração a quantidade de crianças que seriam atendidas pelo programa. Para isso, foi considerada a recomendação do parecer do Conselho Nacional de Educação no 28/1998: As estratégias de atendimento individualizado às crianças devem prevalecer, que diz que as turmas de 4 a 6 anos não deve ultrapassar a quantidade de 20 crianças. Levando em consideração que todas as salas deveriam ter a mesma quantidade de pessoas, e que o programa atende crianças e jovens de 3 a 18 anos, e possui 2 salas por faixa etária de 3 em 3 anos, ou seja, seriam 10 salas de 20 crianças/jovens, logo 200 pessoas seriam atendidas pelo programa.

Para a definição dos tamanhos da sala, foi utilizado o documento "Padrões básicos de Infraestrutura para instituições de Educação Infantil", que afirma que as salas devem ter 1,5m² por criança, sendo assim, cada sala deveria ter pelo menos 30m². Já em relação ao espaço total de edificação, segundo Moore (1996) e Oguisso (1972), o parâmetro levado em consideração varia entre 10m² a 20m² por crianças, sendo assim, a edificação deveria ter entre 2000m² a 4000m², sendo assim foi utilizado um valor médio de 3000m².

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR



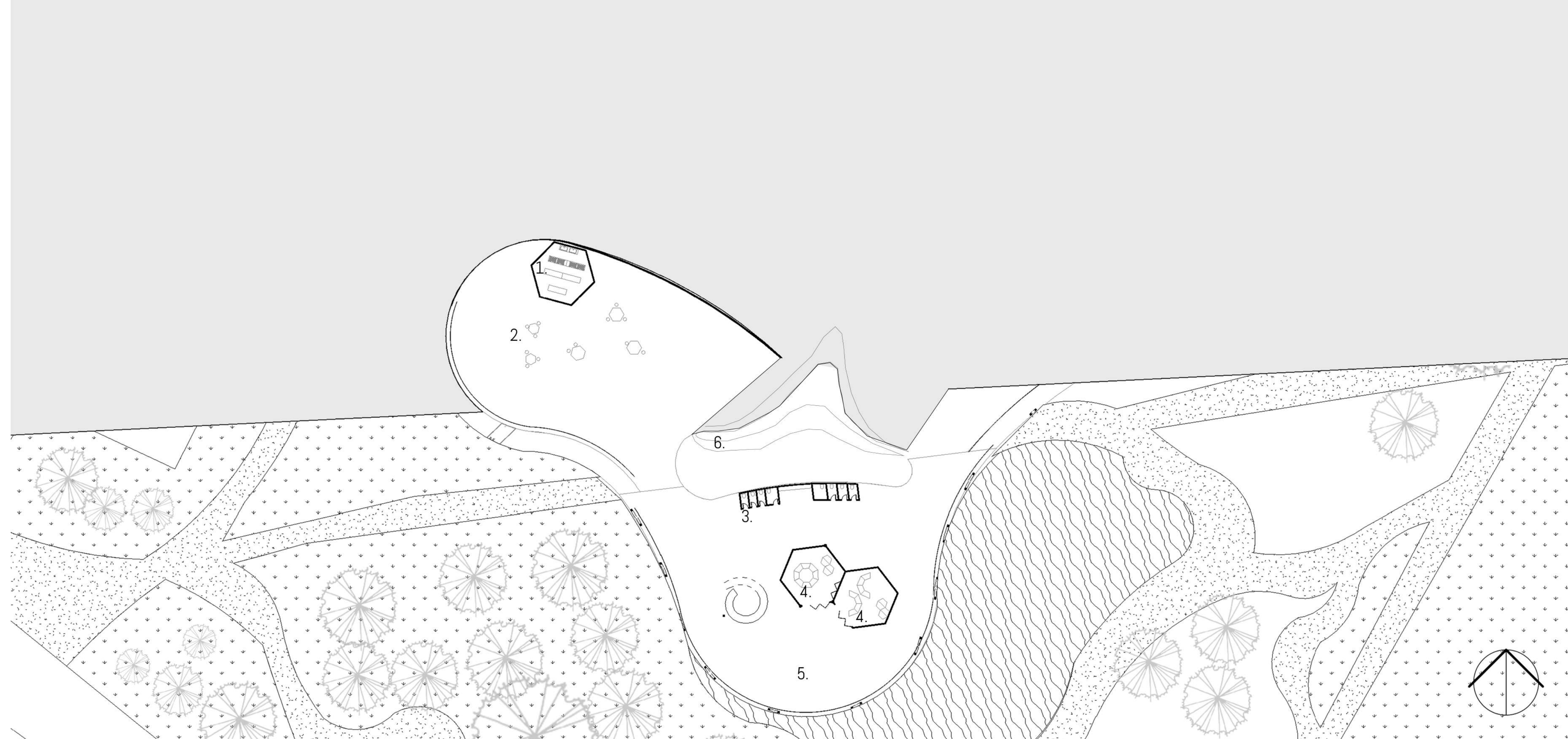
1. administração
2. ambulatório
3. sala dos professores
4. informática
5. sala de apoio/oficina
6. sala 12-15 anos
7. sala 15-18 anos
8. sala 6-9 anos
9. salas 9-12 anos
10. sanitários e vestiários

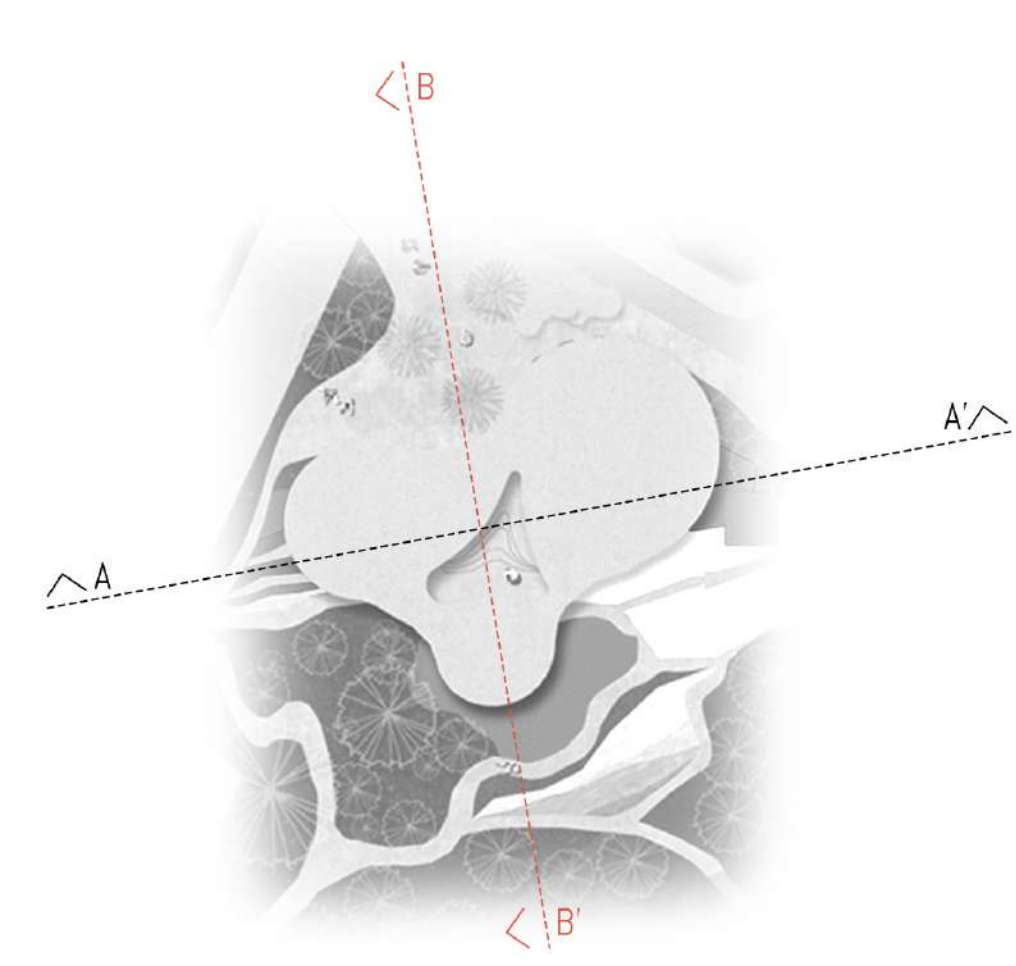


PLANTA PAVIMENTO INFERIOR

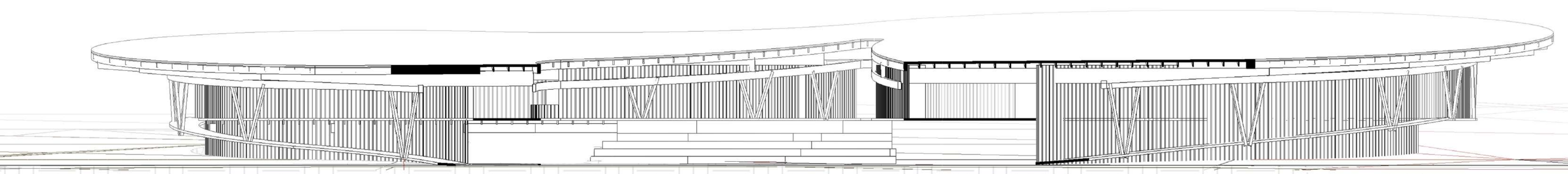
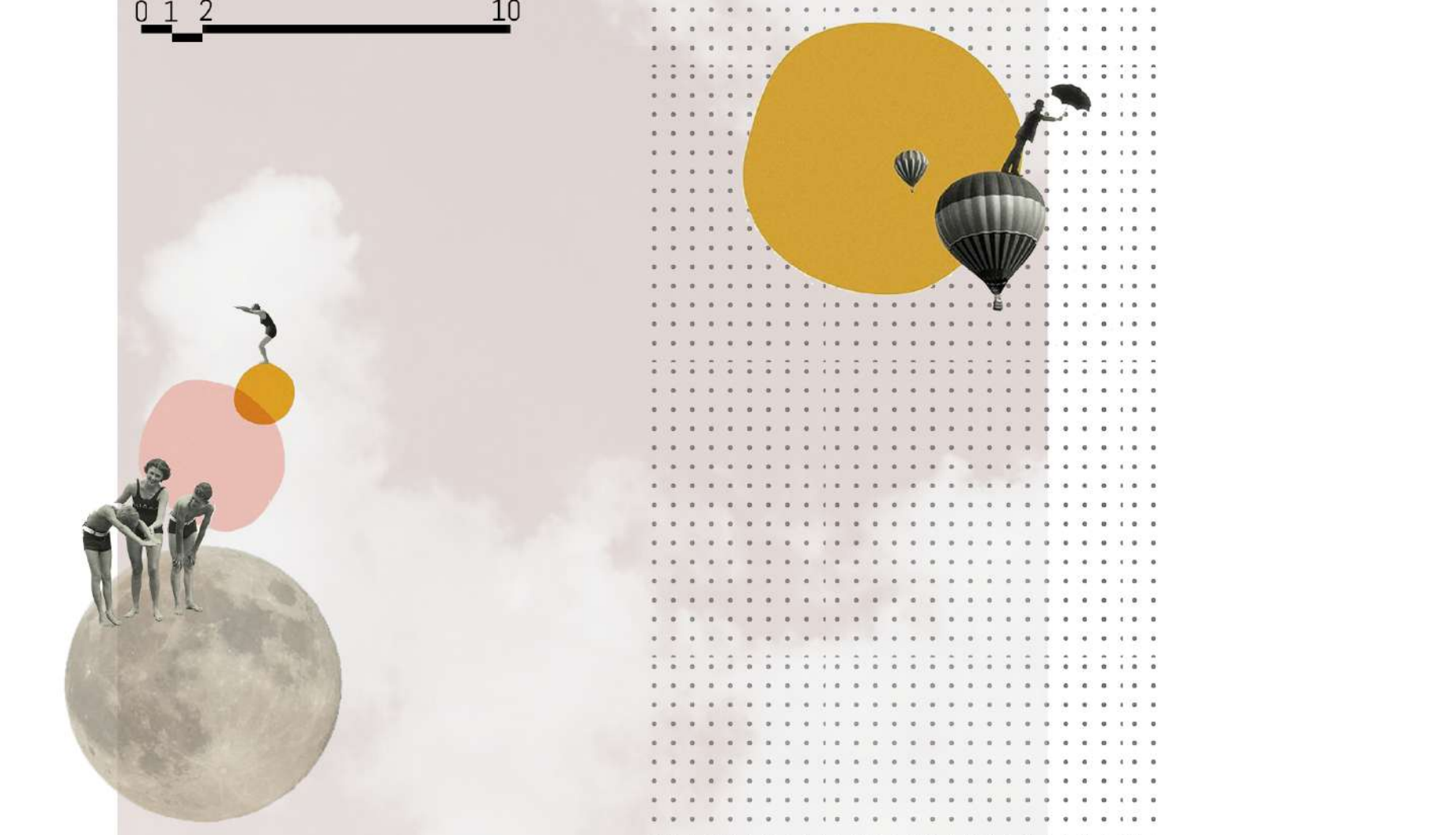
0 5 10 20

1. cozinha
2. refeitório
3. sanitários
4. salas 3-6 anos
5. ESPAÇO SENTIR
6. arquibancada



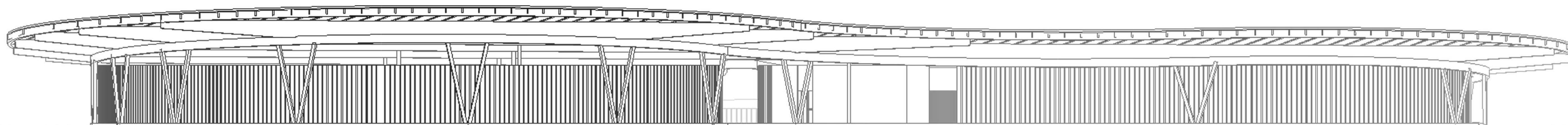
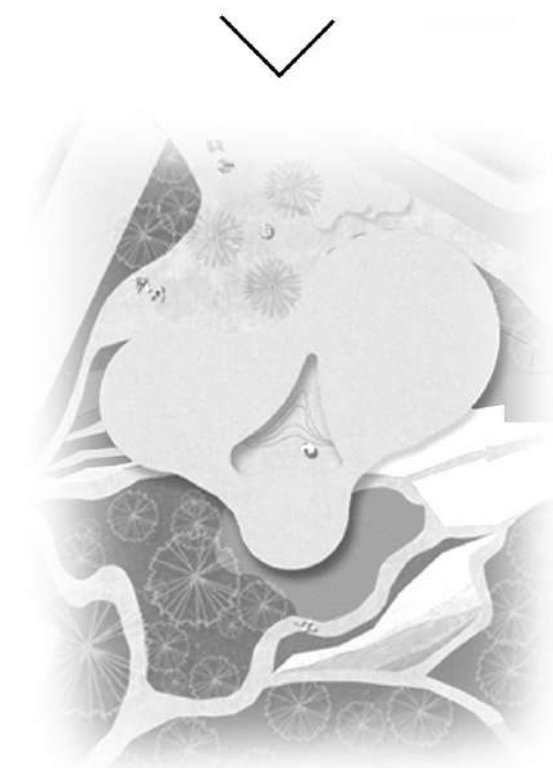


CORTE BB'



CORTE AA'

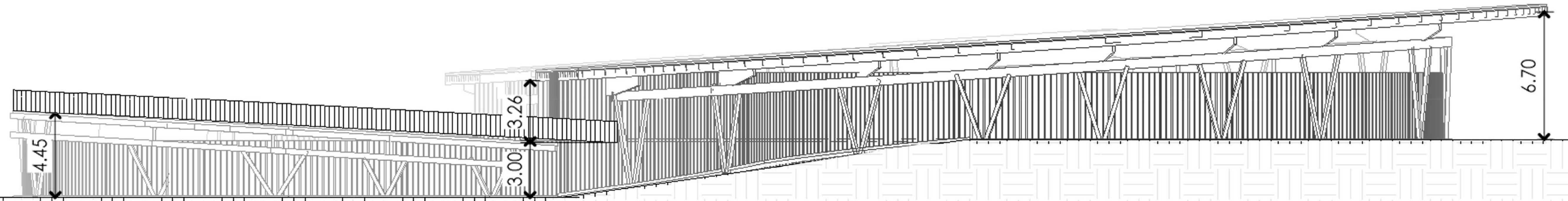
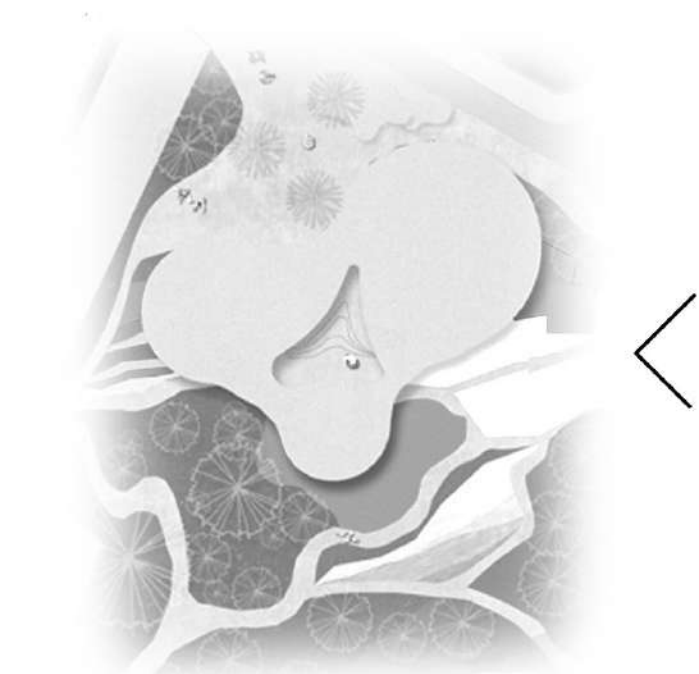




ELEVAÇÃO FRONTAL

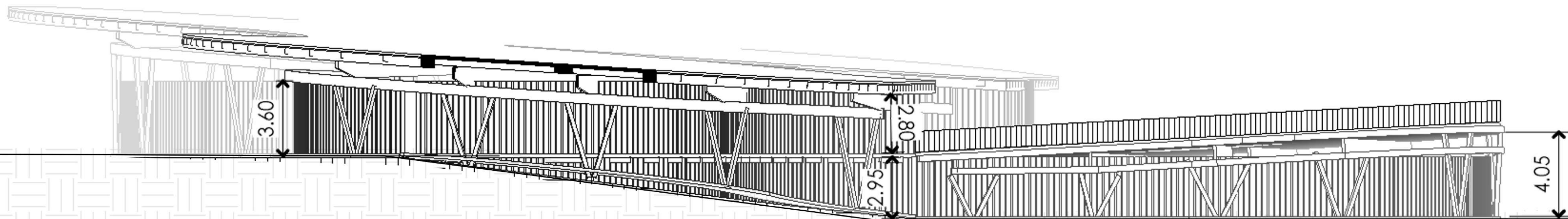
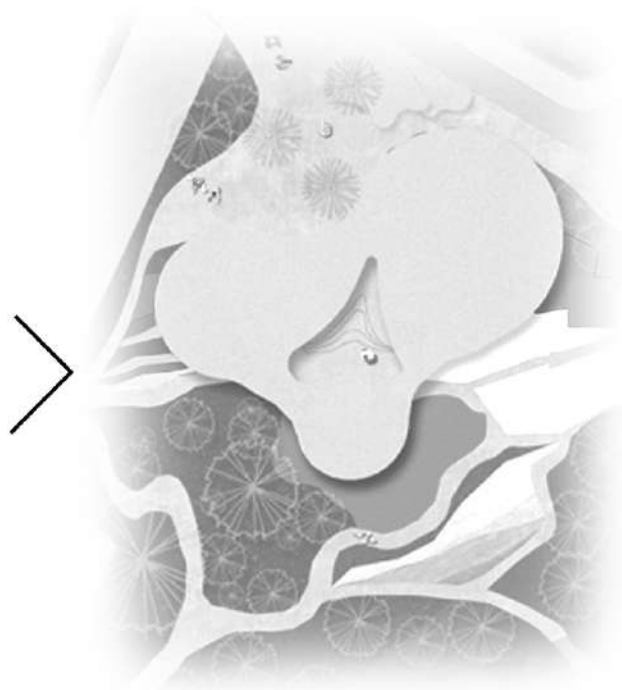
0 1 2 10





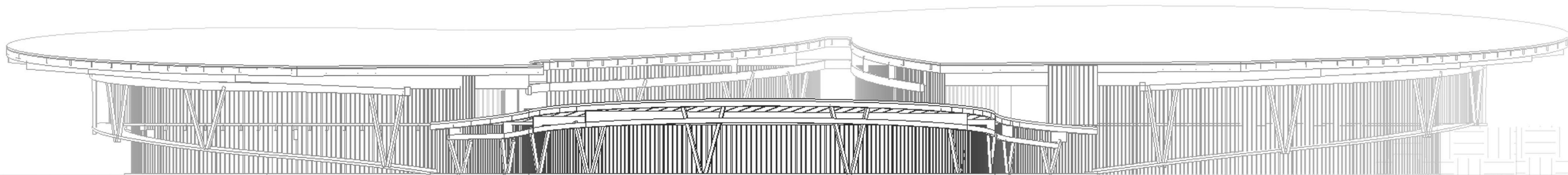
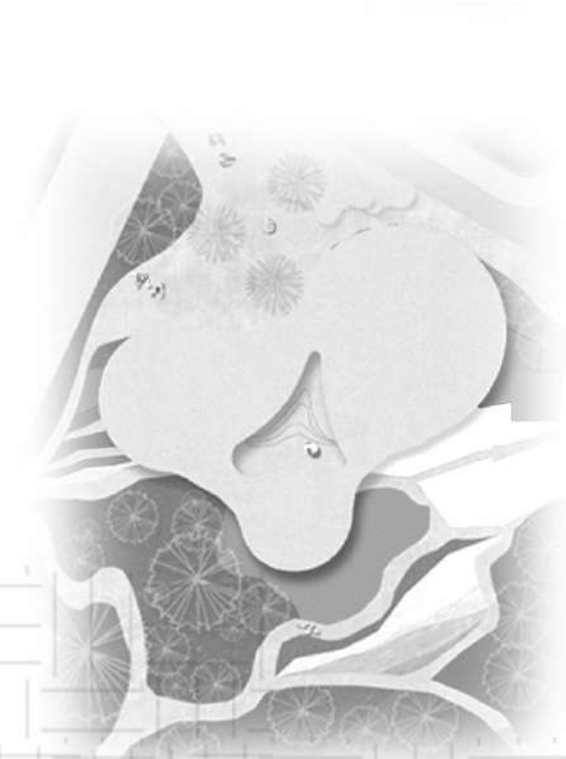
**ELEVAÇÃO
LATERAL
ESQUERDA**





**ELEVAÇÃO
LATERAL
DIREITA**





ELEVAÇÃO
POSTERIOR



MÉTODO CONSTRUTIVO

O método construtivo escolhido para o projeto foi o MLC – Madeira Laminada Colada. Este material foi escolhido uma vez que materializa os conceitos do projeto: cria uma liberdade espacial ao permitir grandes vãos; sua estrutura também possibilita diferentes formas curvas, orgânicas e ortogonais; e também revela a verdade do material, ou seja, a textura do próprio material fica aparente.

Para a estrutura se utilizou o sistema de pilar e vigas, com vão máximo de 20m. Para isso, criou-se uma malha irregular de pilares que acompanham a forma da cobertura, os pilares do perímetro são em V e os internos são retangulares simples que se encontram com as paredes das salas, não obstruindo nenhuma circulação. A malha de viga está distanciada de 6 em 6 metros e ao se apoiar nos pilares externos, reduzem seu perfil para o balanço da cobertura.

A estrutura foi pré-dimensionados de acordo com o manual oferecido pela REWOOD. Sendo assim, as vigas possuem perfil de 1,2m por 0,2m; os pilares possuem perfil de 0,22x0,22m; e os barrotes possuem perfil de 0,35mx0,08m com uma distância fixa de 60cm. Pela forma da estrutura ser orgânica, a manta de TPO é a solução mais adequada para a cobertura. Onde há aberturas que funcionam como claraboias, e permitem o jogo de luz e sombra, a cobertura de vidro é a mais indicada.

COBERTURA DE MANTA TPO

BARROTES DE MLC (35x8cm)

VIGAS DE MLC (120x12cm)

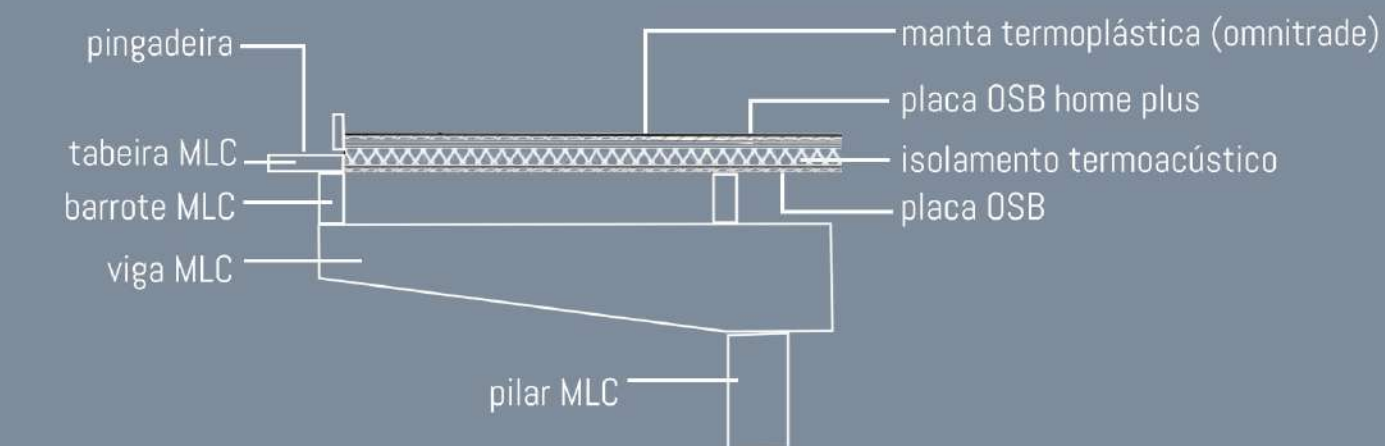
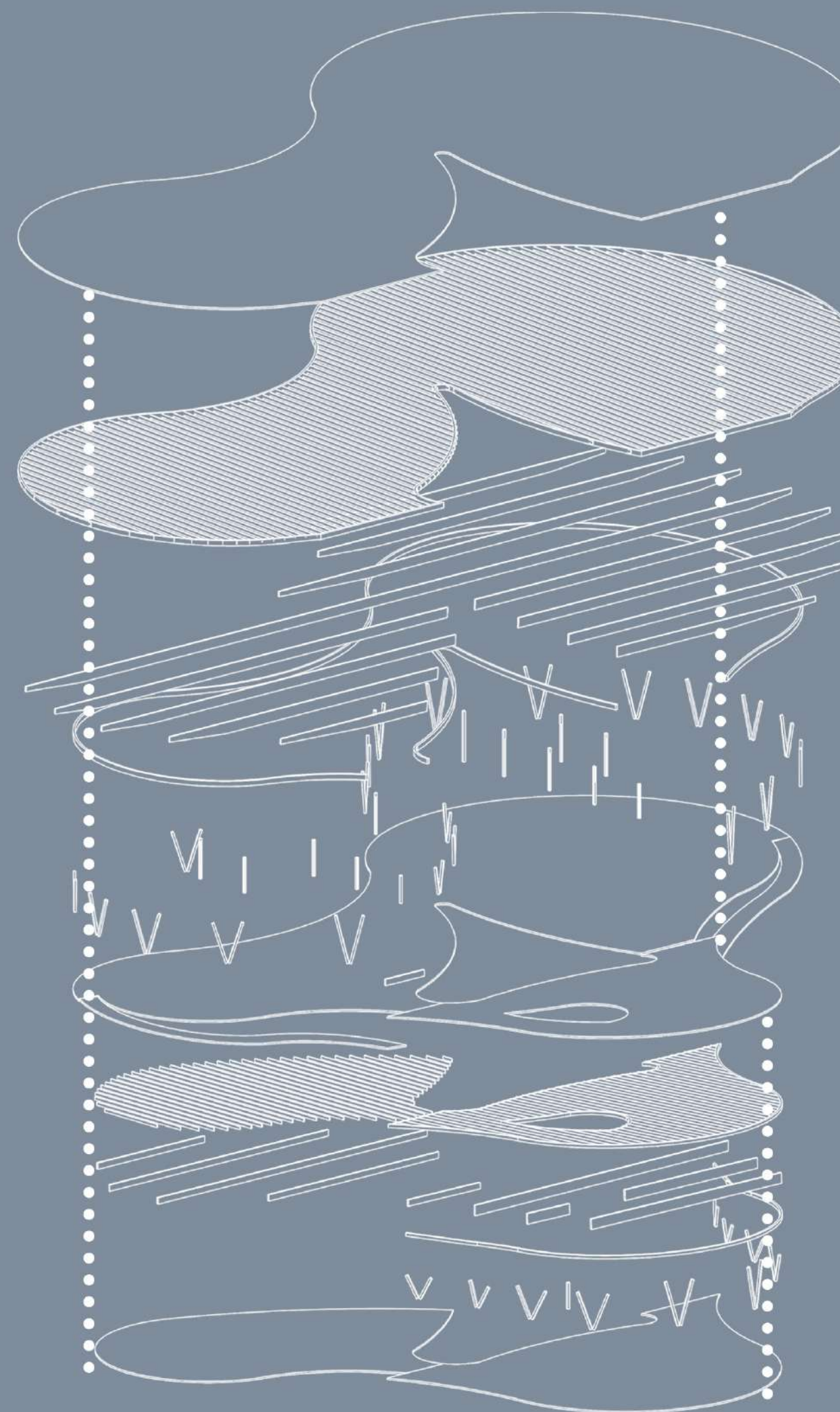
PILARES DE MLC (22X22cm)

LAJE DE PAINEL WALL

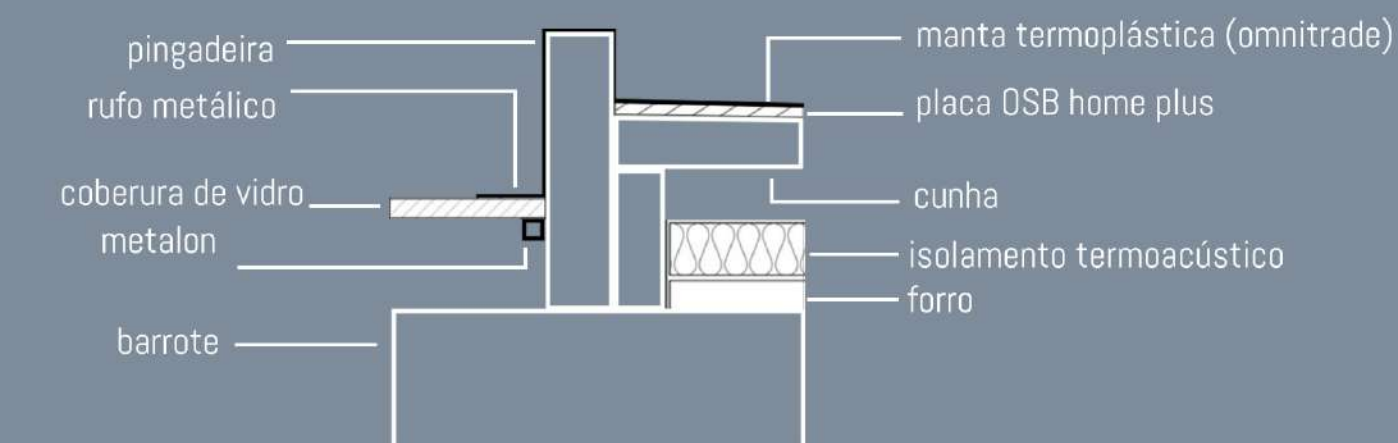
BARROTES DE MLC (35x8cm)

VIGAS DE MLC (120x12cm)

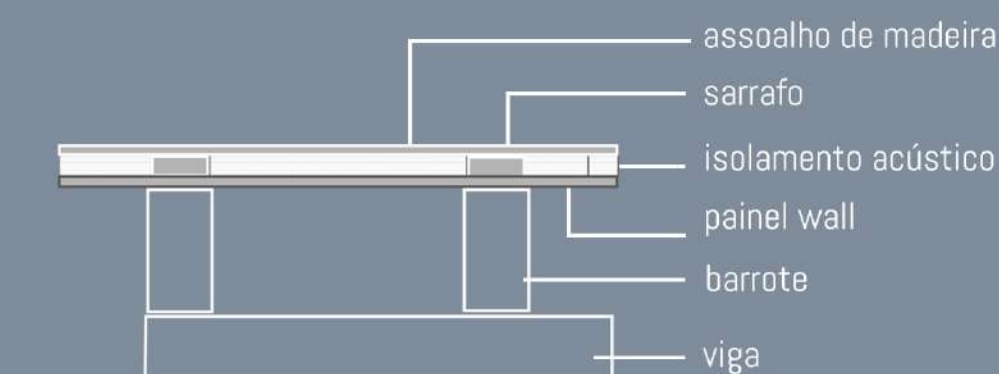
PILARES DE MLC (22X22cm)



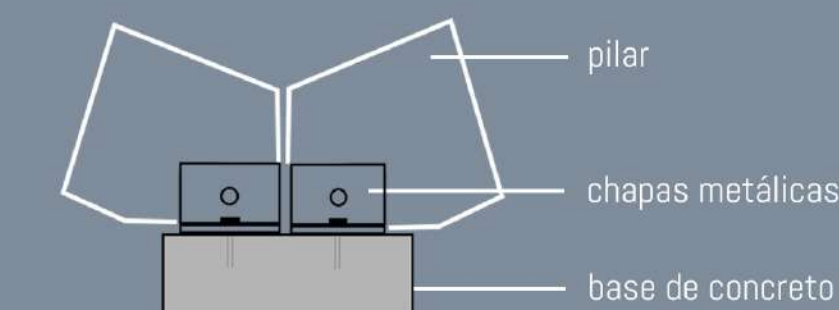
DETALHE COBERTURA MANTA TPO
corte transversal



DETALHE CLARABÓIA
corte transversal



DETALHE LAJE PAINEL WALL
corte transversal



DETALHE PILAR
corte transversal



“É no brincar das crianças que o espaço adquire uma dimensão essencial: não há possibilidade alguma de brincar sem que haja disponibilidade de um espaço e de um tempo adequados, ambos, ao tipo de movimento e atividade que uma determinada brincadeira exige” (MAYUMI W. SOUZA LIMA)

O OLHAR PARA DENTRO

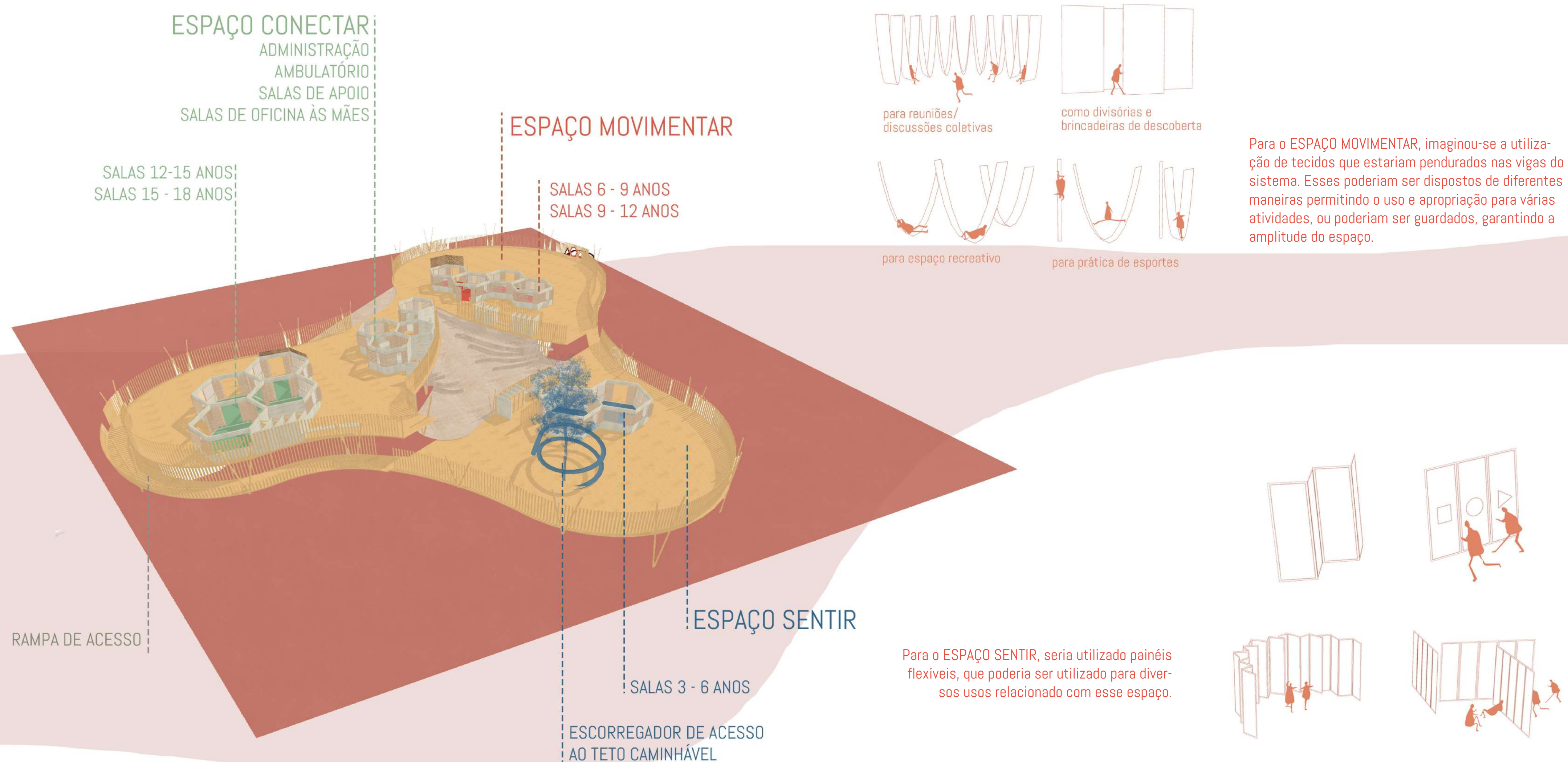
ESPAÇOS INTERNOS

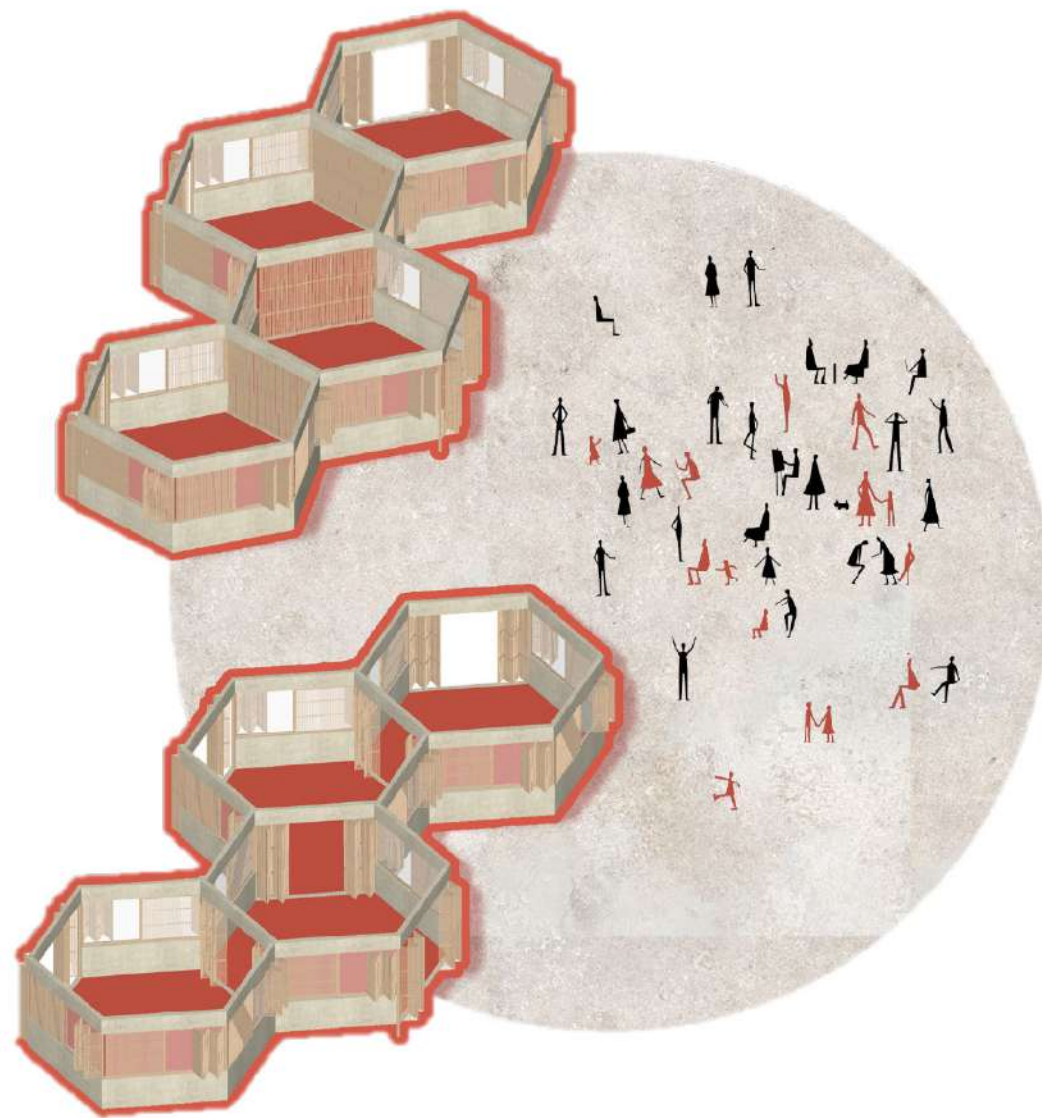
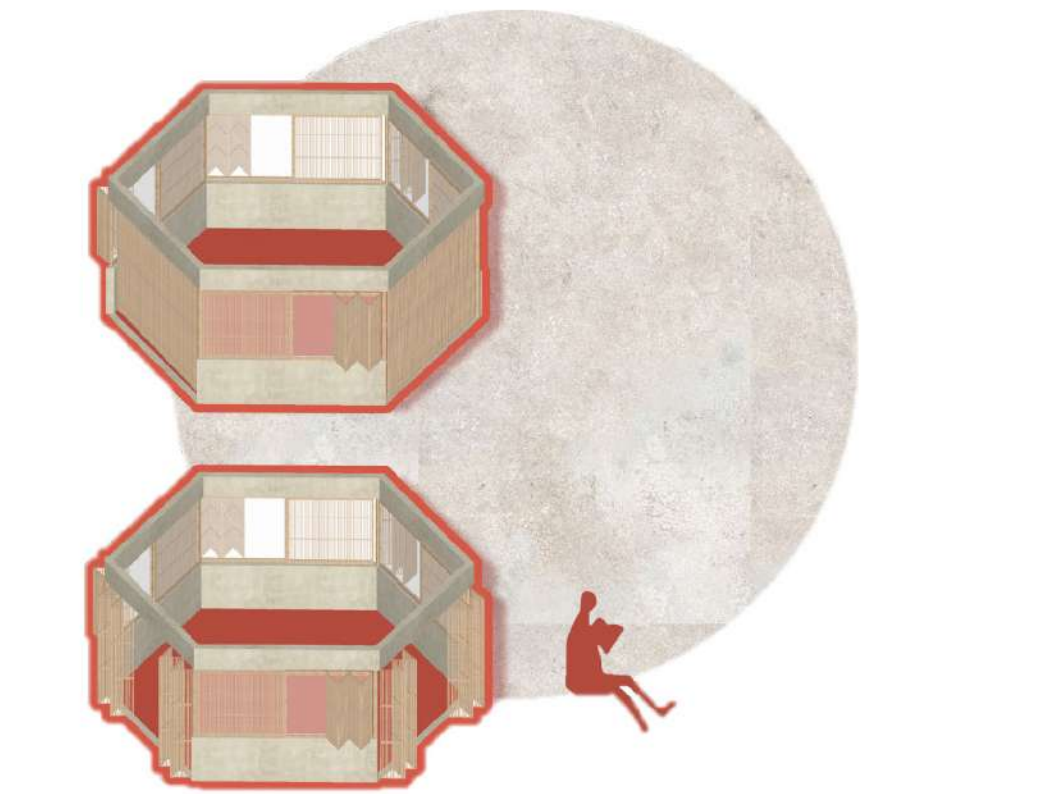
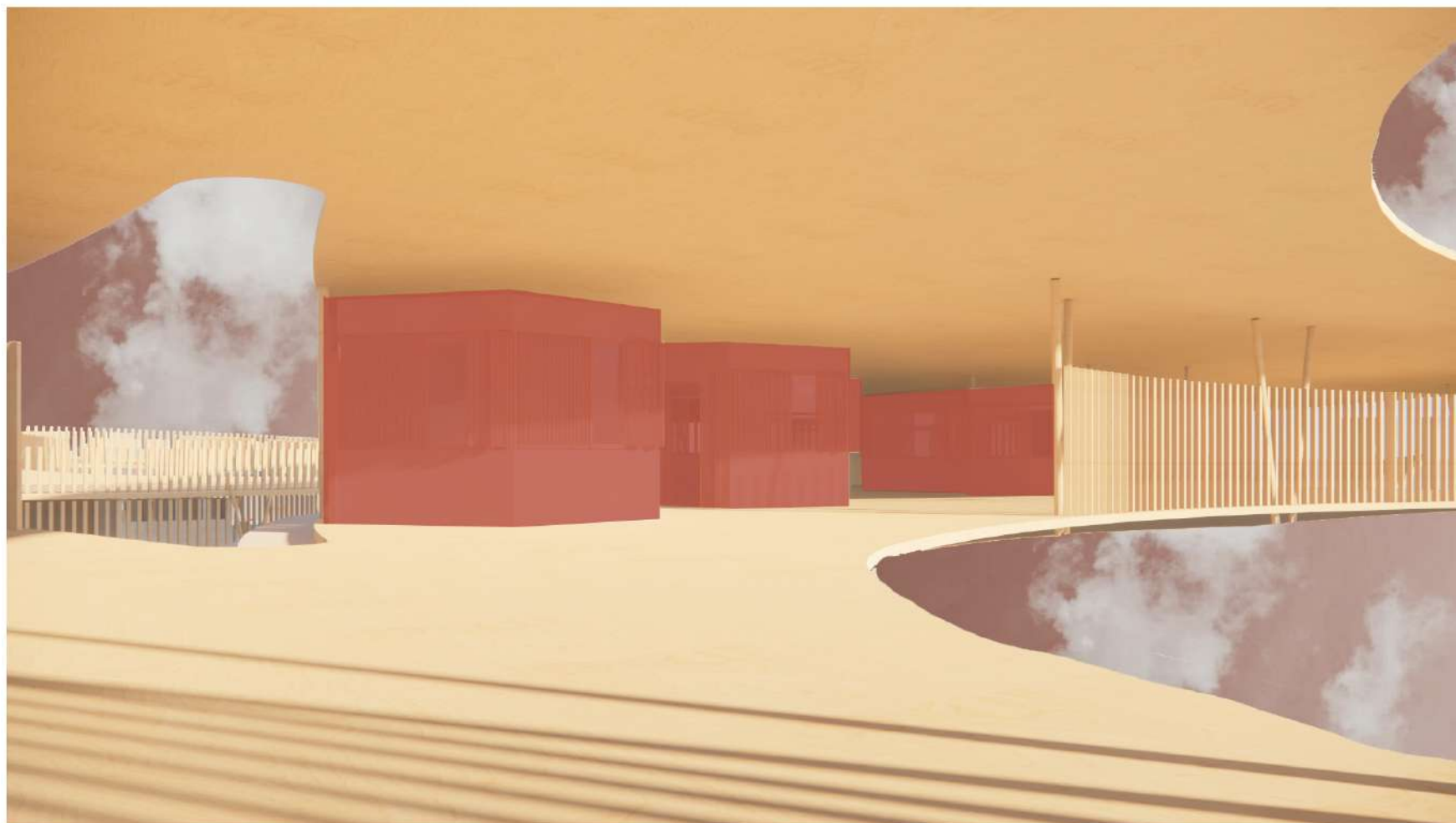
Para criar a divisão das turmas, buscou-se um diálogo com a pedagogia Montessoriana. O seu método parte da ideia de que a criança possui inúmeras potencialidades a serem desenvolvidas. Sua filosofia acredita que, a partir da liberdade, as crianças conseguem manifestar sua tendência natural. Os pupilos não devem ser limitados apenas a observação, mas devem experimentar, e com isso desenvolver suas capacidades motoras, sensoriais e mentais. (MONTessorI at al., 2017)

Para Montessori, o desenvolvimento das crianças e jovens ocorre em fases, são eles os Planos de Desenvolvimento, esses se dividem de 6 em 6 anos, em que cada plano, a criança adquire mais independência dos pais. Já para as salas, Montessori cria uma subdivisão de 3 em 3 anos.

No projeto em questão, buscou-se fazer uma referência a esse modelo, questionando a divisão estritamente de idade que ocorre no modelo convencional de educação. Sendo assim, as turmas se dividem em salas de 3-6 anos, 6-9 anos, 9-12 anos, 12-15 anos e 15-18 anos, e as proximidades dessas salas segue a divisão dos Planos de Desenvolvimento, de 6 em 6 anos, isso é as salas de 6-9 anos ficam próximas das salas de 9-12 anos e as de 12-15 ficam próximas das de 15-18 anos.

Como já comentado previamente, a separação dos ambientes internos também seguiu a lógica dos três setores: ESPAÇO CONECTAR, ESPAÇO SENTIR e ESPAÇO MOVIMENTAR.

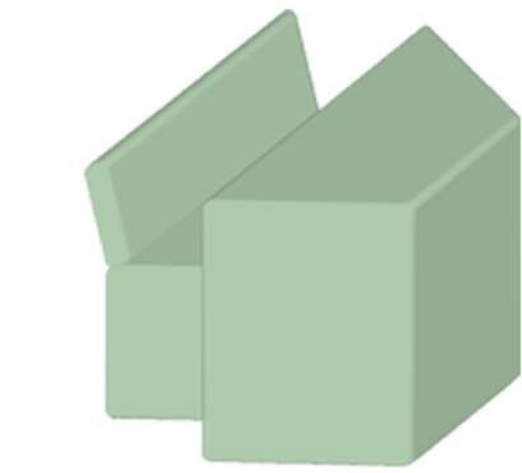




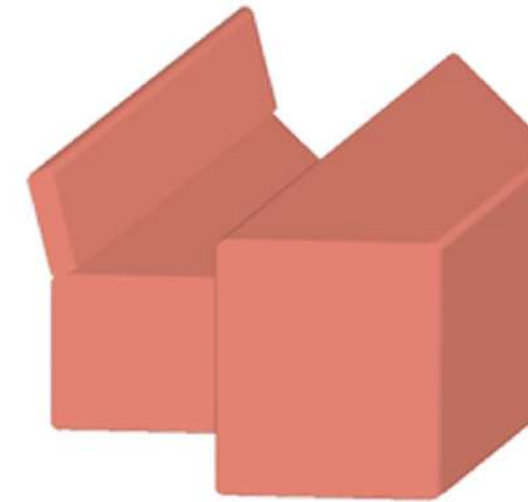
SALAS

Pensou-se nas salas como módulos hexagonais de 35m², com aberturas em quase todas as suas laterais. Essas aberturas marcam a relação entre o ambiente interno e externo das salas. Os módulos hexagonais se encaixam e no encontro das salas ocorre o fechamento por portas camarões, que permitem a abertura e a criação de um amplo espaço compartilhado. Todas as paredes são pintadas com tinta lousa, possibilitando o uso de diferentes maneiras, idades e alturas.

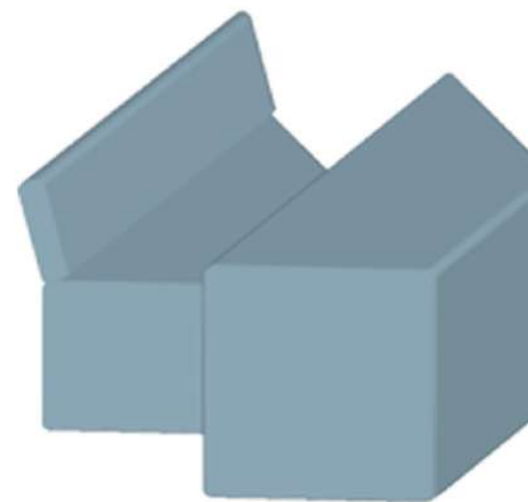
mobiliário salas • mesa • cadeiras



12-18 anos
MESA:
45X60X58
CADEIRA:
40X33X32
(inclinação do
encosto: 105°)

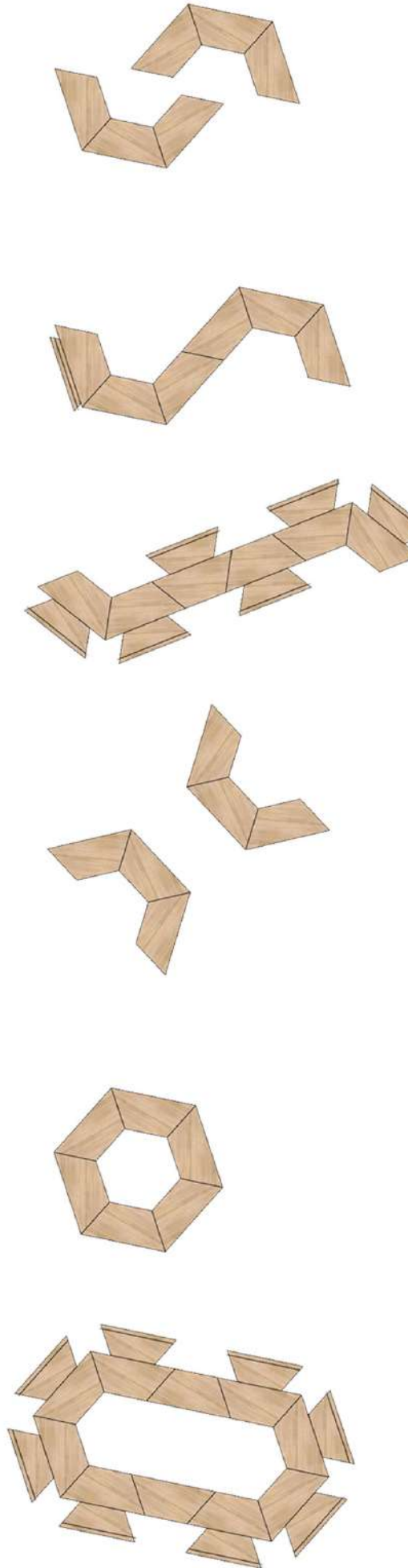


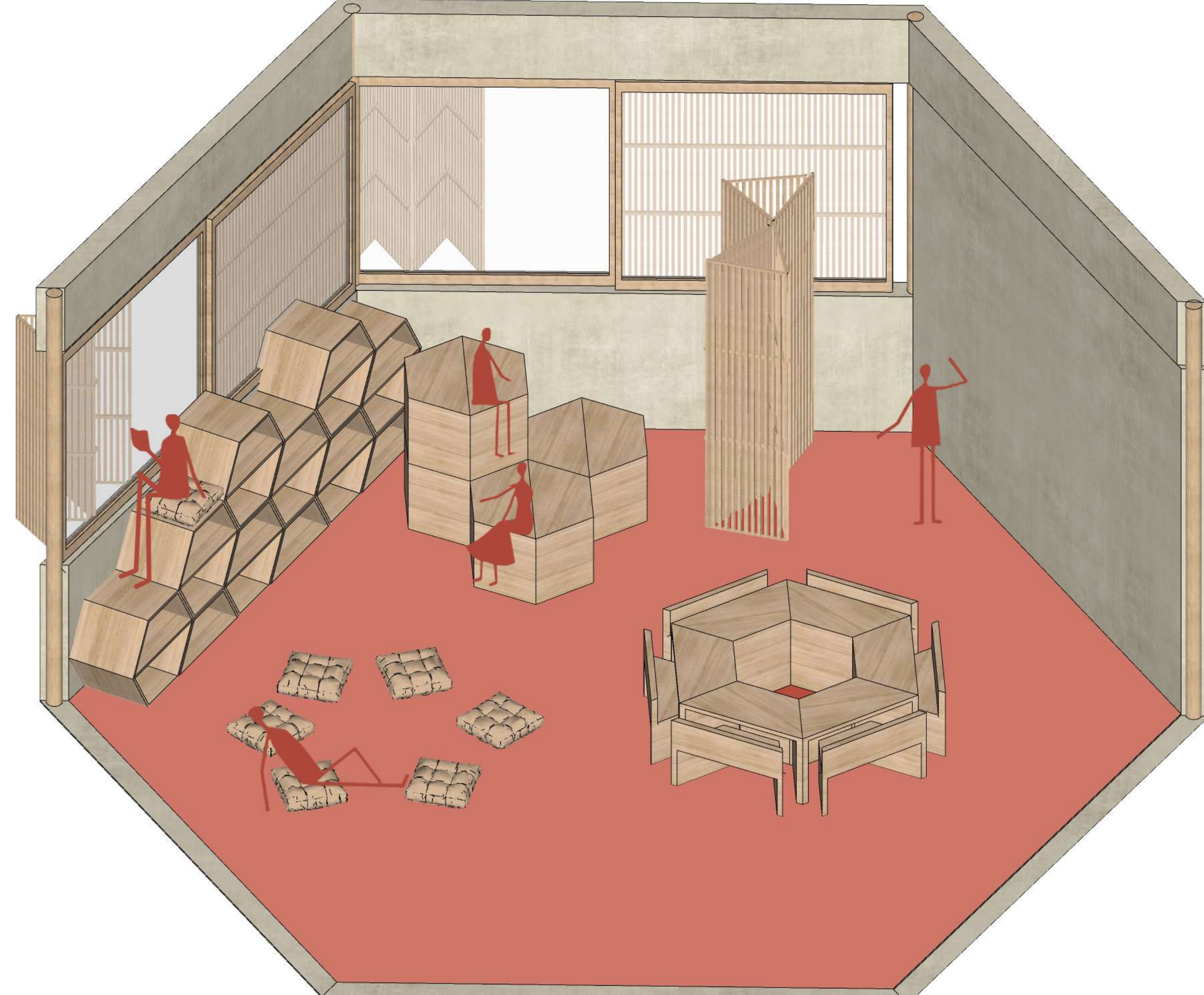
6-12 anos
MESA:
45X60X66
CADEIRA:
40X36X38
(inclinação do
encosto: 105°)



3-6 anos
MESA:
45X60X72
CADEIRA:
40X38X42
(inclinação do
encosto: 105°)

disposições possíveis





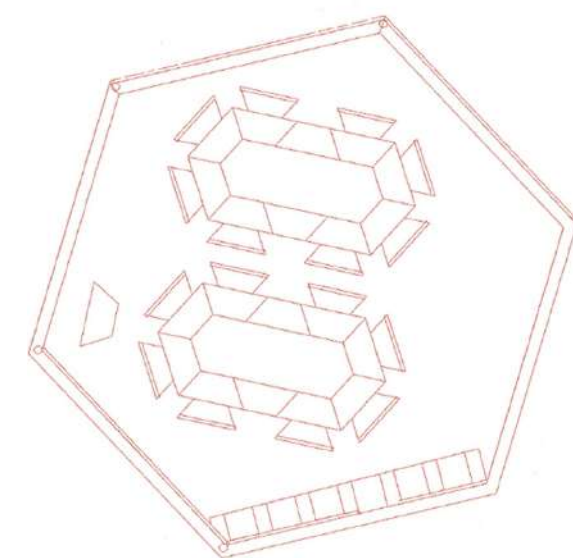
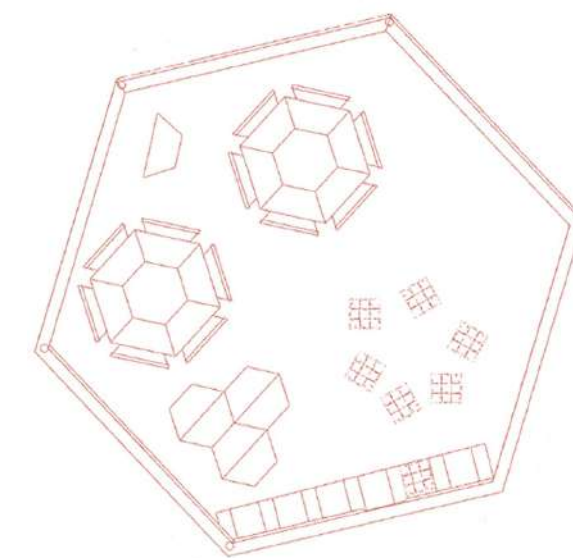
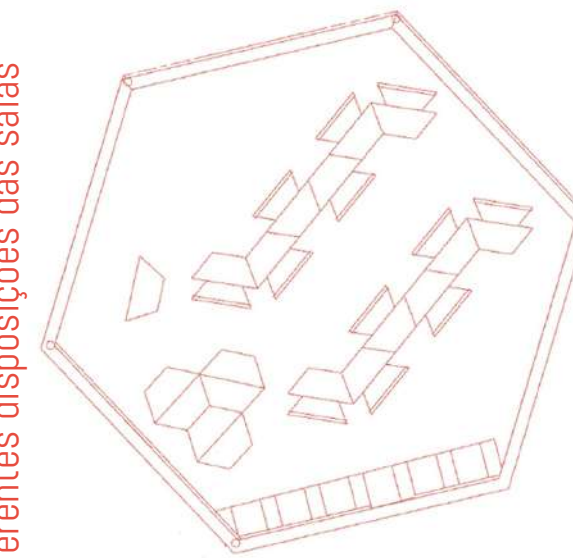
O mobiliário das salas foi pensado de maneira a permitir diferentes usos e disposições.

As mesas e cadeiras possuem as medidas adequadas para cada faixa etária de acordo com os padrões CEBRACE. Essas se encaixam e se adequam a diferentes dinâmicas de sala, de grupo/individual, alinhadas/aleatórias, mesa/arquibancada, desse modo os próprios pupilos podem criar e recriar o espaço.

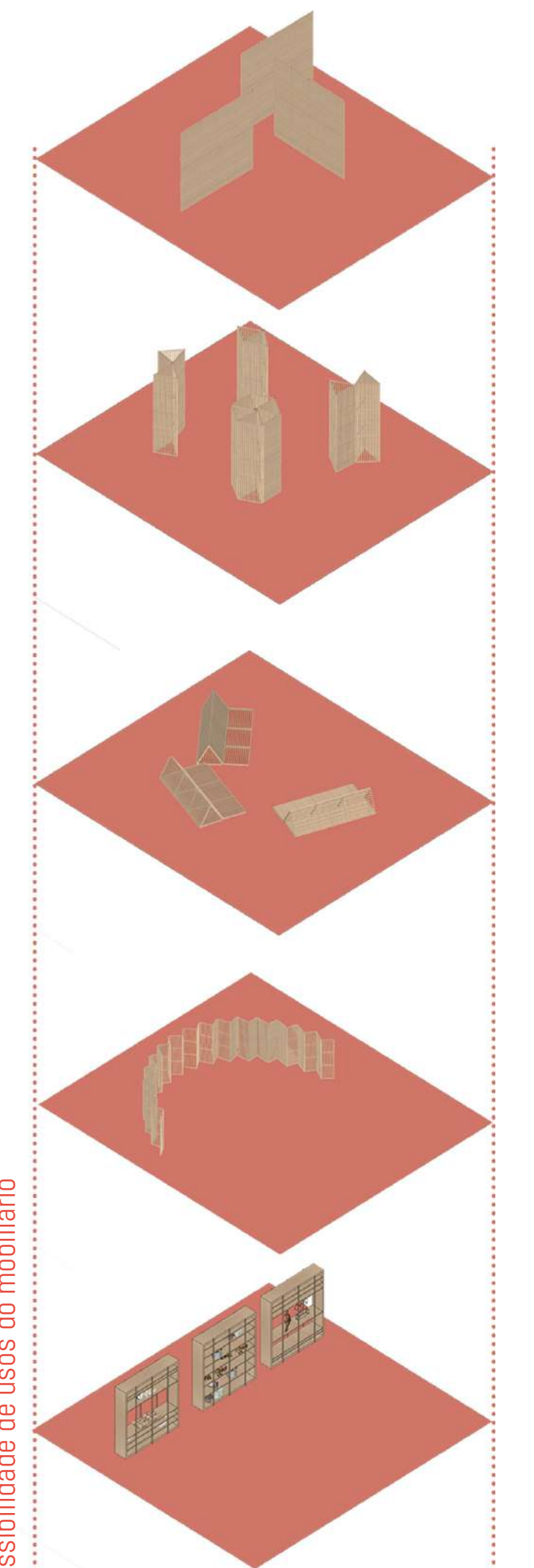
Todas as salas também possuem o espaço de escaninho, para assim, cada aluno ter um espaço para deixar seus itens pessoais. Esses também são como colmeias hexagonais que se encaixam e também podem servir como bancos.

Também se propões mobiliários flexíveis que pudessem circular entre salas e ambientes externos, criando nichos de estar com bancos, divisórias, estantes, expositores entre outras formas e funções que os próprios pupilos criassem. Com isso, os mobiliários, além de servir para diferentes usos, também instigam a apropriação e criatividade.

diferentes disposições das salas

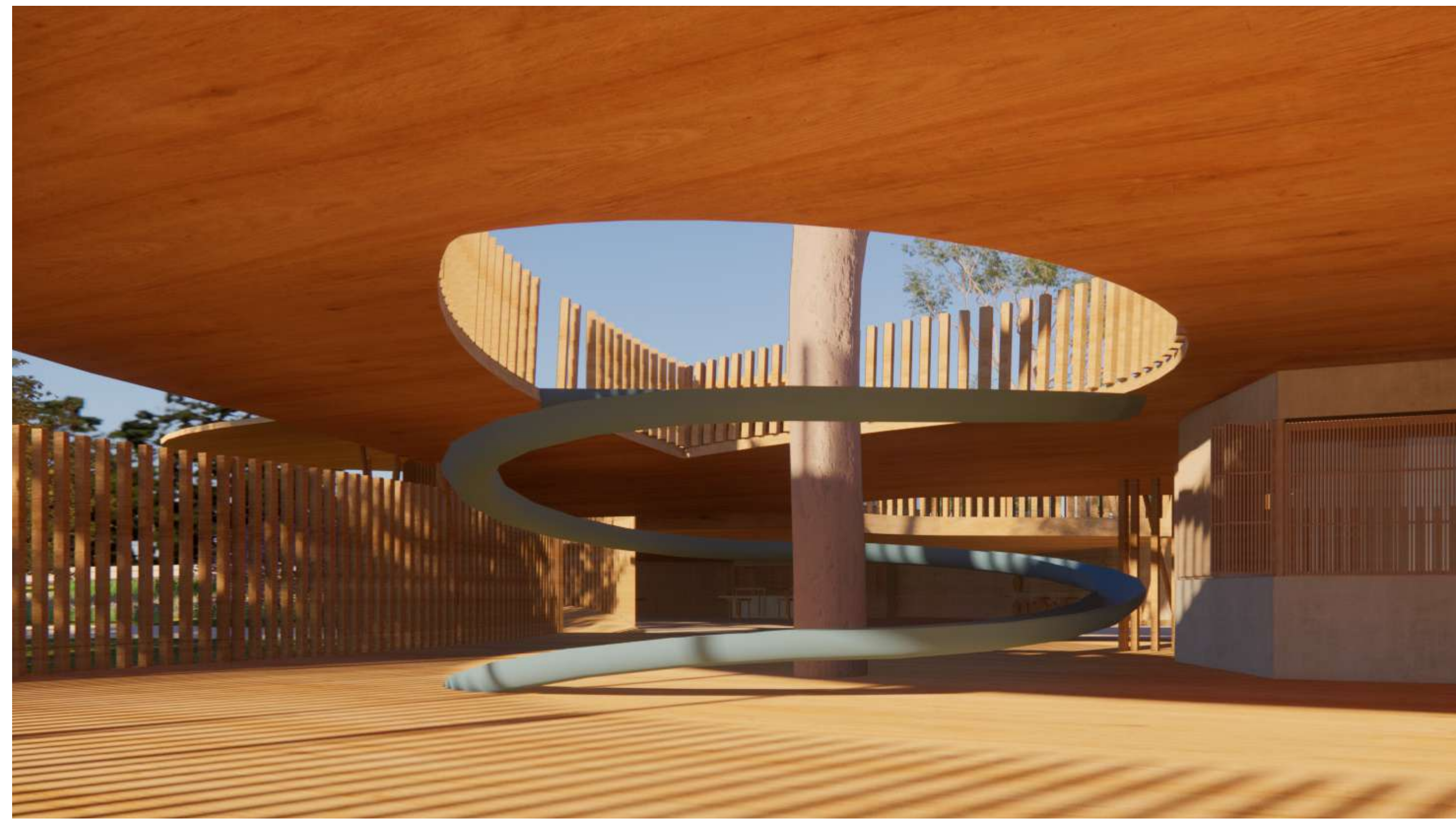


possibilidade de usos do mobiliário















CONSIDERAÇÕES FINAIS



“o mais importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não são sempre iguais, não foram terminadas, mas que elas estão sempre mudando, afinam e desafinam”
(JOÃO GUIMARÃES ROSA)



Ainda que o presente trabalho materializa-se em um edifício arquitetônico, as discussões não devem ser limitadas a uma questão da forma. O projeto tem como objetivo refletir sobre uma série de aspectos relevantes para o ensino e cuidado com a criança e adolescente no cenário brasileiro, e como esses se externalizam no espaço projetado.

A presença da criança e jovem em ambientes comuns, ao contrário da lógica atual de exclusão e isolamento; a função da criança e jovem como agente social, atuando no contexto da comunidade; a participação de outros agentes na formação do indivíduo, descentralizando a responsabilidade da família como únicos membros a participar dessa formação, são de extrema importância para o futuro e estão estritamente ligados ao projeto arquitetônico e urbano das cidades e equipamentos.

Acredito que ao projetar espaços alinhados com esses ideais, é necessário a premissa de criar espaços em potencial. Esses, permitem a apropriação e geram um sentimento de pertencimento, e, assim, crianças e jovens se percebem importantes para a criação do espaço. Ademais criar conexões entre os diferentes equipamentos e usos da população, cria uma integração com a comunidade. Por último, alinhar isso à ludicidade, potencializa a criatividade e permite que crianças e adolescentes desfrutem de seu próprio espaço/tempo.

É na utopia que se questiona a realidade, e na realidade que se projeta a utopia. Espero com essa, ter trazido reflexões sobre a influência do ambiente no indivíduo, sobre a relação que esse possui com o espaço e sobre a importância de se pensar em espaços dedicados àqueles cuja a imaginação é infinita.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Elvira de . Arte Lúdica. São Paulo: EDUSP/ FAPESP,1997. A criança e a invenção de seu espaço: A expressão lúdica como elo entre designer e o usuário , São Paulo: Dep. Projeto FAUUSP (dissertação de mestrado) – 1985 . orientadora : Lucrécia D'Alessio Ferrara.

ASSIS, Neiva de et al. Jovens, Arte e Cidade:(Im) possibilidades de relações estéticas em Programas de Contraturno Escolar. 2012.

BASEI, Andréia Paula; BENDRATH, Eduard Angelo; MENEGALDO, Pedro Henrique Iglesias. Atividades complementares curriculares em contraturno escolar no estado do Paraná: um estudo do macro-campo esporte e lazer. Motrivivência, v. 29, n. 51, p. 136-156, 2017.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 3v.

CARVALHO, Alysson Massote; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. Desenvolvimento e aprendizagem. Editora UFMG, 2002.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Editora Vozes Limitada, 2018.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio D. Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios. Rio de Janeiro: Ens-Cpes, v. 120, 2018.

DE ASSIS, Neiva; ZANELLA, Andréa Vieira. Jovens e programas de contraturno escolar:(Des) encontros possíveis. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João Del-Rei, 2012.

DIAS, Marina Simone. Brincando na cidade, crescendo em cidadania: um estudo sobre os parques infantis de Barcelona, Espanha. Oculum ensaios, v. 14, n. 3, p. 501-522, 2017.

GADOTTI, Moacir. Educação integral no Brasil: inovações em processo. 2009.

GOMES, Ruth Cristina Soares; GHEDIN, Evandro. O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget e suas implicações a educação científica. Actas do VIII ENPEC–Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, p. 5-9, 2011.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura (trad. João Paulo Monteiro). São Paulo: Perspectiva, 1971.

LANSKY, Samy. Na cidade, com crianças: uma etno-grafia espacializada. 2012.

LIMA, Mayumi Souza. A Cidade e a Criança. São Paulo: Nobel, 1989 – Coleção Cidade Aberta.

MAIA, Joana Fonseca – “Brincar na rua”. Desenhar (n)o espaço público. Dissertação de mestrado integrado, docente acompanhante Professora Doutora Maria Madalena Ferreira Pinto da Silva. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012.

MAZZILLI, Clíce de Toledo Sanjar. Design de espaços lúdicos Design of playable spaces.

MARTINHO, Joana Isabel Pereira. O espaço para a criança na cidade. Um estudo crítico a partir da experiência de Aldo Van Eyck. 2014.

MOLL, Jaqueline. Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Penso Editora, 2009.

MONTESSORI, Maria; HUNT, J. McV; VALSINER, Jaan. The montessori method. Routledge, 2017.

NASCIMENTO, Andréa Zemp Santana do. A criança e o arquiteto: quem aprende com quem?. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

OGUISSO, Taka. Planejamento de creche: um desafio para as empresas. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 25, n. 5, p. 127-138, 1972.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Artmed Editora, 2009.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Superintendência da Educação. Resolução 1.690 - 27 de Abril de 2011. Publicado no Diário Oficial nº. 8472 de 24 de Maio de 2011

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Superintendência da Educação. Manual de Orientações do Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno”. II Semestre de 2011

PIAGET, J. A psicologia. 2. Ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

PIAGET. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Álvaro de Cabral, Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1990.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara; PIMENTEL, Giuliano Gomes De Assis. Discurso do lúdico nos discursos sobre o lúdico. Forma y Función, v. 22, n. 1, p. 161-179, 2009.

SANTOS, Elza Cristina. Dimensão lúdica e arquitetura: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. Cadernos de Educação, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WINNICOTT, Donald. O brincar e a realidade (trad. José Octavio de Aguiar Abreu, Vanede Nobre). Imago, Rio de Janeiro, 1975.

